



## DISPUTA MUNICIPAL

# Voto é facultativo para 16% do eleitorado paraibano em 2024

Cerca de 522 mil pessoas podem optar pela participação no pleito e ajudar a definir as eleições. **Página 13**

Foto: João Pedrosa



## Festa junina reúne tradições e reforça a cultura nordestina

Música, comidas típicas e brincadeiras fazem parte dos costumes neste período. A procura por fogos de artifício também cresce no estado. **Páginas 5 e 17**

■ “Sou de um tempo em que o governador e família moravam no palácio. O olhar sai me levando tempo adentro, aprofundando-me nas sombras, e quanta história!”

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “O excesso de informação, tratado por estudiosos como ‘infodemia’, é fator que leva as pessoas a evitarem o noticiário, visto que os indivíduos têm se sentido sobrecarregados.”

Angélica Lúcio

**Página 26**

## Zezé Motta reflete sobre a carreira e papel marcante na TV

Às vésperas de completar 80 anos, a artista reencontra seu personagem mais revolucionário na televisão, com a reprise da novela “Corpo a Corpo”.

**Página 9**

Foto: Tiago Medeiros/Arquivo pessoal



## Nau Catarineta sob risco de desaparecer

Com 112 anos de existência, o folgado de Cabedelo enfrenta desafios para não cair no esquecimento.

**Página 25**

## Projeto da UFCG promove recuperação do semiárido na PB

Ações desenvolvidas no Cariri buscam proteger a biodiversidade dos danos causados pela ação humana.

**Página 20**

## Brasil estreia na Copa América, amanhã, contra a Costa Rica

Jogo será às 22h, em Los Angeles, e marca o primeiro desafio da equipe sob o comando de Dorival Júnior.

**Página 24**



Foto: Bendito Benedito/Divulgação



## Pensar

O preconceito, o medo e a rejeição contra pessoas que vivem com HIV são os assuntos tratados nesta edição do suplemento. O estigma pode levar ao isolamento social, depressão e ansiedade. A sorofobia se manifesta de várias formas, sendo necessário combatê-la com informação e empatia.

**Páginas 29 a 32**

# Editorial

## O fogo e a flora

Hoje é dia de festa no Brasil. Mais especificamente, na região Nordeste, onde o São João é celebrado com mais intensidade, e de variadas formas, desde os pratos típicos e fogos de artifício aos concursos de quadrilhas juninas e apresentações de artistas ligados (ou não) à tradição do xote, do xaxado e do baião. Ritmos que, para muitas pessoas, são passados de sinônimos do bom e velho, porém imorredouro forró.

Conhecer a história do São João é percorrer trilhas que ligam a modernidade a tempos que remontam à origem europeia da formação do Brasil. No início agrário da narrativa, celebrava-se a colheita. Posteriormente, houve a cristianização da festa, colocando-se Santo Antônio, São João e São Pedro nos pedestais da devoção, para atender a vários tipos de apelos, inclusive de alguém para dividir as alianças.

As fogueiras e os fogos de estampidos tendem a sofrer proibições em todo o território nacional, mas as festas juninas, por muito tempo, ainda continuarão associadas ao clarão. Sendo assim, é tempo de diversão, mas também de reflexão. Isso porque, no segundo caso, grande parte do Brasil literalmente pegou fogo. No período que se estende de 1985 a 2023, foram incendiados, no país, 199,1 milhões de hectares.

São muitos incêndios — o equivalente a 23% do território brasileiro —, muitos deles criminosos, mesmo para um país com a extensão continental do Brasil. A constatação é científica e resulta de pesquisa realizada pelo MapBiomias Fogo, rede colaborativa de cocriadores, constituída por organizações não governamentais, universidades e empresas de tecnologia, organizadas por biomas e temas transversais.

Os números do estudo divulgado pelo MapBiomias Fogo impressionam até mesmo as pessoas que acompanham de perto os problemas relacionados ao meio ambiente brasileiro. Mais de 68% das queimadas ocorreram em áreas de vegetação nativa. O Cerrado e a Amazônia concentram 86% da área queimada pelo menos uma vez e 46% da área queimada estão condensados nos estados do Mato Grosso, Pará e Maranhão.

Nesta noite de São João, ao se olhar para o céu, quicá enluarado e cheio de estrelas — em vez de iluminado por balões e foguetes de tiro —, que a luz da consciência também se estenda sobre as matas e florestas brasileiras — a poética e misteriosa flora, hoje tão maltratada pelas descargas elétricas das tempestades, no entanto, mais ainda pelas faíscas de isqueiros e chamas de archotes manipulados por mãos criminosas.

## Artigo

Rui Leitão  
ruileitao@hotmail.com

### DOI-Codi — o centro de repressão da ditadura

A estrutura de repressão política da Ditadura Militar instalada em nosso país, a partir do Golpe de 64, foi centralizada num órgão criado pelo general Orlando Geisel, ministro do Exército, em 1970, no governo Médici: o DOI-Codi (Departamento de Operações de Informação do Centro de Operações de Defesa Interna).

Esse aparelho militar foi inspirado no modelo da Operação Bandeirantes (Oban), que reunia civis e militares. Tanto que foi na sua sede, localizada na Rua Tutoia, no bairro do Paraíso, em São Paulo, que o DOI-Codi se instalou, onde vários presos políticos foram submetidos a torturas, assassinatos e outros simplesmente desapareceram sem que até hoje se tenha notícias para onde foram deslocados. No Rio de Janeiro, essa casa de tortura funcionava no Quartel da Polícia do Exército, na Tijuca. Apenas pelo DOI-Codi do 2º Exército (São Paulo) passaram mais de 6.700 presos, dos quais pelo menos 50 foram assassinados sob custódia entre 1969 e 1975, segundo o pesquisador Pedro Estevam da Rocha Pomar. Nos demais estados, esse trabalho ficava a cargo das Secretarias Estaduais de Segurança e dos departamentos de Ordem Política e Social (Dops), com subordinação direta ao IV Exército (Recife), o Comando Militar do Planalto (Brasília), a 5ª Região Militar (Curitiba), a 4ª Divisão de Exército (Belo Horizonte), a 6ª Região Militar (Salvador), a 8ª Região Militar (Belém) e a 10ª Região Militar (Fortaleza). Em 1974, o III Exército (Porto Alegre) substituiu a Divisão Central de Informações (DCI).

Foram editadas Leis de caráter coercitivo (atos institucionais, Constituição de 1967, Lei de Segurança Nacional), autorizando a execução de operações de repressão política, por intermédio de compartimentos especializados, tais como: Setor de Investigações, incumbido de identificar e localizar indivíduos procurados; Seção de Busca e Apreensão, responsável pela captura de suspeitos e a apreensão de material subversivo; Subseção de Interrogatório, encarregada de realizar os interrogatórios preliminares, e Subseção de Análise, que mantinha um arquivo sobre os prisioneiros e as organizações de esquerda, analisava os documentos apreendidos, estudava os depoimentos dos presos, fazia pesquisas para elucidar dúvidas, fornecia subsídios ao trabalho dos interrogadores e elaborava as informações encaminhadas às escalas hierárquicas superiores.

Rui Leitão

A chamada “linha dura”, contrária à política de distensão do governo Geisel, comandada pelo comandante do II Exército, general Ednardo D’Ávila Melo, e o secretário de Segurança Pública de São Paulo, coronel Erasmo Dias, entrou em queda de braço com o então presidente da República. Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, da TV Cultura, foi assassinado, sob tortura, nas dependências do DOI-Codi paulista. No entanto, a versão oferecida foi a de suicídio por enforcamento. O fato ganhou grande repercussão e produziu forte comoção popular. Geisel reagiu imediatamente, destituiu o general Ednardo de Melo e afastou todos os que, direta ou indiretamente, foram considerados responsáveis pelo episódio.

Em dezembro de 1976, ocorreu o episódio que ficou conhecido como a “chacina da Lapa”, no qual uma reunião da cúpula do PC do B em São Paulo foi cercada e, numa simulação de tiroteio, parte dos membros da direção do partido foi assassinada. A ação foi coordenada pelo delegado do Dops, Sérgio Paranhos Fleury, e o ex-chefe do DOI paulista, tenente-coronel Carlos Alberto Brillhante Ustra.

O DOI-Codi foi desativado no fim do governo do general João Batista Figueiredo, por meio de uma portaria reservada do ministro do Exército, general Valter Pires.

“

O fato ganhou grande repercussão e produziu forte comoção popular. Geisel reagiu imediatamente e destituiu o general Ednardo de Melo

## Foto Legenda

Julio Cezar Peres



O artista na rua

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### No final da ladeira

Quase não alcanço o fim da subida da Rua da República, rua traçada por B. Rohan e cenário da melhor crônica que nos legou Luiz Ferreira, um cultor eciano da escrita que dirigiu A União na fase de instalação no Distrito. Não lembro o título e só o narrador a recontaria, se é que não fosse um conto dos russos. Perdeu-se na efemeridade do jornal. Foi ele um lavrador bem-sucedido da literatura a retalho deixada por rigor perfeccionista fora do livro. O que não foi nem tem sido diferente com Martinho Moreira Franco, que tanto nos alertava para cada gol de placa de Ferreira, comportando-se, ele também, com a mesma desconfiança do seu talento e, no fim de contas, da aceitação do seu grande número de leitores, sobretudo dos colegas de ofício.

Sim, eu fora repor o vidro de um quadro fotográfico de um dos nichos azulejados da Paixão, ideia emocionada de minha mãe quando se viu diante do adro franciscano. A ideia despontou quando eu não possuía máquina, embora já ajudasse na revelação do Foto Clube de Damásio Franca. Logrei fotografar quando já não me restava a fortuna de enquadrar minha mãe no mundo da sua fé e devoção.

Cheguei sem fôlego à calçada do antigo Cine Filipeia, esquina com a General Osório. Não é ladeira para enfisematosos da minha idade. Estaquei, mal me segurando nas pernas, abrindo vaga entre três ou quatro mulheres que fazem ponto naquele cruzamento de freio obrigatório. Ofereceram-me tamborete e, mal começo a refazer-me, ouço o vozeirão do velho Luis Troccoli, morto há décadas, a gritar da cabeça da ladeira para o resto dos Trocollis e da gente largada da Itália para vir ornar a arquitetura e os ofícios de mestre desta cidade. Falava da porta da loja, o corpanzil no tamanho exato da porta, o vozeirão penetrando rua abaixo tal como Ferreira, morador da rua, o descreveu.

Ali recostado, o cansaço termina me ajudando. Começo a me sentir contemporâneo e solidário da praça deserta ao lado com seu belo e autêntico exemplar de coreto que a calça bem dosada do presidente Camilo de Holanda consegue manter de pé. O palácio, à esquerda, está sendo restaurado para guardar os passos, o or-

“

Logrei fotografar quando já não me restava a fortuna de enquadrar minha mãe no mundo da sua fé e devoção

Gonzaga Rodrigues

gulho ou a história dos que o ocuparam — desde quando Evandro Nóbrega, a quem devemos a melhor síntese ilustrada do relicário patrimonial dos poderes e da Igreja em pequena plaquete endereçada ao turismo. E vejo-me debruçado no mirante que um vasto terraço do palácio dava para a cidade baixa em seu encontro com o rio crepuscular. Sou de um tempo em que o governador e família moravam no palácio. O olhar sai me levando tempo adentro, aprofundando-me nas sombras, e quanta história! Eis-me rapaz iniciante a subir a escadaria atapetada de vermelho sob florões de cristais de um grande candelabro. O governador acordou cedo e pediu um repórter para simples anotações. E lá me mandam para ser conduzido à mesa do café de sua excelência com a família. Era para anotar os termos de uma pauta de atividades do seu dia. “ Já tomou café? ” E mandou servir-me um cafezinho com direito a assento na mesa. Absurdamente, o tempo pode anular o poder dos palácios, relegar o papel dos coretos que por milagre ainda se sustentam, mas nunca apagar de vez certas ocasiões que as sombras escondem e que ressurgem convergidas em momentos de hoje.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

EDSON RAMALHO

# Hospital dispõe de setor de reabilitação auditiva

Espaço oferece exames e diagnósticos para pacientes com perda de audição

Samantha Pimentel  
samanthahuniao@gmail.com

Pacientes com perda auditiva podem voltar a ouvir e ganhar mais qualidade de vida. Esse é o resultado do trabalho realizado pelo Setor de Reabilitação Auditiva (SRA) do Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER), gerenciado pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde). O espaço atende crianças, adultos e sobretudo idosos, que podem realizar diversos exames e diagnósticos de problemas de audição, além de realizar a entrega de aparelhos para os pacientes com perda auditiva. Em 20 anos de atuação, o SRA possui mais de 20 mil prontuários e, por ano, são realizadas mais de mil entregas de aparelhos à população.

Segundo Mariana Martins, coordenadora de fonoaudiologia do Hospital Edson Ramalho, o SRA é um serviço realizado por vários profissionais e pode ser acessado por toda população. “O serviço de reabilitação auditiva é um serviço composto por fonoaudiólogos, laringologista, temos psicóloga e nós realizamos avaliação auditiva e a entrega dos aparelhos auditivos”, afirmou. O fornecimento dos aparelhos, que estava interrompido temporariamente, será retomado ainda neste ano, visando suprir a demanda reprimida dos pacientes que se enquadram nos critérios estipulados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para recebimento desse equipamento.

Ao receber um aparelho auditivo, o paciente segue em acompanhamento com a equipe, como explica Mariana Martins: “Primeiro o paciente vem para a gente com alguma queixa auditiva que ele tenha, e a partir disso são feitos os exames auditivos e a consulta com o otorrinolaringologista. Caso o paciente tenha a identificação da perda auditiva, ele passa pela auditoria médica e, se ela indicar o aparelho auditivo, juntamente com o médico que atendeu o paciente, ele entra para fila de espera. E aí, após a entrega do aparelho auditivo, ele continua em acompanhamento com a gente”, afirmou. Através desses acompanhamentos, o aparelho vai sendo ajustado, de acordo com as necessidades de cada paciente.

O setor ainda emite laudo em caso de deficiência, além de oferecer exames como audiometria tonal, audiometria vocal, imitanciométrica, avaliação em campo livre, audiometria comportamental, entre outros. Através do SRA, também é possível realizar o exame do Potencial Evocado Auditivo do Tronco Encefálico (BERA), sendo o Hospital Edson Ramalho um dos quatro locais da Paraíba onde ele pode ser realizado. Esse procedimento é uma espécie de eletrocardiograma do nervo auditivo, onde é possível detec-



Foto: Leonardo Atriel

Unidade hospitalar também realiza entrega de aparelhos para pacientes com perda auditiva

## Aparelhos

**Em 20 anos de atuação, o SRA possui mais de 20 mil prontuários e, por ano, são realizadas mais de mil entregas de aparelhos à população**

tar alterações neurológicas na condução do som até o cérebro, além de ser usado para diagnosticar perda auditiva em bebês, emitir laudo de deficiência ou mesmo para confirmar uma alteração diagnosticada por outros exames.

### Pacientes idosos

Segundo a coordenadora de fonoaudiologia do Hospital, a maioria dos pacientes que procuram o serviço são idosos, que perdem a audição por causas naturais, em decorrência do avanço da idade. “Esse é geralmente o paciente que procura a gente, o paciente que ficou mais isolado, não consegue entender as falas, fica pedindo para repetir, as pessoas não têm paciência. Então, é um paciente que, muitas vezes, deixa de ter um convívio social, deixa de sair por conta disso”, destacou Mariana Martins.

A profissional também comenta que, de todos os cinco sentidos, a perda da audição é a que mais causa depressão e que mais isola as pessoas. “Por conta disso, nós temos psicóloga aqui também, que faz esse acompanhamento dos pacientes. Nós já tivemos pacientes que chegaram a pensar em suicídio”, destacou.

O local também atende crianças que já nasceram com perda auditiva ou que desenvolvem essa perda por causa de alguma doença, ainda na infância. “Essas crianças entram como prioridade porque, quando se nasce surdo, você não



Mariana Martins é coordenadora de fonoaudiologia

“**Caso o paciente tenha a identificação da perda auditiva, ele passa pela auditoria médica**

Mariana Martins

vai aprender a falar, porque você não tem o *feedback* auditivo, então você precisa disso. Por essa razão, elas entram na fila como prioridade para que elas tenham esse desenvolvimento o mais próximo possível do natural”, afirmou.

### Como acessar o serviço

Para acessar os serviços, o paciente pode vir através de encaminhamento médico ou mesmo procurar a unidade diretamente, em razão de alguma queixa auditiva, como dificuldades para ou-

vir, secreções no ouvido, dor ou zumbido constante, entre outras. Segundo Mariana Martins, o local é referência no estado para problemas auditivos: “Nós realizamos uma avaliação contínua da audição, então nós temos vários exames que eles são complementares, e a gente faz uma avaliação que a gente utiliza diferentes tipos de exames auditivos para entender onde está alterada a via auditiva do paciente”, destacou.

Ela acrescenta que a avaliação busca saber onde está o problema, se é na orelha externa, orelha média, orelha interna, se é decorrente de alguma patologia ou outras causas. Com isso, é possível encaminhar o tratamento adequado. “Caso seja possível, vamos tratar aqui mesmo, no ambulatório, caso não, vamos encaminhar o paciente. E mesmo que o paciente não apresente perda auditiva, ele continua sendo acompanhado, fazendo exames a cada seis meses para avaliação auditiva”, afirmou Mariana.

O Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER) fica localizado na Rua Eugênio Lucena Neiva, s/n, bairro Tambiá, em João Pessoa.

## UN Informe

DA REDAÇÃO

### PESSOAS COM DOWN PODEM SER BENEFICIADAS COM ISENÇÃO DE IPVA

Mirando a inclusão social e igualdade de direitos, o deputado estadual Michel Henrique (Republicanos), apresentou um projeto de lei que visa isentar do pagamento do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) os veículos de propriedade de pessoas com Síndrome de Down. O deputado argumenta que a medida está alinhada com a Resolução 267 do Conselho Nacional de Trânsito, que reconhece o direito das pessoas com Síndrome de Down a dirigir e a utilizar vagas especiais de estacionamento. “Nada mais justo e coerente do que isentar esses cidadãos do pagamento do IPVA, garantindo-lhes um direito que já é reconhecido em outras esferas”, afirmou Michel. A proposta dá nova redação à lei que já garante o benefício a pessoas com deficiência física, visual, mental severa e autismo. A isenção será limitada a um veículo por beneficiário. A proposta também segue exemplos bem-sucedidos de outras regiões do Brasil. Em Minas Gerais, tramita um projeto semelhante que já recebeu aprovação das principais comissões legislativas, enquanto a isenção já é uma realidade no Pará. “A inclusão expressa da Síndrome de Down na legislação paraibana é essencial, considerando que essa

condição não se enquadra nos conceitos tradicionais de deficiência física ou mental”, explica. O parlamentar acredita que o projeto será aprovado na Assembleia Legislativa.



Foto: Reprodução/ALPB

### VERGONHA ALHEIA (1)

Vídeo de vergonha alheia que viralizou nas redes sociais: a deputada federal Erika Kokai (PT-DF) rebateu *fake news* do deputado Cabo Gilberto (PL-PB). Com voz histriônica, o bolsonarista foi à tribuna detonar a gestão de Lula. “Onde vamos parar? O peso argentino passou do real, meu pai do Céu. Ou estou falando alguma besteira aqui?”. Estava.

### VERGONHA ALHEIA (2)

Aparteado por Kokai, foi golpeado com informações atuais e reais: “Para aqueles que teimam em continuar na mentira, um real, no Brasil, é equivalente a quase 170 pesos argentinos. E a inflação da Argentina deve chegar a 233% no ano. A inflação no Brasil, menos de 4%, com uma Selic, que é um boicote que o Banco Central faz ao país, de 10,5%. Onde está o desgoverno? O desgoverno passou, foi derrotado”.

### SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES

A Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa aderiu à Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola. O programa é ofertado pelo Ministério da Educação e visa fortalecer ações e programas educacionais voltados à superação das desigualdades étnico-raciais e à promoção da política educacional para a população quilombola.

### WORKSHOP DA ESMA

O desembargador Ricardo Vital de Almeida, diretor da Escola Superior da Magistratura, vai ministrar o workshop “Dosimetria e temas correlatos: reflexões pontuais e conjuntas”. A formação será realizada na Comarca de Sousa, das 8h às 12h e das 14h às 18h. A instituição de ensino está ofertando 40 vagas para magistrados do Poder Judiciário estadual.

### COMUNICAÇÃO PÚBLICA

A Câmara Municipal de João Pessoa realizou, na quinta-feira (20), o Seminário “Comunicação Pública em ano Eleitoral”. O evento aconteceu no Plenário da Casa Napoleão Laureano, reuniu especialistas da área do Direito Eleitoral e foi voltado aos servidores do Legislativo Municipal, com o objetivo de orientá-los sobre a postura e os cuidados durante o período eleitoral.

### FERIADO ALTERA HORÁRIO DOS HEMOCENTROS

O Hemocentro da Paraíba, em virtude do feriado de São João, não atenderá amanhã os doadores voluntários de sangue na capital e em Campina Grande. Apenas os setores de Distribuição de Hemocomponentes e Laboratório de Imunohematologia do Receptor vão funcionar durante 24 horas. As atividades normais serão retomadas em toda Hemorede na terça-feira (25), a partir das 7h.

# Simone Guimarães

Superintendente da Suplan (Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado)

## “O que queremos é o nosso espaço e ter o direito de fazer a diferença nas obras”



Foto: Roberto Guedes

Superintendente fala sobre o Dia Internacional das Mulheres na Engenharia e investimentos do governo por meio da Suplan

O Dia Internacional das Mulheres na Engenharia, 23 de junho, é comemorado hoje e o Governo da Paraíba tem se destacado, nos últimos anos, com gestoras mulheres que têm ocupado cargos importantes na construção civil. Na Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), a engenheira Simone Guimarães está à frente da autarquia há mais de 10 anos. Ela foi a primeira mulher diretora-técnica do órgão e também foi pioneira a ocupar o cargo de diretora-superintendente. Para além da contribuição das mulheres para o avanço da engenharia, o Dia Internacional das Mulheres na Engenharia celebra e destaca conquistas, bem como promove a igualdade de gênero e a diversidade no ambiente profissional. É uma oportunidade para reconhecer as realizações das engenheiras, inspirar a nova geração de meninas e jovens mulheres a seguirem carreiras em um setor historicamente dominado por homens. Para a engenheira Simone Guimarães, a data de hoje é um marco importante para as precursoras na profissão. À frente da Suplan, a engenheira lidera um grande time que toca mais de 190 obras em toda a Paraíba, que representa um investimento de mais de R\$ 1,2 bilhão, abrangendo construções de escolas, hospitais, vilas olímpicas, pavimentações, obras de reformas, manutenções prediais e ampliações diversas.

uma obra imensa, também trabalhamos com BIM. Temos o Hospital de Clínicas de Campina Grande, que foi vencedor de um prêmio nacional, onde a Suplan foi representando o Governo em Braga – Portugal. É um prazer imenso a gente, em tão pouco tempo, conseguir tanto. Sim, estamos avançando. Recentemente participamos do NEON (o maior evento de inovação e empreendedorismo do Nordeste), que aconteceu aqui no Estado e compartilhamos justamente o andamento das nossas implementações. A nossa equipe da Suplan participou do evento e quem me representou foi o nosso gerente BIM, Stepheson Sula. Ele tem feito um excelente trabalho.

■ *Sobre os benefícios da tecnologia BIM, quais impactos positivos que trarão para a gestão de obras públicas?*

A gente pode diminuir aditivos através da tecnologia, através do BIM, em todos os processos que a gente está fazendo. E a gente já percebe isso nas nossas obras. A gente já percebe isso no Centro de Convenções. E é muito bacana você ser mais célere nos processos, e a ferramenta ela nos dá isso. Imagina quando estiver totalmente implementado? Vamos fazer mais com muito menos.

■ *A Suplan vem realizando obras no Centro Histórico, muitas delas com secretarias e instituições públicas já em funcionamento. Qual a importância do restauro e da revitalização de prédios históricos?*

Temos feito um trabalho minucioso neste segmento e que conta com a mão de muitas mulheres. Aliás, falar da Suplan é falar da mulher na gestão de obras públicas. Aqui unimos arquitetura, engenharia em uma grande inclusão de trabalhos técnicos com o objetivo de proteger da melhor forma o nosso patrimônio histórico e preservá-los para as demais gerações futuras.

■ *Quais dessas obras foram inauguradas e quais as novas intervenções em andamento?*

O Museu da Cidade já é uma realidade, assim como o Museu do Artesanato Paraibano, e em breve, o mais novo e primeiro Museu da História da Paraíba, que será ali no antigo Palácio da Redenção. A Escola técnica de Artes já é realidade, também num prédio antigo que foi totalmente res-

taurado; o TJPB; O Casarão que foi inaugurado como o Centro de Referência do Artesanato Paraibano (CRAP); a Secretaria da Mulher, que vai funcionar também em um casarão histórico ali nas Trincheiras, próxima ao Centro Administrativo Estadual, dentre outros projetos concluídos ou que estão prestes a renascer, a exemplo do futuro Palácio dos Despachos que será nova sede do governo, e do Parque Tecnológico Horizontes da Inovação, que é o prédio da antiga e histórica Escola de Nossa Senhora das Neves. Estamos vivendo um novo tempo.

■ *Qual o segmento com a maior investimento do Governo da Paraíba só na Suplan?*

A educação. São 120 obras em andamento no segmento, que representam R\$ 490 milhões, em construção de novas escolas, reformas e ampliações. É perceptível que o padrão já é outro. É um trabalho que a Suplan tem tocado em parceria com a Secretaria de Estado da Educação. O toque especial da mulher está em todos os detalhes, como, por exemplo, no colorido das escolas.

■ *Por falar em colorido, como se deu o projeto “Cores que Dão Vida”? Quais os feedbacks sociais?*

É um projeto que me enche de orgulho e que tem feito uma junção de engenharia, artes e cores ao longo dos anos. Vendo evidenciando a satisfação de fazer parte desse momento histórico para o futuro dos jovens paraibanos. Um dos maiores exemplos foi a obra da nova Escola Técnica de Artes, Tecnologia e Economia Criativa, instalada no prédio onde funcionou a Central de Polícia do Estado, no Varadouro, em João Pessoa. No exterior e no interior do prédio, nós colocamos o colorido que representa a alegria, liberdade, suavidade e esperança onde antes era sofrimento. Teve a Escola Especial da Funad, o novo prédio da Escola Tenente Lucena. São muitas obras. E vocês podem acompanhar esse padrão nas redes sociais da Suplan. Cada obra finalizada pela nossa equipe é destaque nas nossas redes. É um trabalho bellissimo. Hoje, seguimos investindo, deixando as obras sempre mais bonitas, e o projeto “Cores Que Dão vida” agora posso chamar de “Cores e Artes que Dão Vida”. Não construímos apenas obras, mas

sim, verdadeiras obras de arte.

■ *Por falar em obras, o Hospital de Trauma do Sertão saiu do papel? Na saúde também tem grandes obras?*

Sim! Os investimentos em obras da Saúde estão concentrados na construção de três grandes hospitais: Hospital da Mulher, em João Pessoa; Hospital de Clínicas de Campina Grande e Hospital de Traumatologia do Sertão. Estamos falando de um total de investimentos de cerca de R\$ 300 milhões. Este mês de junho foi marcado com o início de uma das maiores e mais esperadas obras da saúde: a construção do Hospital de Trauma do Sertão, no município de Patos. A obra é resultado da parceria entre o Governo do Estado com o Governo Federal, que viabilizou esse momento. E sabe o que me deixa ainda mais orgulhosa? É mais uma obra que nasce através das mãos de engenheiras e arquitetas, mulheres da construção civil que fazem parte do time da Suplan. Foram dias e noites, com as nossas equipes centralizadas nos detalhes até fechar toda a concepção do projeto, elaborado adequadamente para que a estrutura atenda e se encaixe nas condições da região. Projetar e construir um hospital são tarefas de alta complexidade e nós temos essa expertise. Nossa criatividade, habilidades técnicas e visão foram essenciais. Costumo dizer sempre que o céu é o limite, no sentido de que não existe dificuldade que não possamos superar juntas, unidas, de mãos dadas.

■ *Para finalizar, quais os estereótipos e desafios da Mulher na Engenharia? E qual o conselho para a nova geração?*

Motivação e trabalhar muito os pensamentos positivos. Não podemos deixar nos abater. Precisamos valorizar sempre as nossas ideias, perspectivas e contribuições, que são nossas maiores armas. A engenharia civil se beneficia da diversidade de pensamento e experiências, e nós mulheres temos um papel vital nesse campo. É assim que vamos pavimentando o caminho para as futuras gerações de engenheiras civis. Sejamos audaciosas, persistentes e juntas vamos construindo um futuro onde a igualdade de gênero na engenharia civil seja a norma, e nunca a exceção.

## Entrevista

■ *Qual o maior desafio que enfrentou em sua trajetória na profissão?*

Na minha turma, se formaram três mulheres e os desafios já começam desde a faculdade. Na engenharia sempre fomos minoria e, muitas vezes, subestimadas pelo simples fato de sermos mulheres. Venci. Tenho orgulho da minha trajetória. Fui a primeira diretora técnica da Suplan, primeira superintendente e sinto um orgulho imenso da gente poder dizer que a Suplan hoje é um órgão predominantemente feminino, na engenharia, na arquitetura, no Direito. O que queremos é o nosso espaço. Ter o direito de fazer a diferença nas obras e assim temos feitos, colhendo resultados incríveis.

■ *Qual a maior obra hoje em andamento na Paraíba e qual a previsão de conclusão?*

Um dos maiores investimentos na Suplan em andamento é a construção do Centro de Convenções. A obra já promete otimizar o mercado de turismo de negócios e de eventos, na minha querida e amada Campina Grande. Vai ter espaço para feiras, exposições e eventos, auditórios, heliponto, entre outros, e já estamos terminando a primeira etapa da obra nas próximas semanas, que é justamente a parte da feira. Estamos projetando as artes que serão implementadas, e já já estaremos compartilhando mais detalhes. Adianta

## Liderança

■ *À frente da Suplan, a engenheira lidera um grande time que toca mais de 190 obras em toda a Paraíba, que representa um investimento de mais de R\$ 1,2 bilhão*

que vamos valorizar a cultura da região que é parte da nossa grande força, nosso maior patrimônio. Estamos terminando a Feira de Eventos e totalidade da obra estamos trabalhando para entregar até o início de 2025.

■ *As implementações tecnológicas na Suplan têm se destacado por meio do famoso BIM. O que é o “BIM” e como está o andamento do trabalho?*

É o Building Information Modeling ou Modelagem da Informação da Construção. Estamos em um pantamar tão bacana que a gente pode dizer que no Brasil, a nível de todas as compatibilizações de projetos, tanto arquitetônico como de engenharia, hoje em dia, o BIM já é realidade na Suplan. Por exemplo, no Centro de Convenções de Campina Grande,

## SÍMBOLO CULTURAL

# Festas reforçam nordestinidade

Música, decoração, comida e brincadeiras são parte das tradições do período junino e identificam a região

Lilian Viana  
lilian.vianacaneana@gmail.com

“A fogueira tá queimando/ em homenagem a São João/o forró já começou/vamos, gente, rapapé neste salão”. Se, em vez de ler, você cantarolou os versos da música “São João na roça”, de Luiz Gonzaga, você já está com os pés no arraial mais esperado do Nordeste, região onde a festa em homenagem aos santos Antônio (13 de junho), João Batista (24) e Pedro (29) tem um colorido e uma energia diferentes dos de outras regiões do país. Aqui, o clima, o ambiente e a alegria se alteram, assim que o mês de junho começa.

A festa pode até ter sido trazida pelos colonizadores da Europa, mas foi no Nordeste que ela ganhou contornos próprios, graças à mistura cultural, às temperaturas agradáveis e às tradições agrárias e religiosas da região. “O São João funciona como um potente símbolo de coesão social e cultural, fortalecendo laços comunitários e reafirmando a identidade única dessa população”, explica a socióloga Anna Kristyna Araújo.

Cada lugar tem sua forma própria de celebrar o santo, mas os itens característicos da festa são comuns a todos: bandeirinhas, comidas, músicas e danças típicas. É só no Nordeste, por exemplo, que acontecem os casamentos matutos e as quadri-



Foto: Evandro Pereira



Foto: Roberto Guedes



Foto: João Pedrosa



Foto: Roberto Guedes

Trazida pelos colonizadores e mesclada com elementos indígenas e africanos, a comemoração não se restringe ao dia do santo, mas se estende por todo o mês

lhas juninas, numa mistura de dança e teatro. A mais antiga delas é paraibana: Lageiro Seco, de João Pessoa, 77 anos de história e uma coleção de títulos nos festivais de João Pessoa e do estado. “O público se espreme todo para ver a quadrilha. Isso é muito rico, faz com que a tra-

dição não fique só na lembrança das gerações passadas”, pontua Edson Santos, presidente da Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa.

Nesse “furdunço”, o protagonista é um ritmo genuinamente nordestino: o forró, seja o tradicional (pé de serra, xaxado,

xote e baião), seja o estilizado. Estilo musical inserido nas festas juninas, ele forjou uma identidade regional tão forte, que fez com que artistas como Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro fossem reconhecidos nacionalmente — foi Gonzaga, inclusive, quem deu origem ao trio de

forró, formado por sanfona, zabumba e triângulo.

As comidas também são uma atração à parte. Herdadas dos indígenas, e temperadas com alguns ingredientes trazidos por portugueses, delícias como pamonha, canjica, pé de moleque e paçoca não podem

faltar nos festejos de rua — e nem nas mesas das famílias.

E, claro, tem ainda a bebida típica da festividade, ideal para esquentar o clima: o quentão, feito à base de cachaça. “As festas juninas são uma vitrine da culinária nordestina”, destaca Anna Kristyna.

## Celebração mantém viva a herança religiosa

Chegar o Dia de São João e não acender uma fogueira é quase um insulto aos nordestinos, que aguardam o ano inteiro por essa festa. Em alguns locais, elas chegam a ter vários metros de altura, como a tradicional fogueira do Parque do Povo, em Campina Grande — que, mesmo sendo apenas uma alegoria, representa o apego popular a essa tradição.

Ao redor da fogueira, as crianças (e os adultos) se divertem soltando fogos de artifício. Surgida na China, essa

cultura pirotécnica foi incorporada às festividades juninas e deu ainda mais cor e intensidade ao ritual.

Para Anna Kristyna, essa hibridização cultural e a ênfase nas celebrações sociais podem ser vistas, por alguns, como uma diluição do aspecto religioso original, levando à percepção de que as festividades são mais profanas do que sagradas. Mas, segundo publicação da Arquidiocese da Paraíba, representada pelo arcebispo Dom Delson,

a mistura de devoção religiosa e cultura popular fortalece a tradição da festa, especialmente na Paraíba.

“São um momento de encontro e celebração, no qual as comunidades se reúnem para festejar e reforçar seus laços, renovam a sua fé e celebram as suas tradições, mantendo viva a herança cultural e religiosa que define a região”, detalha o texto. Há cinco paróquias dedicadas a São João Batista, cada uma com sua programação espe-

cial para os festejos dedicados ao santo.

Na rua, em casa ou na igreja, o São João, no fim das contas, é um símbolo potente e enraizado no nordestino. Só ele aguarda o mês de junho como se fosse um certificado oficial do seu orgulho regional. “Esses elementos juntos (cultura e religião) fortalecem os laços comunitários e perpetuam as tradições culturais, reafirmando a identidade única do povo nordestino”, conclui.

## Forró: indicado como Patrimônio da Unesco

Desde 2010, o forró é patrimônio imaterial da Paraíba, pela Lei nº 9.156. Em 2021, o ritmo foi declarado patrimônio imaterial nacional. Agora, o estado lidera a comitiva para internacionalizar o forró e torná-lo patrimônio imaterial da humanidade. O projeto já conta com o apoio de 14 estados brasileiros (todos os estados do Nordeste e do Sudeste, mais o Distrito Federal) e de pelo menos 30

países, além do Brasil.

Os governos da Paraíba e de Pernambuco, a Associação Cultural Balaio Nordeste e o Fórum Nacional de Forró de Raiz, além de uma série de outras instâncias políticas e culturais brasileiras e internacionais, uniram-se com o objetivo de promover esse reconhecimento, como uma cultura genuinamente brasileira, que precisa ser salvaguardada.

## História do santo mais festejado do calendário brasileiro

Foto: Divulgação



Imagem do santo menino é comum na decoração junina

São João Batista é uma figura central no cristianismo, por seu papel como precursor de Jesus Cristo. Reconhecido por batizar Jesus no Rio Jordão e por pregar a necessidade de arrependimento e conversão, a sua vida e ministério estão descritos nos Evangelhos, nos quais é retratado como um homem de grande fé e coragem, que não hesitava em denunciar a injustiça e a imoralidade, mesmo quando isso colocava a sua vida em risco.

Segundo o padre Ivônio Cassiano Oliveira, da Igreja Santo Antônio de Lisboa, localizada em Tambaú, São João é fruto de uma intervenção divina. “O pai e a mãe já eram idosos. Isabel era estéril, mas, mesmo na velhice, concebeu João Batista. Além disso, os estudiosos revelam que ele foi o

último profeta do Velho Testamento. Ele disse ‘Eu batizo com água, mas o Messias, que vem depois de mim, vai batizar com o fogo do Espírito Santo’”, ressaltou o padre.

Na tradição popular, quando São João nasceu, Isabel e Zacarias fizeram uma fogueira para anunciar o seu nascimento a toda a Judeia. “Daí a tradição das fogueiras juninas”, acrescentou o religioso.

No Hemisfério Norte, na época do paganismo, as celebrações relacionadas às fogueiras e demais ritos do fogo marcavam o solstício do verão e a evocação de divindades propiciadoras da boa colheita. Essa herança pagã fundiu-se ao cristianismo popular e, hoje, apresenta-se com força especial nas festas de Santo Antônio, São Pedro e São João.

Outra curiosidade em relação a São João Batista é o porquê de ele ser geralmente apresentado como um menino com

um carneiro no colo. A explicação é o fato de, segundo a Bíblia, ele ter anunciado a chegada do Cordeiro de Deus.

## Paróquias Dedicadas a São João

• **Em João Pessoa:** Paróquia São João Batista, na Rua Jornalista José Ramalho s/n, no bairro Costa e Silva.

• **Em Conde:** Paróquia São João Batista, na Rua Ilza Ribeiro, em Jacumã.

• **Em Bayeux:** Paróquia São João Batista, na Rua Júlio César, 150.

• **Em Itapororoca:** Paróquia São João Batista, na Rua São João, Centro.

• **Em Riachão do Poço:** Paróquia Nossa Senhora de Fátima e São João Batista, na Rua João Ferreira Alves, Centro.

## RABDOMIÓLISE

## Condição exige tratamento precoce

Excesso de exercícios físicos é uma das causas da síndrome, que causa a destruição das fibras musculares

João Pedro Ramalho  
joaoprimalhom@gmail.com

Em uma segunda-feira do último mês de abril, a analista de marketing Bárbara Santos se acordou para o que deveria ser mais um dia normal em sua rotina. Contudo, uma dor muscular mudou o cenário. No sábado anterior, ela havia retomado os exercícios físicos, com um treino dos músculos posteriores do braço, depois de ficar parada por um mês. Mas as dores sentidas depois dos treinamentos, em vez de diminuir, aumentaram. Sem conseguir levantar o braço, e com a urina escura, a analista correu à emergência. O diagnóstico foi rápido: ela estava com rhabdomiólise, uma condição incomum, porém perigosa, caracterizada pelo rompimento dos músculos esqueléticos.

Na rhabdomiólise, a destruição dos músculos leva à liberação, no sangue, das proteínas que compõem as fibras, como mioglobina e creatina fosfoquinase. Os sintomas sentidos por Bárbara são os mais frequentes entre os pacientes da doença, como explica o especialista em Clínica Médica Felipe Gurgel. “Os músculos ficam inflamados. A pessoa tem muitas dores, sensação de fraqueza e não consegue se mover corretamente, além de ter sintomas

gerais, como dores de cabeça e dificuldade para urinar. Um sintoma muito marcante é ficar com a urina escura, quase da cor de Coca-Cola, porque as proteínas dos músculos vão para a urina”, relata.

Ainda segundo Gurgel, a pessoa que apresenta esses sintomas deve procurar uma emergência, como a Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Lá, o clínico fará a avaliação do quadro e poderá solicitar exames de sangue. O objetivo é identificar os níveis de creatina fosfoquinase e mioglobina na corrente sanguínea, além de substâncias derivadas, como a ureia e a creatinina. Já o tratamento deve começar ainda em casa, antes da ida ao hospital. “A pessoa precisa tomar muita água. Ela tem que fazer muito xixi, bem clarinho, para as proteínas dos músculos ficarem diluídas e irem embora pela urina, sem lesar o rim”, adverte o médico.

A preocupação com o rim se justifica porque esse órgão costuma ser o mais afetado pelas proteínas das fibras musculares. É o que afirma o nefrologista Antônio Campanile Neto. “A existência [dessas proteínas] fora do seu local habitual pode levar a danos leves e assintomáticos ou a danos muito graves, como quando se agrupam e se depositam nos rins. O re-



**Fiquei 15 dias sem poder fazer exercícios físicos e com algumas restrições alimentares. Depois disso, a rotina se normalizou**

Bárbara Santos



Retomada dos treinos causou a doença em Bárbara, que não conseguia levantar o braço

conhecimento e o tratamento imediatos da rhabdomiólise são vitais, porque a doença grave pode estar associada a risco de morte por lesão renal aguda (LRA) e desequilíbrios eletrolíticos”, alerta o especialista no cuidado dos rins.

O médico também refor-

ça que a LRA é observada em 15% a 50% dos casos em que há complicações da doença. A incidência é maior nos pacientes com desidratação ou sepse, por exemplo. Além disso, outras partes do corpo também podem ser afetadas, nos quadros mais graves, como o co-

ração, os pulmões e o sistema nervoso. Felizmente, o diagnóstico de Bárbara veio antes de as proteínas afetarem os seus órgãos. A internação foi imediata e, por três dias, ela precisou tomar soro para se hidratar. Já a recuperação consistiu, principalmente, de

repouso. Após o susto, a vida da analista de marketing foi retomada. “Eu fiquei 15 dias impossibilitada de fazer exercício físico e com algumas restrições alimentares, como não comer comida muito gordurosa. Ai, depois disso, a rotina se normalizou”, conta.

## Causas e terapia da lesão podem variar

Embora seja uma doença incomum, a ocorrência da rhabdomiólise está associada a diferentes causas, uma vez que qualquer lesão muscular pode levar à condição. A principal circunstância observada clinicamente são os traumatismos, como acidentes que atingem grandes áreas do corpo, e exercícios físicos intensos ou prolongados.

Segundo Campanille, outros fatores que demandam atenção são queimaduras graves, desidratação, infecções — a exemplo de

tétano e malária —, medicamentos da classe das estatinas e doenças genéticas que produzem distrofias musculares. Pessoas que ficam imobilizadas por um tempo maior que o tolerado normalmente também precisam de cuidados, para não machucar os músculos.

Como as causas são diversas, o tratamento também pode variar, conforme esclarece Gurgel. “O principal tratamento da rhabdomiólise é compreender o que a gerou. Se foi uma infecção, tratar a infecção. Se foi um

problema de alergia, trabalhar com algum antídoto ou com algo que possa reverter o efeito. E, claro, deixar o próprio músculo se recuperar”, aponta o clínico.

Durante o tratamento, outras ações podem ser necessárias, caso o quadro da doença se agrave. Além da hidratação intravenosa, Campanille lista medidas a serem adotadas pelos profissionais de saúde. “O tratamento pode incluir medicamentos para controlar a dor, náuseas e vômitos; diálise, se os rins falharem; suporte respiratório, se houver dificuldade para respirar; e cuidados de suporte, para prevenir outras complicações”, alerta o nefrologista.

## Sob orientação

Se o exercício físico intenso pode causar lesão muscular, devemos, então, deixar de fazer uma atividade saudável? Conforme Gurgel, o problema não está na prática em si, mas quando ela excede os limites a que a pessoa está acostumada. “Ninguém deve se submeter a exercícios físicos exagerados sem ter um preparo anterior. Por exemplo, se você não tem o hábito de correr e, daqui a um mês, tem uma prova de 3 km, você precisa se preparar. Começar a correr pequenas quantidades, todos os dias com a orientação de um professor de Educação Física, para só então, naquele belo dia, correr os 3 km”, exemplifica.

O acompanhamento de um profissional é imprescindível, não apenas em exercícios prolongados,

mas em qualquer atividade física que a pessoa fizer, como ressalta o *personal trainer* Emmanuel Noronha Filho. “O principal equívoco que as pessoas cometem é o de se exercitar sem ter uma orientação adequada. Ao executar um exercício de forma errada, a pessoa pode gerar uma lesão nas articulações e, dependendo do exercício, nos ossos. Um erro na intensidade do exercício pode causar a rhabdomiólise”, afirma Emmanuel, que também é especialista em Medicina Esportiva.

A também *personal trainer* Bia Santos reforça a importância da preparação do corpo para os exercícios. “A pessoa deve sempre fazer o trabalho de aquecimento, alongamento e mobilidade, que é o que muita gente ignora na parte inicial do treino. E não falo em ficar cinco minutos andando na esteira, mas realmente dar atenção às estruturas musculares, às articulações, alongar e mobilizar, para ter um movimento melhor”, defende a profissional.

Outras recomendações para evitar problemas durante os exercícios físicos consistem na hidratação constante e na alimentação adequada. E sempre prestar atenção aos sinais do próprio corpo. “Se você está sentindo alguma dor que, pela prática, entende que não é normal do treinamento, comunique ao seu professor, para que seja feita a alteração no treinamento e a adequação às suas individualidades e ao que você está sentindo”, aconselha Emmanuel.



**A proteína fora do seu local habitual pode causar desde danos leves e assintomáticos a danos muito graves**

Antônio Campanille



**É preciso fazer aquecimento, alongamento e mobilidade, algo que muita gente ignora, na parte inicial do treino**

Bia Martins



Foto: Roberto Guedes

Atividade física deve ser feita com acompanhamento



**O principal equívoco que as pessoas cometem é o de se exercitar sem ter uma orientação adequada**

Emmanuel Noronha



**Os músculos ficam inflamados, a pessoa tem dores, sensação de fraqueza e não consegue se mover**

Felipe Gurgel

## VIOÊNCIA DE GÊNERO

# Iniciativas digitais acolhem vítimas

Por meio da internet, sociedade civil e Poder Público oferecem serviços de apoio e orientação a mulheres agredidas

Emerson da Cunha  
 emersoncsousa@gmail.com

A pandemia de Covid-19 e o isolamento a que nos submetemos aumentaram os números de violência doméstica e familiar. Mas, apesar de parte dessas agressões ter ganhado força nas redes sociais, durante o período, a sociedade civil também abriu os olhos para iniciativas de acolhimento, no campo digital, de mulheres vítimas de violência, além da prevenção e do combate a esse tipo de crime.

Criado em 2016 pela organização não governamental Nossas, o Mapa do Acolhimento (<https://www.mapadoacolhimento.org/>) é um desses projetos. Ele atua de forma independente, a partir de dois serviços gratuitos: o atendimento a mulheres que sofreram violência, por meio de uma rede de psicólogas e advogadas voluntárias, e o fortalecimento de políticas para esse público, por meio da cooperação técnica com entidades governamentais. Seu foco são maiores de 18 anos, residentes no Brasil, que tenham sofrido ou estejam sofrendo violência de gênero e se encontrem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

“Em um país onde quatro mulheres foram vítimas de feminicídio por dia em 2023, é urgente pensar no acolhimento, antes que a violência atinja um patamar irreversível. A ausência de um atendimento acessível, integrado e qualificado para mulheres que sofreram violência faz com que elas retornem ao ciclo de violência, colocando-as em alto risco de feminicídio. Diante desse cenário, todos os nossos esforços são direcionados para que essas sobreviventes encontrem a ajuda necessária para se libertarem da violência e permanecerem vivas, retomando o controle de suas vidas”, define Sany Silva, coordenadora de comunicação do Mapa.

Desde seu lançamento, estima-se que mais de 10 mil atendimentos tenham sido realizados pela plataforma. Cerca de 60% dos pedidos de ajuda são para suporte psicológico e a maioria das mulheres assistidas está fora das capitais. Segundo Sany, o trabalho voluntariado é essencial. “Todos os atendimentos são realizados por profissionais voluntárias. Temos uma equipe interna que cuida da gestão dos casos, oferecendo suporte para as voluntárias, realizando encontros de formação, plantões para dúvidas e discussão de casos. Atualmente, podem ser voluntárias psicólogas e advogadas com registro ativo (em Conselho Regional de Psicologia ou na Ordem dos Advogados do Brasil) de qualquer lugar do país”, explica.

Para ser atendida pelo site, a usuária deve clicar na opção “Preciso de ajuda” e preencher um formulário com dados pessoais, informando se deseja acolhimento psicológico ou jurídico. Em alguns minutos, ela recebe um e-mail com orientações sobre os próximos passos do processo, que podem ser o contato direto de uma psicóloga ou advogada, direcionamento para serviços públicos ou conversa com uma assistente social.

“

**Em um país onde quatro mulheres foram vítimas de feminicídio por dia em 2023, é urgente pensar no acolhimento, antes que a violência atinja um patamar irreversível**

Sany Silva



Ilustração: Bruno Chiossi

O projeto Mapa do Acolhimento conta com profissionais voluntárias para fornecer amparo psicológico ou jurídico a usuárias cadastradas

## Plataformas on-line são seguras e acessíveis

Outro dispositivo digital desse tipo é o Justiceiras (<https://justiceiras.org.br/>). Criado em uma parceria dos institutos Bem Querir Mulher, Nelson Williams e Justiça de Saia, o projeto visa eliminar qualquer dificuldade de deslocamento que possa impedir a vítima de violência de buscar ajuda, além de contribuir com informações necessárias para que ela possa denunciar o agressor e lutar por seus direitos de defesa sem sair de casa.

De acordo com Clície Carvalho, advogada e gestora do Justiceiras, a decisão por fun-

dar uma plataforma na internet se deve à amplitude possível das ações. “O atendimento on-line é democrático, ágil e forma um elo de mulheres para fortalecer aquelas vulnerabilizadas pelas situações sofridas. Funciona muito bem e vamos aprimorando, à medida que novas tecnologias são criadas”, destaca.

Até agora, a iniciativa atendeu mais de 16 mil mulheres e tem 16 mil voluntárias cadastradas nas áreas de Direito, Psicologia e assistência social e médica. Ao acessar o site, a usuária deve clicar no botão “Procu-

re ajuda”, que a levará para um formulário a ser enviado, de forma sigilosa, com informações pessoais e detalhes sobre sua situação de violência. Após coletar esses dados, a plataforma tornará disponível à vítima uma rede gratuita de orientação nas áreas jurídica, psicológica, assistencial e médica, além de apoio e aconselhamento, a depender do caso.

### Na palma da mão

Para celulares, há o aplicativo Todas Por Uma, que pode ser obtido gratuitamente no Google Play Store

ou na Apple Store. Por meio dele, é possível a vítimas de violência pedirem socorro imediato junto a contatos de confiança, previamente cadastrados, e acessarem um mapa com lugares considerados perigosos para mulheres de sua região. Ao ser aberto, o programa exibe a tela de um anúncio falso, para evitar chamar a atenção do agressor. Agitando o celular ou apertando o botão “Cupons”, como se estivesse fazendo compras, a usuária compartilha sua localização, em tempo real, com a rede de apoio instantâneo. Esteja ela

em movimento ou parada, o pedido de socorro se atualiza a cada 30 segundos.

### Segurança na rede

Existe ainda o Safernet (<https://new.safernet.org.br/denuncie>), sistema voltado para denúncias de crimes virtuais, inclusive o de violência e discriminação contra mulheres em sites e redes sociais. Em 17 anos de funcionamento, a plataforma recebeu mais de 4,5 milhões de denúncias anônimas, envolvendo mais de um milhão de páginas distintas, das quais mais de 766 mil foram removidas.

## Governo e Judiciário também estão conectados

O Poder Público também tem agido sobre a questão no ambiente digital. A própria Lei Maria da Penha conta com a plataforma Maria da Penha Virtual (<https://mariadapenhavirtual.tjpb.jus.br/>), vinculada a órgãos judiciários estaduais. Na Paraíba, sua gestão cabe à Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça (TJPB).

A ferramenta permite que vítimas solicitem medidas judiciais protetivas pela internet. O pedido é enviado imediatamente para o juiz responsável ou da comarca em que a mulher se situa, que tem até 48h para análise e encaminhamento da medida. Atualmente, no estado, o sistema atende apenas casos que aconteçam em João Pessoa, Campina Grande, Bayeux, Cabedelo, Santa Rita ou Sousa, mas se pretende ampliar o alcance a toda a Paraíba, como afirma a juíza e coordenadora da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, Anna Carla Falcão.

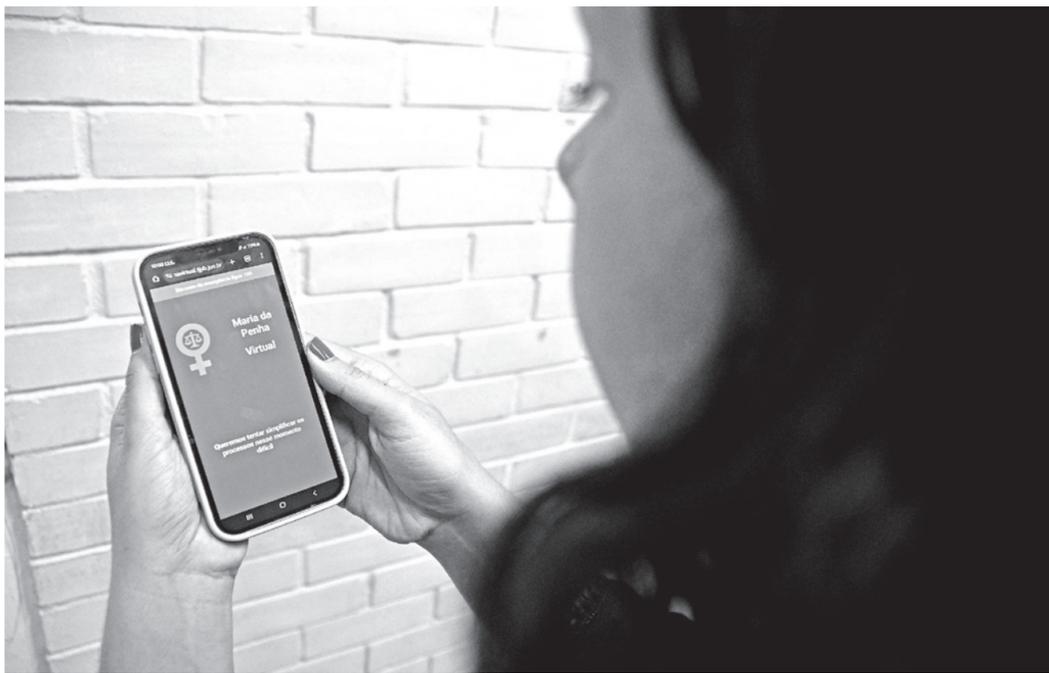


Foto: Leonardo Faria

A ferramenta Maria da Penha Virtual permite que usuárias solicitem medidas judiciais protetivas contra agressores

“Por meio desse aplicativo, podemos colher dados reais sobre pedidos de medidas protetivas e adotarmos providências, no sentido de a rede chegar mais perto da mulher e apoiá-la no que precisar. Além disso, ele ajuda as

mulheres a não se calarem e terem conhecimento de que existe essa ferramenta, colocada à disposição delas para que possam, de forma segura e rápida, acessar o Judiciário”, ressalta.

Vítimas que já tenham

recebido medida protetiva e participem do Programa Mulher Protegida, do Governo da Paraíba, também podem se utilizar, em situações de risco, do SOS Mulher, gerenciado pela Secretaria de Segurança Pú-

blica do Estado. Nesse caso, a usuária recebe um aparelho eletrônico que, ao ser acionado, contata imediatamente a Patrulha Maria da Penha e a Polícia Militar, que, por meio de localização via GPS, podem socorrê-la.

SERTÃO

## Indígenas, cangaceiros e uma santa

Cachoeira dos Índios oferece um passeio cultural por episódios e tradições que marcam a história da PB

Anderson Lima  
Especial para A União

O município paraibano de Cachoeira dos Índios ostenta um nome que revela uma rica história de beleza natural. Além das pequenas quedas d'água locais, que se transformam em cachoeiras durante a estação chuvosa, a cidade assim se chama, também, devido à antiga presença indígena na localidade próxima de Boa Fé. Uma recente comprovação da existência dessas comunidades foi a identificação de fragmentos de cerâmicas tupi, desvendados pelo arqueólogo Juvandi Santos, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Localizado a 488,8 km da capital do estado, Cachoeira dos Índios pauta sua economia, principalmente, na agricultura familiar e na pecuária, com várias famílias cachoeirenses garantindo seu sustento a partir do consumo e da venda de suas produções. Além disso, os segmentos de serviços e comércio, incluindo atacado e varejo, se destacam entre as atividades produtivas da cidade, que ainda se beneficia da proximidade com um grande município do Sertão. "Por ela estar localizada próximo à cidade de Cajazeiras, temos essa

Fotos: Divulgação/Prefeitura de Cachoeira dos Índios



Nossa Senhora da Conceição é a padroeira da cidade, que costuma atrair muitos fiéis da região aos seus eventos religiosos

movimentação que ajuda a aquecer a economia", pontua o professor de Geografia Francisco Odair Dantas.

### Turismo e cultura

O potencial turístico do município se concentra nos eventos religiosos, que costumam atrair muitos fiéis da região. De acordo com Francisco, entre as celebra-

ções mais tradicionais de Cachoeira dos Índios, estão: a missa no Sítio Marimbas, que acontece em março; a Cavalgada do Trabalhador, no feriado do dia 1º de maio; a romaria rumo ao Cruzeiro de Baixa Grande, no alto da serra local, em setembro; e a Festa de São Lázaro, sediada nesse mesmo mês, na comunidade Monteiros.

Assim como ocorre em todo o estado, o período junino também é festejado na cidade, com dança, arte e tradição, proporcionando mais um impulso à economia local. No fim do ano, outro evento de destaque no calendário cachoeirense é a festa de emancipação política da cidade, que acontece no dia 26 de dezembro, reunindo

grandes atrações culturais para animar seus moradores e visitantes.

Por falar em cultura, o professor Francisco Dantas ainda cita como atrativo local o Museu Comunitário Histórico e Cultural, situado no distrito de Baixa Grande. O espaço preserva e exhibe artefatos ligados ao passado e a curiosidades históri-

cas da região. "O que sempre desperta minha atenção e interesse é a história da passagem de Lampião e Sabino Gomes pelo município, causando medo à população. Lá, no museu, é contada essa história, por meio de esculturas. É um espaço onde são expostos objetos históricos materiais e imateriais", explica Francisco.

“

O que desperta atenção e interesse é a história da passagem de Lampião e Sabino Gomes pelo município, causando medo à população

Francisco Dantas

## Herança tupi e devoção católica remontam às origens locais

A origem de Cachoeira dos Índios remonta a 1905. Há registros de que, naquele ano, Manoel Cândido e sua esposa, Maria Madalena Cândido, vindos da cidade de Antenor Navarro (hoje, São João do Rio do Peixe), adquiriram uma propriedade junto a Serra Coati. Mais tarde, outras famílias se estabeleceram na área, como os Faustinos, Davi, Moreira, Guedes, Paulino, Teixeira, Leite, Garcia, Marques Feitosa, Ricarte Pereira e Sousa. O povoado que começou a nascer ali foi batizado com o nome de Catingueira.

Entre os anos de 1926 e 1934, Catingueira foi visitada por três vezes pelo bando

de Lampião, vivendo amargos dias sob o cangaceirismo. Além disso, segundo relatos históricos, seus habitantes enfrentaram, bravamente, as secas de 1915, 1942 e 1970. O desenvolvimento do povoado, ao longo das décadas, acabou por motivar lideranças locais a batalharem por sua emancipação política, tendo à frente Antônio Cândido de Oliveira, membro reformado do Exército, conhecido como "Capitão Cajazeiras".

### Povos originários

Como seu próprio nome indica, porém, o processo de ocupação do território cachoeirense teve início muito antes da constru-

ção da primeira residência, igreja ou praça. Os primeiros que viveram na região e se banharam nas águas do Rio do Peixe, do Rio São José e do Riacho do Cacaré foram os povos originários, que ali se estabeleceram há mais de 700 anos, em tempos pré-coloniais.

Vestígios de obras em cerâmica, encontrados no sítio arqueológico de Boa Fé, Zona Rural do município, apontam especificamente para a existência de um aldeamento indígena tupi. Certificada em abril do ano passado pelo arqueólogo Juvandi dos Santos, da UFPB, a área foi descoberta pelo projeto Ação Educacional Akangatu, de-

envolvido pelo professor de História Djalma Luiz e estudantes da Escola Maria Cândido de Oliveira.

### Padroeira

A história de Cachoeira dos Índios também se entrelaça com a devoção a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Ainda em 1920, os primeiros cachoeirenses ergueram uma pequena capela em homenagem à santa, com patrimônio doado pela viúva de Manoel Cândido, Maria Madalena. Lá, professavam sua fé e clamavam por bençãos.

Após grandes reformas e ampliações, a capela deu origem à atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construção que se destaca na paisagem urbana do município e centraliza as práticas religiosas da maioria da população local, embora os católicos cachoeirenses também contem com 16 capelas espalhadas pelas comunidades rurais.

Nossa Senhora da Conceição é venerada como símbolo da pureza e da Imaculada Conceição de Maria, mãe de Jesus Cristo, concebida sem pecado. Os fiéis re-

correm à sua imagem, adornada com um manto azul e branco, em busca de conforto e esperança. Ao longo dos anos, muitos relatos de religiosos em Cachoeira dos Índios têm atribuído milagres e graças à intercessão da santa. São histórias de cura, proteção e bênçãos, que fortalecem a fé dos devotos e a crença no poder da padroeira. Ela

se tornou um elo que conecta diferentes gerações de famílias locais e fortalece a identidade do município. A festa anual em seu nome inclui celebrações que se estendem de 28 de novembro a 8 de dezembro.



Museu Comunitário Histórico e Cultural reúne objetos ligados ao passado cachoeirense



Expostas no museu, esculturas retratam as invasões do bando de Lampião, que visitou o município em três ocasiões, entre os anos de 1926 e 1934

Atriz e cantora, Zezé Motta viveu um romance interracial na novela "Corpo a Corpo", há 40 anos, e ganhou o prêmio de melhor atriz neste mês no FestincineJP



Foto: Mateus Rubim/Divulgação

ÍCONE

# Fazendo história

Zezé Motta, que completa 80 anos na próxima quinta, comenta o prêmio vencido em JP e seu personagem revolucionário na novela "Corpo a Corpo", que começa a ser reprisada amanhã

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

As unhas negras da "Tigresa" Zezé Motta são uma das características marcantes que Caetano Veloso elencou na música que escreveu em 1977, regravação por ela em 2024. Foi com essas mesmas unhas que ela agarrou todas as oportunidades que conseguiu ao longo de cinco décadas de carreira e 80 anos de vida - a serem completados na próxima quinta-feira. Agradeciada neste mês com o prêmio de melhor atriz na segunda edição do Festival Internacional de Cinema de João Pessoa (FestincineJP), Zezé reencontra, a partir desta semana, seu personagem de maior importância na televisão: Sônia Rangel, paisagista da novela *Corpo a Corpo*, que completa 40 anos neste ano e passa a ser reprisada no Canal Viva amanhã, às 14h40.

Nascida em Campos dos Goytacazes no Rio de Janeiro, ela cresceu muito próxima da arte. "Meu pai queria que eu trabalhasse com a música, enquanto a minha mãe queria que eu fosse estilista. E eu acabei decepcionando os dois e indo para a atuação", disse, rindo. Mas os anseios de seu pai nunca saíram do radar da jovem Zezé.



Com Marcos Paulo em "Corpo a Corpo" (1984): vítima de reações racistas

Ingressou em um curso no mítico Teatro Tablado, no fim da adolescência, mas, na virada dos anos 1960 para os 1970, participou, cantando, da montagem de importantes peças, como *Roda Viva*, de Chico Buarque e Zé Celso, e a adaptação brasileira do musical *Gosdpell*.

Conquistou o cinema aos poucos, em papéis menores nos filmes *Vai Trabalhar, Vagabundo* (1973) e *A Rainha Diaba* (1974). Na grande tela, o ponto de virada foi *Xica da Silva*, longa de Cacá Diegues de 1976, sobre a mítica escrava mineira. Venceu o prêmio de melhor atriz no Festival de Cinema de Brasília e levou mais de três milhões de espectadores ao cinema.

## Pioneirismo na TV

Todavia, o sucesso com *Xica* não foi suficiente para que ela tivesse destaque imediato na televisão. Em 1979, um ano depois de gravar o seu primeiro disco pela Warner, Zezé participou do especial *Mulher 80*. Ela apareceu ao lado de outros grandes nomes da MPB, como Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia e Rita Lee. De todas, ela era a única artista negra. "Olhando para trás, me traz mais uma sensação agrídice. Já naquela época, tinham muitas outras mulheres pretas que po-

Foto: Mariana Jaspe/Divulgação

**“Minha personagem em ‘Deixa’ tem muitas fragilidades, ao mesmo tempo é cheia de paixão”**

Zezé Motta

deriam estar se apresentando, mas eu acabei sendo a única escolhida. Que bom que, atualmente, as coisas evoluíram e nós temos mais espaço”, assevera.

*Corpo a Corpo*, que estreia amanhã no Viva, é, na opinião de Zezé, uma trama revolucionária, “que demorou demais para ser reprisada”. Na novela escrita por Gilberto Braga, ela dá vida a Sônia que conquista o coração do *playboy* Cláudio, interpretado por Marcos Paulo. Nesse ínterim, ela provoca uma revolução na família do preconceituoso Alfredo Fraga Dantas, papel de Hugo Carvana. As reações de parte do público ao casal interracial eram as piores possíveis. Pesquisas encomendadas pela TV Globo deram conta de que uma parcela dos telespectadores não achava o par “crível”. A secretária eletrônica de Marcos ficou abarrotada de recados racistas sobre sua interação com Zezé em frente às câmeras. “As pessoas não estavam acostumadas a ver uma mulher negra



Com Joanna e Marina, no especial "Mulher 80", que completa 45 anos

em uma posição de protagonismo na televisão e, infelizmente, foi um choque”, rememora. Ela diz que, apesar da celeuma, a emissora bancou o casal e não cogitou separar os personagens - “até porque um dos principais temas da novela era justamente aquele par e toda a tensão racial que vinha com aquele romance”, pontua Zezé. Desistir da TV por conta do trauma? “Nunca pense! Sempre mantive minha cabeça erguida contra o racismo. E que bom, porque hoje temos várias mulheres negras sendo protagonistas em novelas. Valeu a pena”, sinaliza Zezé.

Nas décadas seguintes, a atriz seguiu por caminhos diferentes no cinema. Em 1989, foi convidada pela Disney para dublar a personagem Úrsula, a vilã da animação *A Pequena Sereia*. O grande medo de Zezé na época era de que as crianças sentissem medo ou raiva dela. “Aconteceu justamente o contrário. Hoje em dia, Úrsula é uma das vilãs mais amadas dos filmes da Disney”, celebra.

Zezé já esteve na Paraíba em 2018, durante as filmagens do filme *O Nó do Diabo*, com locações no Engenho Corredor, em Pilar. “Foi um projeto muito especial porque,

além de ser um terror, é um filme que toca em temas que são muito relevantes aqui no Brasil, como a escravidão, o racismo e o colonialismo”, informa Zezé.

## Prêmio em João Pessoa

*Deixa*, dirigido por Mariana Jaspe, foi o curta que rendeu a ela o troféu no FestincineJP. Zezé interpreta uma mulher que se prepara para receber em casa o marido, prestes a sair da prisão, ao mesmo tempo em que precisa se despedir do atual namorado, com quem se relaciona em segredo. “Minha personagem no filme tem muitas fragilidades, medos e traumas, ao mesmo tempo em que é cheia de paixão, vida e força. A dificuldade está justamente em conseguir passar e balancear todas essas emoções para o público”, declara Zezé.

A dias de festejar oito décadas de vida, ela comemora ainda a recente participação na série documental *Tributo*, do Globoplay, e projeta novos trabalhos, como a segunda edição do especial *Mulher Negra*, do canal E!, e a participação na longa-metragem *Por Um Fio*, baseado em livro de Drauzio Varella, com estreia a definir.

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Sexo, estímulo e repressão

Bertrand Russell conta no seu livro *Casamento e Moral* que os antigos costumavam praticar a “prostituição sagrada”. Era comum que mulheres com certo prestígio social tivessem relações sexuais com sacerdotes ou mesmo com homens estranhos. Ele acredita que o costume deve ter surgido a partir da crença religiosa de que é possível garantir uma boa colheita por meio da magia imitativa.

Entre os antigos e em “sociedades selvagens”, a crença na magia imitativa é muito forte. A arte pictórica deixou provas importantes do que quero dizer. Na caverna espanhola de Altamira, que abriga desenhos que remontam há 32 mil a.C, podemos ver diversos símbolos fálicos nas paredes.

A fertilidade tradicionalmente esteve associada à reprodução humana e à colheita, consideradas fundamentais para a existência das sociedades – especialmente no período agrícola. As intempéries da natureza tendem a fazer das colheitas incertas, ao mesmo tempo em que as relações sexuais não necessariamente resultavam em filhos. Na busca de resolver esses problemas, nossos parentes do passado usavam a magia imitativa. Segundo

esse pensamento, ao estimularmos a fertilidade humana, estimularíamos também uma boa colheita, e vice-versa. Em geral, a fertilidade humana era estimulada por meio de rituais mágico-religiosos.

Nem tudo, porém, foi estímulo ao sexo. O cristianismo e o budismo foram importantes no controle e na repressão à sexualidade, diz Russell. Em todos os lugares que exerceram sua influência, viu-se nascer uma forte crença no pecado sexual. Não é à toa

que, em ambas as tradições, o voto de castidade entre sacerdotes e sacerdotisas fosse comum. Mas essa prática também podia ser encontrada entre os antigos judeus, mais precisamente entre os essênios para quem os atos sexuais estavam impregnados de impureza.

Bertrand Russell ainda chega a afirmar que, em dado momento da antiguidade, o ascetismo se fez dominante, a ponto tal que o estoicismo praticamente levou ao desaparecimento do epicurismo. Cabe frisar seu grande destaque entre os romanos e que livros apócrifos defendiam a adoção de uma atitude monacal para as mulheres; que os neoplatônicos tinham uma acentuada verve ascética, e que a crença na maldade e corrupção da matéria, que se tornariam muito populares no mundo, tem origem na Pérsia. Esse pêndulo entre estímulo e repressão do sexo parece entrecortar a história.

Tal relato sobre a castidade nos tempos antigos me fez lembrar de uma frase espirituosa de Millôr Fernandes: “De todas as taras sexuais, não existe nenhuma mais estranha do que a abstinência”.

## Fertilidade

**Nem tudo, porém, foi estímulo ao sexo. O cristianismo e o budismo foram importantes no controle e repressão à sexualidade**

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

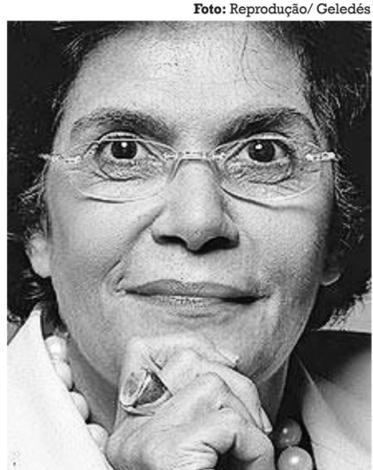
klebmaux@gmail.com | colaborador

## Intersubjetividade cultural

O desenvolvimento da humanidade deu-se pelos conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social e de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, também de conceber a realidade e expressá-la. Neste último processo, a História registra as transformações por que passam as culturas e as características que as unem e as diferenciam. A cultura é um produto coletivo da vida humana e está em constante transformação por ser um fenômeno da interação social e é necessária a percepção da identidade, dos costumes, das crenças e dos hábitos de cada comunidade, nação ou povo. Marilena de Souza Chauí (1941), filósofa e escritora brasileira, em seu livro *Convite à Filosofia*, afirma: “Cada cultura inventa seu modo de relacionar-se com o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e suas crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais, de criar as obras de pensamento e de arte. Cada uma, em decorrência das condições históricas, geográficas e políticas em que se forma, tem seu modo próprio de organizar o poder e a autoridade, de produzir seus valores” (2000, p. 62). Pode-se concluir que nenhum povo agir de forma idêntica aos demais.

A cultura é o estar e ser no mundo. Ela está vinculada a tudo e a todos os aspectos sociais e históricos. Deve-se conhecer cada realidade cultural para que façam sentido suas práticas e as transformações pelas quais passam. A partir da diversidade cultural compreende-se a identidade de cada povo. É respeitando a diferença do outro que o próprio pertencimento se revela. Considerando isso, as nações, etnias, identidades regionais, comunidades ou outros tipos de grupos sociais se organizam com o objetivo de dar sentido à sua existência na dignidade, gerando a variedade cultural como resultado de uma intersubjetividade.

A intersubjetividade representa a opinião da pessoa em relação ao outro e à convivência social e manifesta-se nas inquietações que constituem a experiência histórica numa comunidade ou sociedade, seja através de pensamentos e/ou sentimentos. Esse relacionamento insere tensões na construção do espaço relacional e na representação social em que todo ser humano ocupa na própria parcialidade. Con-



Marilena escreveu “Convite à Filosofia”

sequentemente, a cidadania desempenha funções diferentes nas situações em que se encontra, que pode ser interpretada como ações de ator social. Dessa forma, a intersubjetividade dá acesso ao que constitui e a pertença do cidadão. Conviver com os interesses particulares - manifestados nos comportamentos culturais - exige a necessidade de reconhecimento da diferença como elemento constitutivo das singularidades. As diferenças nos modos de constituição das subjetividades devem priorizar o respeito ao outro, à medida em que sistematiza as normas a serem ensinadas e exigidas aos indivíduos. Diante disso, deve-se considerar que o conceito de indivíduo/sujeito está para o que é bem comum; e o de pessoa/cidadão está para o diferente e ao próprio pertencimento.

Etnocentrismo é um preconceito gerado por uma ideologia discriminatória que uma sociedade perversa produz em seus membros, ou seja, é aquela que vê o mundo com base em sua própria cultura, desconsiderando as outras culturas ou considerando a sua como superior às demais. O etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos próprios padrões, confrontando e considerando os costumes alheios incorretos. Desse modo, a identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras. Por meio do respeito e da valorização da diversidade cultural, é possível distanciar pensamentos etnocêntricos que articulam o preconceito e o ódio. Acolher a cultura do outro no direito à diversidade huma-

na dignifica o senso de pertencimento em todos, promove a convivência harmoniosa na ética do bem-estar social. Entende-se que conhecer e valorizar a pertença da cultura do outro pode eliminar preconceitos e desigualdades.

O estudo da subjetividade e da intersubjetividade recebeu a contribuição acadêmica do sul-africano Nelson Rolihlahla Mandela (1918-2013). Ele foi advogado, ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999 e vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993. Mandela apresenta quatro dimensões nos processos de constituição da subjetividade e intersubjetividade:

- Subjetividade transobjetiva (contraditória). Ela emerge das propostas filosóficas que valorizam as modalidades pré-subjetivas de existência. É a experiência de um solo de acolhimento e sustentação, em que a diferença surge como constituinte das experiências intersubjetivas, não por oposição e confronto, mas por seu caráter de inclusão primordial;

- Subjetividade traumática. Nessa, o outro não só precede o eu, como sempre o excede. O fato do outro sempre exceder o eu é, por sua vez, inevitavelmente traumático;

- Subjetividade interpessoal. Ela surge da experiência do reconhecimento entre indivíduos. Trata-se de uma interação concreta entre organismos já diferenciados, funcionando em um plano individual ou interindividual;

- Subjetividade intrapsíquica. Nessa se encontraram as contribuições psicanalíticas, incluindo o estudo das experiências intersubjetivas estabelecidas no interior das subjetividades.

Sinta-se convidado à audição do 475º Domingo Sinfônico, deste dia 23, das 22h à 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo [www.radiotabajara.pb.gov.br](http://www.radiotabajara.pb.gov.br) ou <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Comentarei sobre as contribuições da musicalidade popular e erudita da diversidade cultural do Movimento Armorial para a panbrasilidade e sua relação com o barroco alemão. Entrevistarei o flautista e professor da Universidade Federal da Paraíba (Campus I) e regente titular da Orquestra Sinfônica do Estado da Paraíba, o argentino Gustavo de Paco de Géa (1957).

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Afetos de Caymmi

“Eu aprendi a gostar de mim, como gostava dos outros”, é assim que começa o documentário *Dorival Caymmi, um Homem de Afetos*, de Daniela Broitman. Isso de ele dizer “gostar de mim” é o retrato do amor. Em outro movimento, ele diz que era bonito.

Caymmi traz a música do mar para dentro de nossa casa, a canoa, os pescadores, os peixes e os amores: Marina, que ele pede que ela não se pinte, que já é bonita com o que Deus lhe deu; Gabriela e seus camaradas; tanta coisa linda, até a canção “Acalanto” que ele fez para ninar a filha Nana Caymmi: “É tão tarde, a manhã já vem, todos dormem, a noite também, ó eu velo, por você, meu bem”. No documentário, o registro do tempo mostra o afastamento entre eles dois, durante 7 anos.

E ainda por cima, Caymmi é humilde. É isso mesmo, Caetano Veloso também é o retrato de Dorival Caymmi, ao dizer que ele é maior de todos. Isso Caetano diz no documentário e repete a vida inteira.

*Dorival Caymmi, um Homem de Afetos* é um documentário amoroso, sobre a obra de um compositor amoroso, com relatos de amigos e artistas, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Guto Burgos - dos filhos Nana, Dori e Danilo, das pessoas que conviveram com o artista.

O longa aborda o processo de criação de suas maiores obras e como elas impactaram na história da música brasileira, incluindo a vida da cantora Carmen Miranda, que se tornou um fenômeno ao gravar pela primeira vez uma das músicas do mestre “O que é que a baiana tem?”!

É significativa a imagem da secretária Cristiane dizendo que, a pedido de Stella Maris, que morreu antes de Caymmi (ele não soube), que ela ficasse junto na hora final. “Eu fiquei e ele não percebeu que ela se foi”. Stella Maris morreu aos 86 anos, 11 dias antes da morte do marido, em agosto de 2008. Ela estava internada no Hospital Pró-Cardíaco, em Botafogo, Zona Sul do Rio. Ou seja, nenhum soube do outro.

Caymmi traz a música da Bahia, do Senhor do Bonfim, da Mãe Menininha do Gantois e dos orixás que nos aquecem e nos ensinam a chamar o vento. Vamos chamar o vento, vamos chamar o vento.

Seus versos são de uma suavidade, como a contemplação o mar e coisas simples, grandiosas, pelo seu cantar, como se Caymmi falasse com a gente, quando pergunta “Você já foi à Bahia, nega?” Tem-se a impressão de que Caymmi não canta, e ele fala cantando.

O filme é lindo, com esse viés que veio e traz o vento e ele explicando esse vento, e só ele, com aqueles gestos todos enervando o vazio das horas inquietantes. Caymmi é belo. *Dorival Caymmi, um Homem de Afetos* não é um filme tardio, mas necessário, com arquivos e imagens inéditas, coisas que nunca foram vistas pelo público.

Cenas lindas, a risada de Caymmi, o homem sanguíneo, a volta dos pescadores que têm dois amores, um na terra outro mar, que sequer levantam sobranceiras, ou interrogam a disposição desses amores, um na terra, outro no mar.

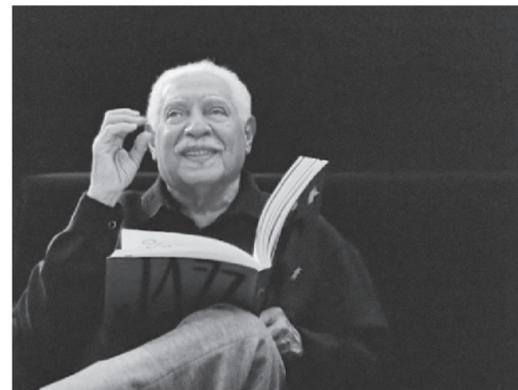
Gil canta Caymmi, Bethânia canta Caymmi, Caetano canta Caymmi e Gal gravou um disco inteiro cantando Caymmi, em 1976. Sinais, notícias de Pedro, Maurino, Dadá e Zé Caó que embarcaram de manhã, era quarta-feira santa, dia de pescar e de pescador...

Caymmi nas marés com Rosa, morena rosa, Dora, das pontes colônias do Recife, da vizinha que passava com seu vestido grená, Caymmi cantado por Sarah Vaughan, Caymmi nos deixando felizes, a tudo que a Bahia tem... A Bahia tem jeito, Terra, Terra...

## Kapetadas

- 1 - Não é estranho a pessoa pôr panos quentes pra esfriar a situação?
- 2 - Aos 82, já estava na hora do McCartney sossegar o baixo.

Foto: Divulgação/ Descolniza Filmes



Documentário sobre Caymmi está em cartaz no Cine Banguê

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## APL: um cineclubes que (parece) nunca existiu

A intenção de se criar um cineclubes na Academia Paraibana de Letras, pelo que sei e tenho documentos que comprovam, não terá sido de hoje. Há dez anos, uma proposta era caprichosamente elaborada pela então presidência da APL, que, à época, teve a assinatura do professor Damiano Ramos Cavalcanti, titular da instituição. Em verdade, não tenho certeza se o fato realmente ocorreu. Só sei que Damiano deu a maior atenção ao assunto para que sua ideia desse certo.

Tempos depois, já na sua gestão à frente da Fundação Casa de José Américo, Damiano Ramos seria o articulador principal e responsável pela criação do Cineclubes O Homem de Areia. Que ainda hoje existe, mesmo sem o glamour de seus primeiros anos, quando de suas reuniões fazíamos parte como integrantes da Academia Paraibana de Cinema.

Pois bem, retomo a questão de um cineclubes na Academia de Letras, lá pelos idos de 2014, e sobre um projeto bem elaborado pela entidade, defendendo o valor da sétima arte como elemento agregador dos outros segmentos de arte, notadamente a literatura. Isso, ao justificar o seguinte: "Literatura e cinema, ensejos da presente proposta, têm sido as formas de artes, além da música, mais contempladas no mundo todo. Elas se completam muito bem, desde que se registrou, no final do século 19 o advento da nova 'arte de luz e sombras'. Reconhecido sempre foi que as grandes obras literárias de autores paraibanos, como também de brasileiros e estrangeiros, fizeram sucesso no cinema."



Foto: Arquivo pessoal

Reunião do conselho do Cineclubes O Homem de Areia, na época presidido por Damiano Ramos

Nos termos em que foi então elaborada, a proposta reivindicava uma participação bem efetiva da Prefeitura de João Pessoa, de sua Secretaria de Educação e Cultura, além da Funjope, especialmente seu Plano Municipal de Cultura, para garantir as medidas a serem seguidas: "O coordenador de programação se reunirá com os dirigentes das academias de Letras e de Cinema, para a escolha do filme com tema literário a ser apresentado em cada sessão. Os filmes serão locados em distribuidoras de João Pessoa, da Paraíba e de fora do estado, e passarão pelo processo de adequação tecnológica especializada à exibição no Espaço Cinema de Arte, no Auditório da APL. As obras cinematográficas exibidas, após cada sessão serão discutidas pelos presentes, sob orientação das presidências de ambas as Academias de Letras e de Cinema, com a participação de representante da Funjope".

Trazendo a questão aos de hoje, a re-

cente solicitação de integrantes da Academia Paraibana de Letras, para darmos apoio à criação de cineclubes na APL, nos parece algo desprovido de sustentação. Sobretudo, por falta de infraestrutura técnica do ambiente. Isso mostrado, quando não conseguimos exibir um documentário, para homenagear um de nossos acadêmicos, também da própria APL, Wills Leal. E isso aconteceu quando da visita recente da diretoria da Academia Paraibana de Cinema àquela instituição de letras, no Centro da cidade, numa abordagem feita diretamente ao vice-presidente da APC, professor Mirabeau Dias, que se mostrou muito solícito, mas pediu a formalização do pedido.

O motivo para a criação do cineclubes, segundo se informou, seria o de empreender mais uma atração para o Sol das Letras, que é realizado mensalmente na APL. - Mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br)

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Antologias

Acabo de arrumar a estante das antologias de poesia brasileira. Não coloco ali as antologias paraibanas, pois reservo outro espaço para elas, dentro da categoria de assuntos e autores da terra. Falo em antologias, porém, na verdade, muitas se classificam melhor como coletâneas ou reuniões, uma vez que nem sempre o critério de seleção estabelecido se submete ao princípio da excelência estética da palavra.

Essas antologias são muito variadas, ao considerarmos o método de sua organização. Panorâmicas, específicas, documentais, históricas, temáticas, de regiões, de gênero, de grupos, de gerações, de escolas literárias, de formas poéticas, enfim, de todo e qualquer elemento disponível na ordem diversificada da literatura.

As antologias possuem um caráter didático e constituem, sem dúvida, um precioso repositório de informações no âmbito da história literária, além do que funcionam como passagem propedêutica para a disciplina crítica e exegética face à fenomenologia poética de uma determinada circunstância ou momento históricos.

Disponho de muitas para me servir a paixão de leitor e de colecionador, sempre atento à riqueza de seus conteúdos e à relevância de seus valores editoriais. Isso porque, se não temos o acesso detalhado à prática poética de certas latitudes ou mesmo o contato mais íntimo com certas tendências ou movimentos literários, esta ou aquela antologia, que os configurem na súmula de sua sistematização, como que nos fornece um portal de entrada razoavelmente confiável.

Na arrumação, é preciso que se diga, o instante melhor é o da limpeza e asseio dos volumes individualmente. Asseio e limpeza a que se soma aquela leitura intercalar de reconhecimento, de surpresa, de descoberta. Se ocorre aqui o reencontro com antigas passagens sublinhadas, com breves comentários ao pé da página, com notas casuais grifadas ao sabor de emoções esquecidas, ocorre também, e não raro, o acontecimento de um dado novo, a graça de uma nova lição que essa silenciosa experiência nos traz.

Ainda há pouco me detive, por exemplo, sobre um exemplar de 1959, das Edições Minervas, do Rio de Janeiro, intitulado *Coletânea de Poetas Alagoanos*, coordenado por Romeu de Avelar. Dedicado a Josué Montello, o volume se impõe como uma antologia panorâmica e histórica, contemplando nomes que vêm da segunda metade do século 19 aos anos 50 do século 20.

O antologista lança mão de três categorias para reunir os seus escolhidos: "Poetas mortos", Poetas vivos, "Poetas eventuais". Vivos e mortos já se explicam por si mesmos, considerada a época de sua publicação. Os "Poetas eventuais", curiosamente, são aqueles poetas "por esporte mental", conforme assegura o organizador. Seriam talvez os poetas bissextos, de Manuel Bandeira? Não se sabe nem se esclarece.

Para os de hoje, já na segunda década do século 21, um exemplo como esse pode parecer anacrônico ou insuficiente, sobretudo porque a poesia, em Alagoas, tem se enriquecido com os versos e poemas das novas gerações. No entanto, não penso assim. Na perspectiva de seus critérios e mesmo com as possíveis lacunas nem sempre evitáveis de empreendimentos dessa natureza, a coletânea de Romeu de Avelar me parece uma boa iniciação à tradição poética do estado de Alagoas.

Também me chamou a atenção, no manuseio desses livros que amo, a *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos*, publicada em Fortaleza pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1965, data comemorativa dos 10 anos de existência daquela instituição de ensino.

A nota introdutória, não assinada, revela que o plano inspirador da antologia foi do reitor Antônio Martins Filho e que a noção, quase sempre vaga e difusa, de contemporaneidade parece se circunscrever ao período daqueles poetas que representavam, nas terras de Iracema, a Geração de 45, aglutinados em torno da *Revista Clá*, responsável por uma das fases mais intensas da vida literária cearense.

Diria que é uma antologia de grupo ou de geração, contudo, com certa diversidade de expressão lírica, quer na temática de caráter plural, quer nos procedimentos formais, que variam entre o soneto de sabor clássico até os experimentos da poesia concreta. Há certo rigor na seleção dos autores e certo cuidado com a qualidade intrínseca do verso no poema, o que faz dessa antologia um close perfeito do melhor discurso poético daquele momento histórico.

Aluizio Medeiros, Alcides Pinto, Antônio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Carlos D'Alge, Durval Aires, Francisco Carvalho, Iranildo Sampaio, Nertan Macedo e Otacílio Colares são os poetas reunidos. Poetas que, com sua dicção diferenciada e com sua singular percepção de mundo, deram sólida contribuição ao patrimônio da poesia brasileira.

## APC se congratula com seus acadêmicos

Ex-presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zezita Matos acaba de receber o Prêmio de Melhor Atriz do 47º Festival Guarnicê de São Luiz do Maranhão, quarta-feira passada, por sua atuação no curta-metragem de ficção *Antes de Partir*, com roteiro e direção de Sheury Manu Neves. A solenidade de entrega do prêmio foi no Teatro Arthur Azevedo daquela cidade. A Academia Paraibana de Cinema foi igualmente representada pela atriz Zezita Matos.

Outra paraibana que faz parte dos quatro da APC, a atriz Marcela Cartaxo, acaba de ser também homenageada pelo seu filme *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, que foi relançado agora em cópia nova. Filme que traz a atuação do paraibano José Dumont.



## MÚSICA

# Joab Sax usa memórias de infância em música que ganha single e videoclipe nesta segunda

Daniel Abath  
[abathjornalista@gmail.com](mailto:abathjornalista@gmail.com)

O multi-instrumentista e compositor Joab Andrade, natural de Uiraúna e artisticamente conhecido como Joab Sax, lança amanhã (24), em todas as plataformas de *streaming* de áudio, o *single* "Saudades de Abim", juntamente com o videoclipe da canção em seu canal no YouTube. O projeto "Gravação do videoclipe da música instrumental 'Saudades de Abim'" conta com financiamento da Lei Paulo Gustavo, por meio de edital promovido pelo Governo do Estado da Paraíba, e visa a promoção da cultura musical brasileira, especialmente a música instrumental nordestina.

Tanto a composição quanto o arranjo de "Saudades de Abim" é de Joab, auxiliado por uma equipe de produção oriunda do Alto Sertão paraibano. "Um trabalho árduo nos arranjos, na gravação e também na gravação do videoclipe, com atores mirins e uma banda que gravou a música". O *single* foi inspirado nas memórias de infância de Joab, sendo Abim um apelido com o qual todos o chamavam, quando criança.

Nos interstícios dos arranjos da canção, Joab insere trechos sutis de trilhas sonoras das suas séries preferidas, a exemplo de Jaspion, Cavaleiros do Zodíaco e Power Rangers. "Aqui e acolá rola essa pitadinha de nostalgia. Como eu sou sertanejo, a minha influência é um baião, mas eu misturo ritmos como maracatu, afoxé, xote e finalizo com um baião bem animado", detalha.

No videoclipe, Abim tenta entregar algumas partituras ao seu pai, um músico que está prestes a iniciar um con-

certo e se dá conta de que esqueceu as pautas da apresentação em casa. O garoto é morador de um sítio — a paisagem da Uiraúna de Joab — e precisará desbravar currais e matas até chegar à cidade. Durante a jornada, meninos brincando de bila e peão se interpelam à trajetória de Abim, verdadeiros desafios ao protagonista, que ora esquece ora relembra das benditas partituras.

### A paixão de Abim

Joab começou cedo na música - aos 11 anos de idade - por influência da família. "Eu tinha o privilégio de ter um sax em casa. Aos 12 anos, já estava tocando nos carnavais. Eu acho que é um dom. Tem gente que pega (o instrumen-

to) e não consegue nem soprar. Sempre comento com o pessoal que não lembro de ter tido dificuldade com o instrumento", confessa Joab ao lembrar de Abim.

O saxofonista afirma que evoluiu a partir do autodidatismo, mas que fez alguns cursos de extensão da Universidade Federal da Paraíba, com mestres com o saxofonista e fagotista paraibano Heleno Feitosa, o Costinha. Joab conta, muito entusiasmado, que continua estudando até hoje. "É uma batalha diária. Tem hora que desanima, mas eu nunca pensei em desistir. E aos poucos, mas com determinação e resiliência, a gente vai conseguindo", afirma.

A paixão de Joab o tem levado a lugares nos quais nunca imaginou estar. Com dois álbuns disponíveis nas plataformas de *streaming*, o saxofonista já se apresentou em diversos eventos, tais como shows do Centro Cultural Banco do Nordeste, Projeto Sabadinho Bom, 31º Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) e ao lado do Maestro Spok, em Olinda. Joab demonstra conservar os mesmos sonhos do pequeno Abim, de pegar o saxofone e fazer música sem pensar em fama ou dinheiro. "Eu quero deixar minha música aí", declara Abim, ou melhor, Joab.

O clipe tem Levir Andrade como ator; direção de Maycon Carvalho e Delmira Lyra na direção de arte; Gildivan Martins na filmagem e fotografia; e Ana Luiza do Nascimento na direção executiva. Além de Joab Sax no saxofone e no pífano, outros músicos que tocam no *single* são Franco Helton (bateria), Edilson Ferreira (guitarra), Wellington Dantas (contrabaixo) e Dudu (sanfona).

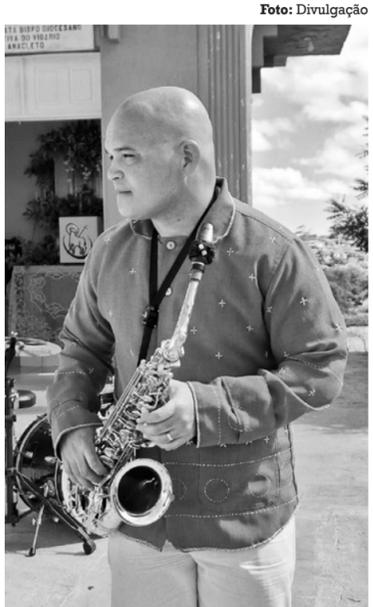


Foto: Divulgação

Joab Sax é o próprio Abim do título da faixa

# Em Cartaz

## Cinema

Programação de 20 a 26 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

### ESTREIAS

**BANDIDA – ANÚMERO UM.** Brasil, 2024. Dir.: João Wainer. Elenco: Maria Boman, Jean Amorim, Milhem Cortaz, Otto. Policial/drama. Após a morte do marido traficante, mulher assume comando do tráfico na Rocinha. 1h22. 18 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 16h30, 18h50, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dom. a qua.: 15h15, 17h30, 19h45, 22h.

**CLUBE DOS VÂNDALOS (The Bikers).** EUA, 2024. Dir.: Jeff Nichols. Elenco: Austin Butler, Tom Hardy, Jodie Comer, Michael Shannon. Policial/drama. Membro de um clube de violentos motoqueiros precisa escolher entre a mulher que ama e a liderança do grupo. 1h56. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h15, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h15, 20h40.

**DIVERTIDA MENTE 2 (Inside Out 2).** EUA/Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Vozes na dublagem brasileira: Mía Mello, Tatá Werneck, Dani Calabresa, Katiúscia Camoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/comédia/animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 14h45, 17h, 19h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h30, 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: 14h45, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: 15h15, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h, 16h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 13h15; 2D: 15h15, 17h15, 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h15, 17h15, 19h15. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 3D: 14h15; 2D: 16h15, 18h15, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h, 16h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h20, 17h20; seg. a qua.: 16h, 18h. CINE GUEDES 2: dub.: seg. a qua.: 15h20, 17h20, 19h20, 21h15. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 14h45, 18h35; 2D: 16h40; seg. a qua.: 3D: 14h45, 18h35; 2D: 16h40, 20h30. MULTICINE PATOS 1: dub.: 15h50, 20h25. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: sab. e dom.: 14h20, 17h20, 19h40; seg. a qua.: 15h05, 17h20, 19h40.

**PRE-ESTREIA**

**TUDO O QUE VOCÊ PODIA SER.** Brasil, 2024. Dir.: Ricardo Alves Jr. Elenco: Asha Bruno, Bramma Bremmer. Drama. Quatro amigas queer passam o dia juntas na despedida de uma delas. 1h24. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: ter.: 19h.

### CONTINUAÇÃO

**AMIGOS IMAGINÁRIOS (It).** EUA, 2024. Dir.: John Krasinski. Elenco: Ryan Reynolds, Cate Blanchett, John Krasinski. Vozes na dublagem brasileira: Murilo Benício, Giovanna Antonelli. Comédia. Garota começa a ver amigos imaginários abandonados por crianças que envelheceram. 1h44. Livre.

**Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h25.

**ASSASSINO POR ACASO (Hit Man).** EUA, 2024. Dir.: Richard Linklater. Elenco: Glen Powell, Adria Arjona. Aventura/ação/comédia. Falso assassino profissional ajuda uma mulher em perigo e se complica. 1h55. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qui. a seg. e qua.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h30. **Patos:** MULTICINE PATOS 1: dub.: 18h.

**BAD BOYS – ATÉ O FIM (Bad Boys – Ride or Die).** EUA, 2024. Dir.: Adil El Arbi e Bilal Fallah. Elenco: Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. Policial/ação. Dois ex-policiais voltam à ativa para ajudar antigo chefe. 1h55. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h20, 16h, 18h40; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h30, 17h15, 20h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 19h10; seg. a qua.: 20h05. MULTICINE PATOS 3: dub.: sab. e dom.: 15h10, 18h30, 21h;

seg. a qua.: 15h30, 18h30, 21h.

**DORIVAL CAYMMI, UM HOMEM DE AFETOS.** Brasil, 2024. Dir.: Daniela Broitman. Documentário. A vida e obra do importante compositor baiano. 1h30. 10 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: Próximas semanas: qui. 27/06: 17h; dom. 30/6: 19h.

**O ESPAÇO INFINITO.** Brasil, 2024. Dir.: Leo Bello. Elenco: Gabrielle Lopes, Luciana Domschke, Sergio Sartorio. Drama. Após ser internada em instituição psiquiátrica, mulher faz jornada subconsciente. 1h18. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom.: 17h. Próximas semanas: qui. 27/6: 19h; sab. 29/6: 15h; dom. 30/6: 19h.

**MALLANDRO, O ERRADO QUE DEU CERTO.** Brasil, 2024. Dir.: Marco Antonio Carvalho. Elenco: Sérgio Mallandro, Marianna Alexandre, Lúcio Mauro Filho, André Mattos, Nany People, Xuxa, Zico. Comédia. Sérgio Mallandro tenta dar a volta por cima na carreira, mas precisa se reinventar. 1h42. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h30.

**PLANETA DOS MACACOS – O REINADO (Kingdom of the Planet of the Apes).** EUA, 2024. Dir.: Wes Ball. Elenco: Owen Teague (em captura de movimento), Freya Allan, William H. Macy. Ficção científica/aventura/drama. Macacos dominam a Terra e caçam humanos e jovem primata começa a questionar o que foi ensinado a eles. 2h25. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h45.

**A SEMENTE DO MAL (Amelia's Children).** Portugal, 2023. Dir.: Gabriel Abrantes. Elenco: Brigette Lundy-Paine, Carloto Cotta. Terror. Homem procura família biológica e encontra segredos sombrios. 1h31. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h40.

**TODA NOITE ESTAREI LÁ.** Brasil, 2024. Dir.: Tati Franklin, Suellen Vasconcelos. Documentário. Travesti impedida de entrar em uma igreja petencostal protesta em frente ao lugar com cartazes. 1h12. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: ter.: 19h. Próximas semanas: sab. 29/6: 17h.

**VERMELHO MONET.** Brasil/Portugal, 2024. Dir.: Halder Gomes. Elenco: Maria Fernanda Cândido, Chico Diaz, Samantha Heck Muller. Drama. Pintor tenta recomeçar vida se inspirando em atriz. 2h15. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom.: 19h;

qua.: 19h. Próximas semanas: sab. 29/6: 19h.

**UMA VIDA DE ESPERANÇA (Ordinary Angels).** EUA, 2024. Dir.: Jon Gunn. Elenco: Hilary Swank, Alan Ritchson, Emily Mitchell. Drama. Cabelereira tenta ajudar pai viúvo a salvar filha doente. 1h58. 10 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 15h40.

### REAPRESENTAÇÃO

**A HORA DA ESTRELA.** Brasil, 1986. Dir.: Suzana Amaral. Elenco: Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman, Fernanda Montenegro. Drama. Migrante nordestina ingênua tenta viver em São Paulo e se apaixona por um operário bruto. 1h36. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGUÊ: dom.: 15h; seg.: 19h. Próximas semanas: dom. 30/06: 17h.

### CONTATO

**CENTERPLEX:** (MAG Shopping, JP - https://www.centerplex.com.br/cinema/mag). **CINE BANGUÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (Manaíra Shopping e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html). **CINESERCLA:** (Tambia Shopping, JP e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema). **MULTICINE:** (Patos Shopping, Patos - https://www.multicinecinemas.com.br/).

## Música

### HOJE

**SÃO JOÃO DA CAPITAL.** Shows de artistas variados. Domingo: Mara Pervanelly, Eliane, Daniele Santiago e Renno Poeta. Segunda: Magníficos, Kally Fonseca, Nuzio e Berinho Lima. **João Pessoa:** PARQUE DA LAGOA (Parque Sólón de Lucena, Centro). Hoje. Entrada franca.

**SÃO JOÃO DE BANANEIRAS.** Shows de artistas variados. Domingo: Nattan, Juliette, Guilherme Dantas, Curió Forrozeiro. **João Pessoa:** BANANEIRAS PARK (PB-103). Último dia. Ingressos (área premium): R\$ 300 (inteira), R\$ 160 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 150 (meia), à venda na plataforma Brasil Ticket.

**SÃO JOÃO DE PATOS.** Shows de artistas

variados. Domingo: Leonardo, Gustavo Mioto, Dennis DJ, Zé Cantor.

**João Pessoa:** TERREIRO DO FORRÓ (Centro). Último dia. Entrada franca.

**SÃO JOÃO DE SANTA LUZIA.** Shows de artistas variados. Domingo: Lucas Tô de Boca, Alceu Valença, Michele Andrade, Israel & Rodolfo. **João Pessoa:** PARQUE DE EVENTOS (r. João Cirilo da Silva, s/n°, Centro). Último dia. Entrada franca.

**ESTA SEMANA**

**SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE.** Shows de ritmos variados. Segunda: Fabrício Rodrigues, Waldonys, Eliane do Forró, Magníficos. Terça: Marcos Freire, Isadora Pompeo. **Campina Grande:** PARQUE DO POVO (Centro). Entrada franca.

**FORRÓTOP.** Trio apresenta show *Tamano Mulher*, com forró e sapateado.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Sexta, dia 28, às 21h. Ingressos: R\$ 30 (inteira), R\$ 20 (social) e R\$ 15 (meia), antecipados na Sympla.

## Exposições

### CONTINUAÇÃO

**O FEMININO NA LUZ DE CARAVAGGIO.** Fotografias de Gustavo Cameiro inspiradas no pintor italiano.

**João Pessoa:** HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, 7, Varadouro). Visitaçãõ até 30 de junho. Entrada franca.

**FLAVIO TAVARES + CHICO PEREIRA.** Painéis dos dois artistas com o tema Feira de Campina Grande. Vernissage terá apresentação de Luizinho Caixoto e sessão de autógrafos do livro *Feira de Campina Grande – Um Museu Vivo da Cultura Popular*.

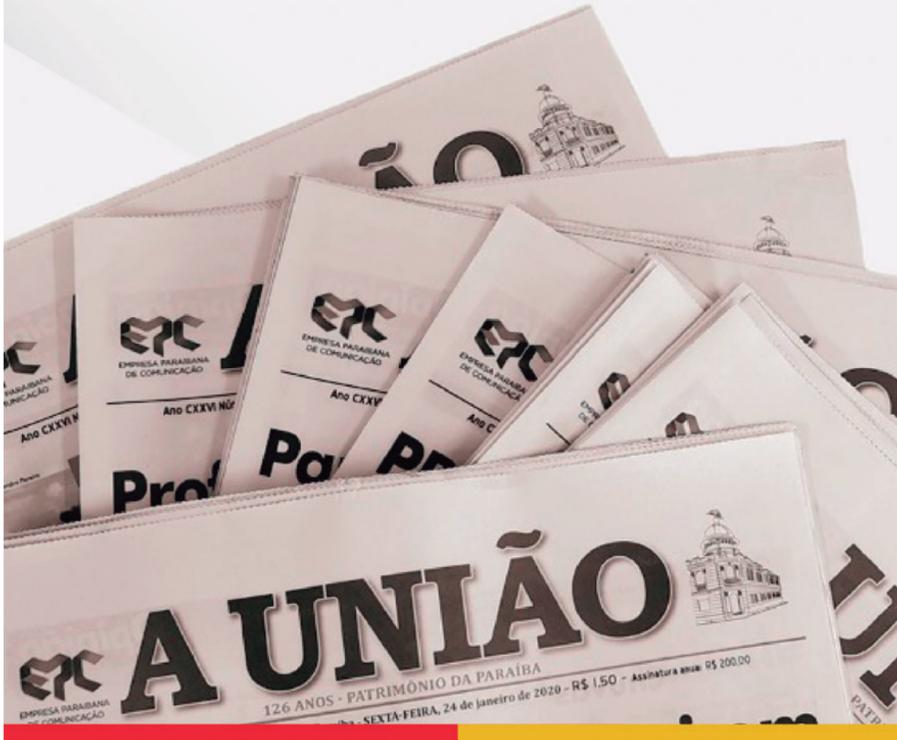
**João Pessoa:** FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - 3219.0900 - @fundacaocasadesejose). Visitaçãõ até 24 de junho. Entrada franca.

**TRAÇOS DE MEMÓRIA E SONHO.** Pinturas de Flávio Tavares.

**João Pessoa:** ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Flávio Ribeiro Coutinho, 500, Jardim Oceania, João Pessoa). Entrada franca.

MKT EPC

# LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO



ASSINE O JORNAL A UNIÃO

☎ 3218.6518 / (83) 99117 7042

✉ CIRCULACAO@EPC.PB.GOV.BR

## ELEIÇÕES

# Voto facultativo, porém necessário

Participação política de adolescentes, idosos com mais de 70 anos e analfabetos é benéfica para a democracia

Filipe Cabral  
filipemscabral@gmail.com

Carla Thays tem 17 anos, é estudante da rede estadual de ensino da Paraíba e vai votar pela primeira vez nas Eleições Municipais 2024. Prestes a completar 85 anos, a técnica de laboratório aposentada, Lizete Melo, já perdeu a conta de quantas vezes exerceu o direito. Apesar da diferença de idade, neste ano, as duas fazem parte de um mesmo grupo: o de eleitoras e eleitores para quem o voto não é obrigatório.

De acordo com a Constituição Federal, o voto e o alistamento eleitoral são obrigatórios para os brasileiros maiores de 18 anos e facultativo para maiores de 70 anos, jovens com idade entre 16 e 18 anos e analfabetos.

Na Paraíba, segundo dados da Justiça Eleitoral, dos mais de 3,2 milhões de eleitores aptos a votar neste ano, cerca de 522 mil (16%) poderão escolher se participam ou não das eleições municipais. Na soma, estão os 80.053 eleitores de até 17 anos, os 300.067 maiores de 70 e os 142.087 analfabetos en-

## Poder

**Sociólogo aponta que votos facultativos têm potencial para decidir as eleições em certos cenários. Por isso, ele defende a realização de campanhas contra abstenções**

tre 18 e 70 anos. O número é maior que o total de eleitores de praticamente todos os municípios do estado, exceto a capital João Pessoa, cujo eleitorado, em 2024, é de 567.403.

Ao comparar com os pleitos anteriores, é possível observar que o grupo dos eleitores para quem o voto é facultativo tem aumentado, de modo geral, nos últimos anos. Nas eleições municipais de 2020, por exemplo, os adolescentes com até 17 anos somavam 42.322, enquanto os idosos com mais

de 70 eram 246.274. Dois anos depois, nas eleições gerais de 2022, ambos grupos cresceram, com totais de 57.814 e 273.475, respectivamente.

Apenas o grupo dos analfabetos apresentou redução com o passar dos anos. Em 2020, o total de analfabetos — de todas as faixas etárias — aptos a votar na Paraíba era de 216.698, representando 7,3% do eleitorado estadual à época. Em 2022, o número caiu para 211.163 (6,83%) e, neste ano, para 208.324 (6,45%). De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a Paraíba tinha 417 mil analfabetos, o que correspondia a pouco mais de 10% dos 4,05 milhões paraibanos computados naquele ano.

### Participação

Ao analisar a importância do voto facultativo nas Eleições Municipais 2024, o sociólogo e professor de História Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Flávio Lúcio Rodrigues, observa

que a participação dos eleitores para quem o voto é opcional pode ser decisiva em determinados cenários. Como exemplo, ele recorda as eleições gerais de 2022, que, segundo ele, poderiam ter sido definidas ainda no primeiro turno caso a taxa de abstenção não tivesse sido tão alta. Na ocasião, mais de 32 milhões de eleitores aptos a votar não compareceram às seções eleitorais, o que representou quase 21% de abstenção.

“Eu lembro que Lula deixou de vencer por algo em torno de 1,8 milhão de votos. Se parte do eleitorado que se absteve tivesse votado, nós poderíamos ter tido outro resultado. A gente sabe que a abstenção não é só desses grupos [de voto facultativo], mas como eles não têm uma penalidade caso deixem de votar, a tendência é que, entre eles, haja uma abstenção maior”, comentou.

Nesse contexto, Flávio Lúcio defende a realização de campanhas, como as produzidas pela Justiça Eleitoral, de incentivo ao exercício do voto.

“Quando um eleitor não vota, outra pessoa que vota

acaba decidindo por ele. E esse é o problema que faz com que, muitas vezes, um eleitor lamentamente quando um candidato ou candidata que venceu a eleição produz uma tragédia política ou encaminha o governo em uma direção desfavorável à sociedade”, sublinhou o sociólogo.

Consciente de sua responsabilidade com a democracia, Carla Thays dos Anjos é uma das jovens eleitoras paraibanas que fazem questão de participar da escolha de prefeitos e vereadores neste ano.

“Os jovens fazem total diferença [nas eleições]. Porque a gente também tem voz, a gente também faz diferença, a gente participa da sociedade. Então, se a gente é atingido pelas escolhas que são feitas, a gente tem que fazer parte de todos esses processos e eleger quem mais nos represente”, defendeu a estudante da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Olivina Olívia Carneiro da Cunha.

Na outra ponta do grupo, do alto de seus 84 anos, Lizete Melo garante que, em outubro, comparecerá mais uma vez à

seção eleitoral na UFPB para “depositar” seu voto. Questionada se, depois de tantos anos, já estaria cansada ou desentendida com a política, ela rebate: “Estou firme e forte!”.

“O idoso deve escolher seu candidato. Aqui não tem ninguém que mexa com a minha cabeça, não. Sou eu quem resolvo, tá entendendo? Primeiro eu procuro o que foi que aquele candidato fez, se a criatura já teve mandato, se ele fez algo de bom para o idoso, na educação, na saúde, vou levantando a ficha dele”, explicou a aposentada.

Para Lizete, mais do que a opção por um ou outro candidato, o exercício do voto pelos idosos representa a afirmação de um direito e até mesmo da vida.

“Às vezes, as famílias acham que o idoso só deve ficar dentro de casa, não pode sair, estar na rua, fazer atividades. Não, de jeito nenhum. Não é porque nós somos idosos que nós deixamos de ser pessoas ativas na sociedade. Os idosos precisam ser mais valorizados e ter seus direitos respeitados”, protestou.



Foto: Roberto Guedes

“O idoso deve escolher seu candidato. Não tem quem mexa com a minha cabeça. Eu procuro se a criatura já teve mandato, se fez algo de bom para o idoso

Lizete Melo

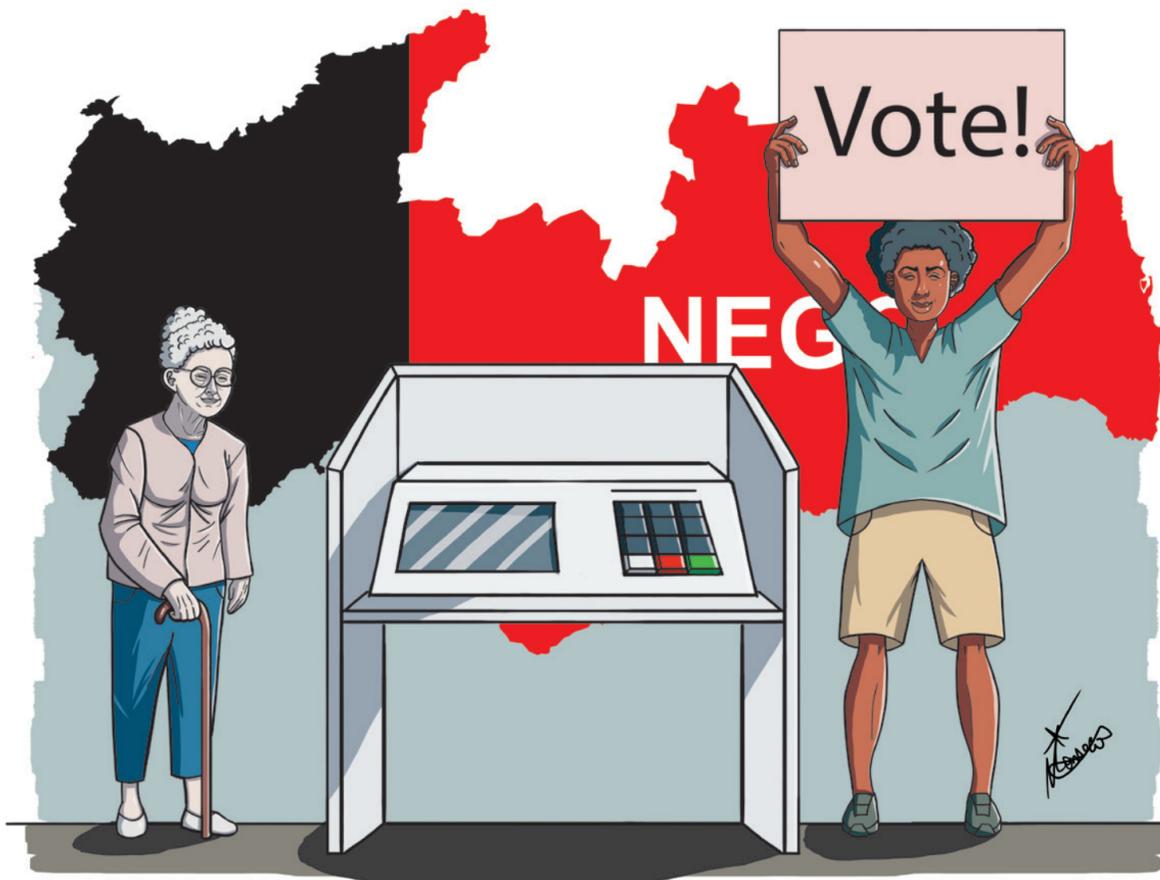


Ilustração: Matheus Antonius



“A gente também tem voz e também faz a diferença. Se somos atingidos, temos que fazer parte do processo e eleger um representante

Carla Thays

## Grupos protagonizam conflito de gerações e de ideais políticos

Em relação aos perfis dos grupos para quem o voto é facultativo, Flávio Lúcio comenta que, embora não possam ser vistos como “blocos monolíticos”, é possível identificar algumas características preponderantes em cada segmento.

Ao analisar as votações dos últimos pleitos municipais e gerais, o sociólogo observa que adolescentes e idosos, por exemplo, “têm assumido posições políticas mais distintas”. Segundo ele, o eleitor mais velho é “majoritariamente mais aberto ao conservadorismo”, enquanto os mais jovens costumam ser “mais resistentes às pau-

tas mais conservadoras”.

“As pesquisas mostram isso. O eleitor mais jovem é mais preocupado e está mais aberto ao enfrentamento contra o que ele encara como retrocesso. Ao passo que o eleitor mais idoso, até pela idade, é um eleitor que, de maneira geral, se engaja mais nas pautas mais conservadoras”, pontuou.

### Analfabetos

Sobre os analfabetos, o professor da UFPB questiona a tese de que tais eleitores seriam apenas “massa de manobra” ou de que “não sabem votar”. Ele, inclusive, destaca o direito dos analfabetos

ao voto como uma conquista consolidada na Constituição de 1988.

Até 1985, quando foi promulgada a Emenda Constitucional nº 25 à Constituição de 1967, os analfabetos não tinham o direito de votar, vivendo à margem da democracia no país. O voto dos iletrados chegou a existir durante o período colonial e o Império, mas foi abolido em 1881, passando 104 anos até ser restabelecido.

“O preconceito contra os analfabetos — de que eles seriam apenas ‘massa de manobra’ — é um preconceito de classe também, porque, em geral, os analfabetos pertencem

àquela faixa da população mais pobre. Essa crítica normalmente embute um preconceito dos mais ricos em relação a esses mais pobres. E esse preconceito é potencializado ainda pela cultura escravista da nossa elite, que vê no povo mais pobre uma massa que deve servir para para segui-los politicamente e ser explorada economicamente”, apontou Flávio Lúcio.

“O pessoal que reclama do voto do analfabeto, é o mesmo que diz que o Bolsa Família ‘criou uma legião de vagabundos’. Mas o que acontece é que o pessoal que recebe Bolsa Família apenas

não aceita mais trabalhar recebendo o que eles querem pagar. Porque agora eles têm uma renda mínima que lhes permite recusar essas ofertas de trabalho ultraexploratórias”, acrescentou.

Ainda sobre a ideia de que os analfabetos não teriam percepção da política ou não teriam condições para decidir como votar, o sociólogo provoca: “Basta olhar a classe média como vota também. Você vai ver que isso não tem nada a ver com ensino formal. Às vezes, um analfabeto é muito mais consciente porque ele sabe como ele vive, o que ele sofre e do que ele precisa”, argumentou.

■ Especialista analisa que os idosos são mais adeptos a pautas conservadoras, enquanto os jovens são mais progressistas

## MEDICAMENTOS

## Comissão debate sigilo em testes

Em pauta no Senado, proteção regulatória sobre fabricação de remédios pode impactar oferta de genéricos

Agência Senado

O atraso no desenvolvimento de remédios genéricos pode ser uma das consequências do sigilo aos testes de laboratório para medicamentos humanos. Nas últimas semanas, os riscos e benefícios de uma eventual proteção da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) no segmento farmacêutico foram apresentados, por especialistas do setor, à Comissão de Ciência e Tecnologia (CCT) do Senado Federal. Atualmente, a regra vale apenas para o uso de remédios veterinários, agrotóxicos e fertilizantes, entre outros itens do gênero.

A chamada Proteção Regulatória do Dossiê de Testes (PRDT) resguarda novos produtos da concorrência por um tempo determinado. Quando o fabricante envia informações clínicas à Anvisa para registrar o item, elas

são usadas pelo órgão para comparar com as versões de outras empresas e, assim, autorizar também o produto genérico. Mas, segundo a Lei nº 10.603, de 2002, que não se aplica no caso de remédios, quando o resultado dos testes envolver “esforço considerável” e tiver “valor comercial enquanto não divulgado”, a informação passa a ser sigilosa e cria barreiras para o registro dos genéricos.

## Cinco anos

Caso esse processo também seja aplicado aos medicamentos humanos, os genéricos podem demorar cinco anos ou mais para chegar ao mercado, segundo o presidente-executivo da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (Alanac), Henrique Tada. Ele deu a declaração em audiência pública na CCT, a terceira do colegiado, realizada no último

dia 12. Em sua estimativa, levaria cerca de 25 anos, em muitos casos, entre as pesquisas de um medicamento novo e sua comercialização por meio de genéricos: “[A eventual PRDT nos medicamentos adia o] início da entrada no mercado desses medicamentos [genéricos], que são muito importantes para o abastecimento do SUS [Sistema Único de Saúde]”.

Os três debates foram presididos pelo senador Izalci Lucas (PL-DF) e tiveram participação dos senadores Astronauta Marcos Pontes (PL-SP) e Dr. Hiran (PP-RR).

## Preços altos

A diferença de preço entre os produtos originais e genéricos foi criticada pelo diretor-executivo da Iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDi) na América Latina, Sergio Alejandro Sosa-Estani. Sem genéricos, a popula-



Regra cria barreiras para o desenvolvimento de versões populares de novos medicamentos

ção fica sujeita ao valor único do fabricante original. Para Sosa-Estani, a PRDT “é uma política que apoia preços elevados dos medicamentos”, por permitir o monopólio do fabricante do produto novo. No dia 10 de fevereiro,

o Brasil completou 25 anos de implantação da política de medicamentos genéricos, por meio da Lei nº 9.787, de 1999. De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF), que fiscaliza o setor, a norma busca baratear os

preços dos produtos. Por lei, os genéricos têm de ser ofertados a valores 35% abaixo dos itens de marca. Na prática, conforme o CFF, a diferença gira em torno de 67%, podendo chegar, em alguns casos, a 90%.

## Parlamentares e especialistas discutem monopólio e inovação

O monopólio também foi criticado por Ana Cláudia Oliveira, especialista em propriedade intelectual da Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina, Biotecnologia e suas Especialidades (Abifina). Na primeira audiência da CCT, no dia 15 de maio, ela afirmou que o tema passou a ser discutido por farmacêuticas

após o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubar, em 2021, a norma que permitia prorrogar as patentes. Segundo ela, a PRDT nos remédios seria uma estratégia para manter o tempo de monopólio sobre as vendas.

De acordo com o senador Dr. Hiran, ainda não existe um projeto de lei sobre o assunto no Senado.

## Direito à saúde

Para a representante do Conselho Nacional de Saúde (CNS) Laís Alves de Souza Bonilha, o interesse dos pacientes deve prevalecer sobre o das empresas. Ela disse que a medida não beneficiaria a indústria nacional e que atrasa o acesso da população aos genéricos fere a Constituição Federal.

“Não estamos defendendo os interesses da indústria farmacêutica nacional quando defendemos a PRDT, estamos defendendo a indústria estrangeira. Essa é uma questão ética. Nós não podemos tratar as pessoas como objetos, não podemos tratar o medicamento como uma camiseta a ser vendida. O en-

velhecimento da população foi graças às melhores qualidades de vida e às possibilidades de acesso aos medicamentos”, argumentou.

## Investimentos

Mas, na avaliação do presidente da Associação Brasileira da Propriedade Intelectual (ABPI), Gabriel

Leonardos, a proteção aos novos produtos estimularia o investimento em inovação farmacêutica. Ele defendeu o sigilo sobre os testes clínicos de cinco a 10 anos, o mesmo que a lei estipula para produtos veterinários e agrotóxicos. “Enquanto for possível que uma empresa simplesmente ‘pegue carona’ e enriqueça sem causa, às custas dos esforços das empresas inovadoras, estaremos dizendo ao mundo: ‘Não venham investir aqui’. O nosso país quer estimular a ciência, a tecnologia e a inovação ou viver de copiar a criatividade em países mais avançados?”.

Na avaliação do presidente-executivo da Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma), Renato Porto, a PRDT seria vantajosa para o país, pois a ausência de concorrentes por um tempo maior incentivaria o investimento em pesquisa. No debate do dia 22 de maio, Porto declarou que as pesquisas para um medicamento costumam levar cerca de 12 anos para serem concluídas e custar até R\$ 1,3 bilhão.

Ele mencionou um estudo patrocinado pela Interfarma e realizado pela Copenhagen Economics, empresa dinamarquesa de consultoria, segundo o qual a PRDT estimula a realização de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Ao longo das três reuniões da CCT, o estudo foi alvo de divergência entre seis debatedores.



Representantes da ABPI e da Interfarma defendem que medida estimularia investimentos em pesquisa e produtos farmacêuticos inovadores no país

## Prazos de proteção da patente e da PRDT seriam sobrepostos

Outro esclarecimento recorrente feito pelos convidados da CCT foi a diferença entre a proteção dos resultados de testes e a proteção da patente. De acordo com Henrique Tada, representante da Alanac, a patente é uma proteção de 20 anos que veda a comercialização de uma inovação no mundo por outra empresa, mas não proíbe que

concorrentes desenvolvam produtos genéricos. O que atrasaria esses estudos sobre os genéricos seria, segundo ele, a PRDT.

Tada estimou que, normalmente, a comercialização dos genéricos já acontece ao fim dos 20 anos da patente, pois os estudos laboratoriais e o registro na Anvisa dessas versões mais

baratas ocorrem antes desse prazo. Mas, caso a PRDT seja aplicável aos remédios, em muitos casos, os estudos só se iniciariam após o fim da patente, em razão da sobreposição de prazos entre as duas formas de proteção. Com o atraso do desenvolvimento dos genéricos, também haveria atraso na comercialização.

■ Tema é complexo e exige debate profundo no Parlamento, diz o senador Izalci Lucas (PL-DF)

Segundo o senador Izalci Lucas (PL-DF), o tema é complexo e exige debate profundo no Parlamento. Ele disse reconhecer de importância da quebra das patentes, mas afirmou que isso poderia inibir outras empresas de investir em pesquisa e desenvolvimento. “A importância da PRDT na promoção da inovação foi reconhecida por mer-

cados desenvolvidos e em desenvolvimento”, declarou o parlamentar. Chile, México e Colômbia vedam o acesso aos dados por um período fixo de cinco anos. No caso da União Europeia, a exclusividade para as farmacêuticas que realizam os ensaios (fases pré-clínica e clínica) é de 10 anos. Nos Estados Unidos, é de cinco a 12 anos.

## VEGETAÇÃO NATIVA

# Incêndios afetam paisagem do país

Quase 1/4 da área total do Brasil pegou fogo nos últimos 40 anos, aponta estudo divulgado pelo MapBiomias

Bruno de Freitas Moura  
Agência Brasil

Quase um quarto do território brasileiro pegou fogo, ao menos uma vez, no período entre 1985 e 2023. Foram 199,1 milhões de hectares, o equivalente a 23% da extensão territorial brasileira. Os dados, obtidos por meio de comparação de imagens de satélite, fazem parte de um estudo divulgado na última semana pelo MapBiomias Fogo, rede que envolve universidades, organizações não governamentais (ONGs) e empresas de tecnologia.

De acordo com o estudo, da área atingida por incêndio, 68,4% eram vegetação

nativa, enquanto 31,6% tinham presença da atividade humana, notadamente a agropecuária. O Cerrado e a Amazônia são os principais biomas vítimas da ação do fogo, seja de origem natural ou provocada pelo homem. Juntos, são 86% da área queimada. Pelas imagens de satélite, os pesquisadores conseguem analisar o tamanho e o padrão histórico das áreas incendiadas, mas não é possível apontar com certeza o que iniciou o fogo.

No entanto, a coordenadora do MapBiomias Fogo e diretora de Ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), Ane Alencar, explicou que é pos-

sível chegar ao entendimento de que a maior parte das queimadas não tem origem natural, quando raios, principalmente, são iniciadores do fogo. “A gente pode inferir que a grande maioria é incêndio causado ou iniciado pela atividade humana”, aponta a geógrafa.

O principal motivo para chegar à conclusão é o período em que acontece grande parte dos incêndios, que são concentrados em agosto e setembro. “Onde queima mais, Cerrado, Amazônia e, agora, infelizmente, no Pantanal, é período seco, período em que, provavelmente, é bastante difícil de acontecer as descargas elétricas

das tempestades”, detalha Ane Alencar.

### Seca piora cenário

A estação seca, entre julho e outubro, concentra 79% das ocorrências de área queimada no Brasil, sendo que setembro responde por um terço do total.

A coordenadora do MapBiomias afirma que a maior parte da vegetação nativa incendiada continua sem ocupação humana. “Um pequeno percentual das áreas que foram afetadas se torna, principalmente, área de pastagem”.

Quase metade (46%) da área queimada está concentrada em três estados: Mato

Grosso, Pará e Maranhão. De cada 100 hectares queimados, 60 estão em territórios particulares. Os três municípios que mais queimaram entre 1985 e 2023 foram Corumbá (MS), no Pantanal, seguido por São Felix do Xingu (PA), na Amazônia, e Formosa do Rio Preto (BA), no Cerrado.

O levantamento do MapBiomias mostra ainda que cerca de 65% da área afetada pelo fogo foi queimada, mais de uma vez, entre 1985 e 2023. Nesse período, a cada ano, em média 18,3 milhões de hectares — equivalente a uma área pouco menor que o estado de Sergipe — são afetados pelo fogo.

“

**A gente pode inferir que a grande maioria é incêndio causado ou iniciado pela atividade humana**

Ane Alencar

## Pantanal é o bioma mais atingido por queimadas e guarda cicatrizes

Do total da área queimada ao menos uma vez no país, 44% ficam no Cerrado. São 88,5 milhões de hectares — quase metade (44%) da extensão territorial do bioma, quase o tamanho de Mato Grosso.

A pesquisadora Ane Alencar adverte que, embora o Cerrado seja uma vegetação mais preparada para a ocorrência de incêndios, a alta frequência com que o fogo afeta a região debilita o ecossistema, que apresenta características savânicas, com vegetação rasteira. “É muito mais difícil debelar o fogo”, diz ela.

Segundo bioma mais afetado, a Amazônia teve 82,7 milhões de hectares queimados ao menos uma vez. A extensão representa um quinto (19,6%) do bioma amazônico.

Nascida no Pará e especialista em região amazônica, Ane Alencar alerta para o grande perigo que incêndios oferecem a florestas. “Formações florestais não são adaptadas ao fogo, elas são sensíveis”, avalia. “Uma vez queimadas, o processo

de recuperação é muito lento e deixa essas áreas superinflamáveis para que haja um segundo incêndio”, explica.

O bioma que mais queimou proporcionalmente a sua área foi o Pantanal, com nove milhões de hectares. Embora seja apenas 4,5% do total nacional, essa extensão representa 59,2% do bioma. Por mais que seja adaptado ao fogo, o Pantanal enfrenta incêndios intensos principalmente devido às secas.

Além de danificar a cobertura vegetal que, entre outras consequências, altera o equilíbrio ambiental, as queimadas são importantes fontes contribuidoras para o efeito estufa, uma vez que liberam o carbono armazenado na biomassa para a atmosfera na forma de gás carbônico (CO<sub>2</sub>).

### Marcas permanentes

O levantamento do MapBiomias revela a extensão de cicatrizes na natureza, um conceito que passou a ser usado pela geógrafa Ane Alencar a partir da década de

1990. Cicatriz é como se chamam as grandes áreas afetadas por um único incêndio. O bioma com maiores cicatrizes é o Pantanal. Cerca de 25% das áreas afetadas têm danos na vegetação que variam entre 10 mil e 50 mil hectares. Em seguida, figura o Cerrado, onde predominam queimadas em áreas entre mil e cinco mil hectares, que respondem por 20% do total.

## Prejuízos

**Além de danificar a cobertura vegetal, que altera o equilíbrio ambiental, as queimadas são importantes fontes contribuidoras do efeito estufa**

## Investimentos melhoram gestão ambiental e reduzem impactos

A pesquisadora do MapBiomias avalia que, a partir da primeira década dos anos 2000, incentivos para melhor gestão ambiental ajudaram a controlar as queimadas. No entanto, adverte ela, a partir de 2019, “houve um aumento expressivo no desmatamento e da área queimada”.

Ane Alencar acrescenta que, em 2023, continuou o aumento de queimadas, porém, por causa de mudanças climáticas, que causaram secas severas, o que contribuiu para que terrenos ficassem mais sensíveis a alastramento de incêndios. “O que aconteceu, principalmente na Amazônia, é que, na região onde houve a redução do desmatamento, houve uma redução do fogo em geral, das queimadas e incêndios”.

A pesquisadora considera que o estudo apresenta informações relevantes, como o padrão histórico dos incêndios, que podem ajudar as autoridades na

elaboração de estratégias de prevenção, controle e combate a queimadas.

“Esses dados podem ajudar muito a entender áreas que estão sob maior risco de incêndios, ser utilizados em processos de responsabilização, para monitorar se a questão climática está realmente impactando o aumento de incêndios”, exemplifica Ane.

### Sala de crise

O estudo foi divulgado poucos dias depois de o Governo Federal instalar uma sala de crise para monitorar e enfrentar problemas de queimadas e secas no país, especialmente no Pantanal e na Amazônia.

Na avaliação da ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, há um agravamento dos problemas de natureza climática, e as consequências chegarão mais cedo neste ano, com repercussão ambiental “muito grave”. “Em função disso, já estamos

agindo na lógica da gestão do risco e não apenas do desastre”, disse Marina.

Em outra ação, o governo lançou no começo de abril o programa União com Municípios pela Redução do Desmatamento e Incêndios Florestais na Amazônia. A iniciativa prevê investimentos de R\$ 730 milhões para promover o desenvolvimento sustentável e combater o desmatamento e incêndios florestais em 70 municípios prioritários na Amazônia. Os municípios aptos a participar da iniciativa foram responsáveis por cerca de 78% do desmatamento no bioma no ano de 2022.

No fim de março, o Governo Federal firmou um pacto com governadores dos estados do Cerrado para combater o desmatamento. Estiveram presentes representantes de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, Tocantins, Bahia e Distrito Federal.

Estudo mostrou que 68,4% das áreas atingidas por incêndios eram de vegetação nativa, enquanto 31,6% tinham presença da atividade humana, em geral, a agropecuária



## OPORTUNIDADES

# Araruna e Lagoa Seca têm editais

*Certames oferecem quase 300 vagas em 105 cargos para candidatos de níveis fundamental, médio e superior*

João Pedro Ramalho  
joaopramalho@gmail.com

Profissionais com diferentes níveis de formação podem se candidatar a cargos públicos em duas prefeituras do Agreste paraibano. Em Araruna, o concurso oferece 168 vagas, para funções de níveis fundamental completo, médio — incluindo técnico e magistério — e superior. Já o certame de Lagoa Seca deve selecionar 131 novos servidores, para cargos que exigem graus de escolaridade médio/técnico e superior.

As inscrições devem ser feitas on-line, por meio do site da Comissão Permanente de Concursos (CPCon). Elas estão abertas até 21 de julho, no concurso de Araruna, e até 6 de agosto, no certame de Lagoa Seca. Os interessados nos cargos de nível fundamental devem pagar R\$ 75, enquanto o valor para as funções de nível médio/técnico é R\$ 95 e para as de nível superior, R\$ 115. Também é possível se candidatar a mais de um cargo. Contudo, se os horários das provas coincidirem, o participante deverá decidir, no dia da avaliação, a qual função concorrer.

### Araruna

Entre os 55 cargos previstos no concurso de Araruna, os que ofertam mais vagas são: auxiliar de serviços gerais (50); agente de portaria e técnico de enfermagem, ambos com seis; motorista (classe B), motorista (classe D), educador social, professor magistério (classe A) e professor magistério (classe B - educador físico), com cinco vagas cada. A maioria das funções cor-

responde a uma carga horária de 40 horas, à exceção de assistente social, fisioterapeuta e dos professores, nas sete modalidades ou disciplinas, que cumprirão jornada de 30 horas. Já a remuneração básica varia entre R\$ 1.412 e R\$ 5 mil.

As provas escritas objetivas são a primeira etapa do processo seletivo — e, na maioria dos casos, a única. Elas serão aplicadas em Araruna, na manhã de 25 de agosto, para os cargos de níveis fundamental e superior, e à tarde, para os que exigem grau de escolaridade médio. As avaliações para os profissionais de nível fundamental terão 20 questões de Português, 10 de Matemática e 10 de Conhecimentos Gerais. Já as de nível médio serão compostas por 15

perguntas de Língua Portuguesa, 10 de Informática e 15 de Conhecimentos Específicos. Essa distribuição é similar à do certame para os candidatos de nível superior; porém, em vez de Informática, haverá 10 perguntas de Raciocínio Lógico ou, especificamente para as funções de magistério, de Conhecimentos Pedagógicos e Legislação Educacional.

Além das avaliações escritas, o concurso prevê uma prova de títulos para os cargos de magistério com nível superior. O prazo para o envio dos documentos compreende o período entre 1º e 4 de outubro. Já a segunda etapa para os candidatos a operador de máquinas pesadas e às vagas de motorista — classes B e D — consiste em uma prova prática, marcada para

o dia 20 de outubro. O resultado final do certame será divulgado em 31 de outubro.

### Lagoa Seca

O concurso para a Prefeitura Municipal de Lagoa Seca traz oportunidades para 50 cargos diferentes. Os que têm mais vagas previstas são: médico (11); professor de Educação Básica I - Ensino Fundamental (10); cirurgião dentista e professores de Ciências e Língua Portuguesa (seis). As cargas horárias variam entre 10 horas e 40 horas semanais. Já a menor remuneração prevista é de R\$ 1.412, para os agentes de trânsito, enquanto a maior, no valor de R\$ 7.786,02, é voltada para o cargo de médico.

O processo seletivo é semelhante ao de Araruna,

com as provas objetivas consistindo na principal etapa do certame. Marcadas para 15 de setembro, as avaliações serão realizadas em Lagoa Seca. As provas para os cargos de nível médio/técnico estão previstas para o período da tarde, com 15 questões de Português, 10 de Informática e outras 15 de Conhecimentos Específicos. Já os candidatos às funções de nível superior devem comparecer pela manhã aos locais de aplicação. Eles serão avaliados por meio de 15 perguntas de Língua Portuguesa, 15 de Conhecimentos Específicos e 10 de Raciocínio Lógico ou de Conhecimentos Pedagógicos (para as vagas de magistério).

Uma segunda fase, prevista para as funções de magistério com nível superior,

é a prova de títulos. Os classificados na etapa anterior terão entre 14 e 17 de outubro para encaminhar a documentação à banca. A CPCon divulgará o resultado final do concurso em 6 de novembro.

## Provas

**Candidatos do concurso de Araruna serão submetidos a provas objetivas no dia 25 de agosto. Em Lagoa Seca, aplicação está marcada para 15 de setembro**

## A dedicação e os desafios para ensinar Língua Portuguesa

Entre as características que diferenciam o Homo sapiens sapiens das demais espécies de seres vivos, talvez a mais marcante seja a comunicação por sistemas linguísticos. Em outras palavras, a língua é “a forma como o ser humano é mais humano”, conforme defende Aline Malaquias, professora de Português de João Pessoa. Para ela, sua profissão é responsável por viabilizar a apropriação da identidade, enquanto falantes da Língua Portuguesa, e a capacidade de comunicação pelos alunos, essencialmente seres humanos em formação.

Uma vez que a Língua Portuguesa molda nossas identidades, trabalhá-la em sala de aula exige despir-se de uma visão rígida e tradicionalista. Segundo Aline Malaquias, o professor deve considerar as especificidades de cada estudante na abordagem dos conteúdos — modo de pensar cada vez mais comum nos cursos de graduação em Le-

tras e nos programas curriculares. “Os materiais didáticos a que a gente tem acesso hoje trazem essas discussões sobre variação linguística. E, como a gente trabalha com alunos de ensino

público, muitos vêm de famílias que não tiveram educação escolar e usam gírias ou variantes, como ‘pobrema’, ‘vrido’, e eles mesmos riem uns dos outros. A gente, então, combate esse pre-

conceito linguístico, mostra que isso é uma forma de comunicar e vai inserindo a língua formal, que tenta unificar um Brasil tão imenso, para a comunicação acontecer”, explica.

Na busca por preparar os alunos para exercer a comunicação em Língua Portuguesa, Aline preocupa-se especialmente com o uso da inteligência artificial. “Como ela traz uma facilidade, as pessoas estão, muitas vezes, se anulando, para que ela faça o serviço por elas. Mas, essa facilidade é traiçoeira. Quando eu tenho uma visão crítica, e a ferramenta me traz uma opção ou uma sugestão, eu faço ajustes, só que isso não é algo que um aluno de Ensino Fundamental tem ainda”, alerta a professora.

Aline Malaquias atua, desde 2015, na Escola Municipal Índio Piragibe, e acredita que o ingresso no sistema público de educação permitiu exercer seu ofício com um maior poder criativo. Por outro lado, entre os desafios de sua rotina, ela destaca o volume de produções de texto que precisa corrigir, algo específico de disciplinas como Língua Portuguesa e Redação, e os esforços para administrar o tempo além da sala

de aula, dedicado ao planejamento, de modo que não haja uma sobrecarga de trabalho. Outra dimensão desafiadora refere-se a como manter a atenção dos alunos, principalmente no contexto pós-pandêmico, em que os jovens estão cada vez mais agitados e com um menor hábito de leitura. Para encerrar esse obstáculo, ferramentas dinâmicas, como a música, o teatro e o uso de jogos, podem ser úteis, apresentando aos estudantes novas maneiras de acessar a língua.

### Vagas

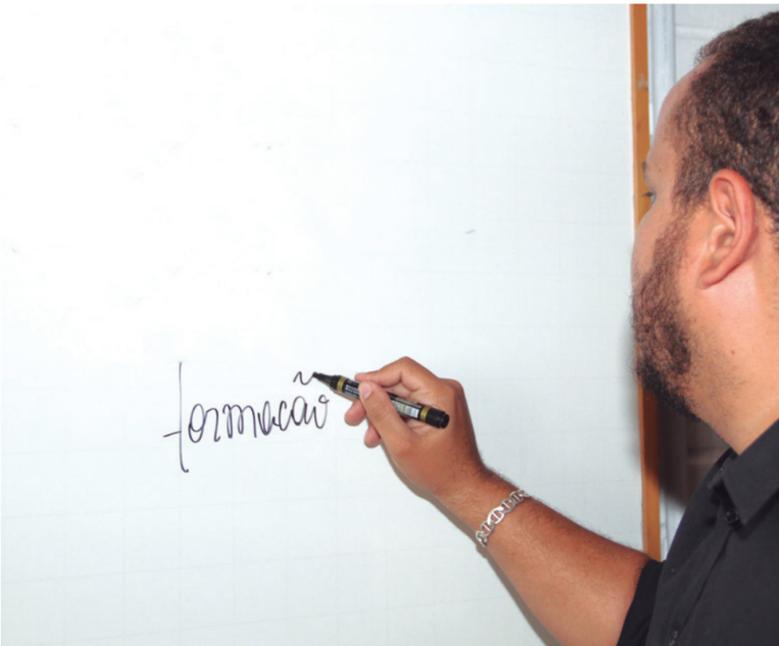
Os dois concursos no Agreste paraibano destinam vagas para professores de Língua Portuguesa, ambos com carga horária de 30 horas. Em Araruna, são três vagas para ampla concorrência e a remuneração prevista é de R\$ 3.780,60. Já em Lagoa Seca, o edital prevê seis vagas, sendo uma para Pessoas com Deficiência. O vencimento básico é de R\$ 3.952,46.



Comissão Permanente de Concursos (CPCon) é a empresa responsável pela organização dos dois concursos; remunerações chegam a R\$ 7,7 mil

Foto: João Pedro

Foto: Ortilio Antônio/Arquivo A União



Professor analisa capacidade de comunicação dos alunos, seres humanos em formação

## Selic

Fixado em 19 de junho de 2024

10,50%

## Salário mínimo

R\$ 1.412

## Dólar \$ Comercial

-0,39%  
R\$ 5,441

## Euro € Comercial

-0,51%  
R\$ 5,817

## Libra £ Esterlina

-0,43%  
R\$ 6,877

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Mai/2024	0,46
Abril/2024	0,38
Março/2024	0,16
Fevereiro/2024	0,83
Janeiro/2024	0,42

## Ibovespa



## VÉSPERA DE SÃO JOÃO

# Aumenta procura por fogos de artifício em João Pessoa

Lei que proíbe artefatos com estampido entra em vigor apenas no próximo ano

Bárbara Wanderley  
babiwonderley@gmail.com

Nesta véspera de São João, a procura por fogos de artifício tem aumentado em João Pessoa, conforme relatou a presidente da Associação dos Comerciantes de Fogos de Artifício de João Pessoa, Edleuza Muniz. Segundo ela, as vendas já estão intensas, mas devem aumentar na véspera de São João.

“Muita gente viaja com a família para o interior ou vai visitar parentes, e já preferem levar os fogos daqui, porque, apesar de poder comprar lá, também aqui sai mais em conta”, afirmou. Edleuza garantiu que é possível comprar fogos a partir de R\$ 6. Nesse valor, é possível comprar fogos pequenos em pouca quantidade.

O traque tradicional, aquele com pó de serra na composição, pode ser encontrado por R\$ 15 o pacote com 10 caixas. Já o traque sem pó, o mais procurado, segundo Edleuza, pode ser encontrado por R\$ 100 o pacote com 50 caixas. Estrelinhas e cobrinhas também são sucesso de vendas. “A gente tem percebido que a procura maior é de fogos para as crianças”, comentou.

Os preços variam muito de acordo com o tipo e a quantidade de fogos por pacote. Na loja de Edleuza, por exemplo, o mais caro chega a R\$ 4.300. “É um show pirotécnico, algo que já precisa de um técnico”, explicou.

A comerciante explicou que espera vender bastante neste São João e novamente em dezembro. “Nossas vendas são de seis em seis meses. A gente vende agora no São João e novamente no final do ano”, disse.

Com a expectativa das boas vendas, Edleuza espera conseguir zerar seu estoque de fogos com alto estampido, já que vai até janeiro o prazo para os comerciantes se adequarem à lei, promulgada no mês passado, que proíbe esse tipo de poluição sonora no estado.

Edleuza explicou que, quando a lei foi promulgada, os comerciantes já tinham encomendado seus estoques de São João, por isso foi dado o prazo de nove meses para adequação. A partir de janeiro, eles só poderão vender fogos classificados como de baixo estampido.



Foto: Roberto Guedes

Edleuza Muniz espera conseguir vender, até o fim do ano, todos os fogos que geram estampido

## Fogueteiros de Campina Grande se adaptam para manter a tradição

Maria Beatriz Oliveira  
obeatriz394@gmail.com

Em Campina Grande, os vendedores de fogos de artifício se preparam para o dia mais movimentado do ano. Porém, dessa vez, existe uma preocupação extra: como se adaptar à nova lei, que proíbe fogos de artifício sonoros na Paraíba?

Lenildo do Nascimento começou a trabalhar com fogos ainda criança, na barraca do seu pai, que, hoje, é sua. O Bazar Noite Ilustrada, criado há mais de 60 anos, é um dos mais tradicionais da Feira de Fogos da cidade, localizada na Avenida Dinamérica. “Eu comecei como caixa e, quando meu pai morreu, acabei assumindo a barraca. Além da venda dos fogos, eu também crio alguns artefatos de decoração para esse período”, conta o fogueteiro.

As crianças são seus clientes mais fiéis. Todos os anos, o campeão de vendas é sempre o mesmo: o traque. “É o que mais vendemos, assim como o chuveirinho. Os pais sempre compram para os filhos”, relata Lenildo.

Apesar das décadas de sucesso no ramo, atualmente Lenildo se preocupa com a lei promulgada no mês passado, que proíbe a fabricação, a comercialização, o estoque, transporte e a utilização de fogos de artifício que produzam estampido no estado.

Para Joelma Nascimento, também fogueteira da cidade há mais de 30 anos, é preciso que haja diálogo e adaptação dos dois lados. “Entendemos a questão das crianças autistas, por exemplo, mas, ao mesmo tempo, a criança não precisa ser privada do espetáculo. Por isso, temos fornecido abafadores junto com os fogos que são comprados. Também estamos nos adaptando. A lei nos dá até fevereiro de 2025 para vender fogos com estampido. Então, temos tentado acabar com o nosso estoque neste ano e encomendar novos já adequados à legislação.”

Com fogos em valores que variam entre R\$ 1 e R\$ 2 mil, o dia 23 de junho é o mais esperado pelos vendedores e o de mais sucesso. “É engraçado que nós não comemoramos o

São João, passamos a noite aqui, saímos a uma ou duas horas da manhã”, narra Lenildo.

### Os artificiais juninos

Todos os vendedores concordam: o dia de mais vendas de fogos de artifício é a véspera de São João. Assim, para arrecadar dinheiro nos outros meses do ano, é preciso se reinventar.

Joelma percebeu isso rapidamente, ao começar sua carreira como fogueteira, e decidiu produzir ornamentos juninos. Os balões, chapéus de palha, bandeirolas, toalhas xadrez, espigas de milho, fogueiras e santos, hoje, compõem boa parte da renda da família no período junino.

Ela conta ainda que, atualmente, a Feira dos Fogos virou uma referência quando o assunto é fabricação de adereços juninos. “As festas de Patos, Sousa, Bananeiras, todas são decoradas com peças que foram feitas aqui, por nós. Também recebemos encomendas de alguns shoppings de João Pessoa e de lojistas aqui de Campina”.



Foto: Julio Cesar Peres

Lenildo do Nascimento diz que traques são campeões de vendas: crianças são seu público fiel

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

## O Banco Central acerta ou desafia?

Noticiários de todo o país, de quarta-feira (19) para cá, quando o tema é uma pauta de economia, é debater uma importante decisão tomada pelo Banco Central (BC): a decisão de interromper os cortes na taxa Selic está correta ou trata-se de um desafio dos últimos meses do presidente daquela estatal? A situação posta é de um cenário desafiador para o Brasil, e essa decisão não agrada a cúpula do governo. Com a Selic mantida em 10,5% ao ano, justifica o BC que a medida foi motivada pela aceleração da inflação em um contexto de atividade econômica e mercado de trabalho aquecidos, além de riscos fiscais elevados.

Desde agosto do ano passado, o Comitê de Política Monetária (Copom) vinha reduzindo a taxa de juros, mas a recente mudança de cenário econômico, tanto no âmbito interno quanto no externo, alterou o balanço de riscos para a inflação, exigindo uma postura mais conservadora na política monetária.

Em entrevistas à imprensa, Ricardo Serone que é diretor financeiro da BB Previdência, destacou que a decisão do Federal Reserve (Fed – o Banco Central dos EUA) de manter a taxa de juros americana entre 5,25% e 5,50% ao ano, também influenciou a decisão do Copom. A taxa de juros elevada nos Estados Unidos pressiona o dólar e inibe a atração de investimentos externos para o Brasil.

O cenário fiscal brasileiro é outro ponto de preocupação. A mudança da meta de resultado primário de 2025 e a ausência de um plano de contingência alternativo aumentaram as incertezas, deteriorando as expectativas de inflação. O mercado já prevê um Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de quase 4% para 2024, acima do centro da meta de 3%. Isso aponta que vamos estar com uma inflação bem mais elevada do que foi projetado pelo governo, mas dentro do esperado pelo mercado.

A manutenção da Selic em patamares elevados visa ancorar as expectativas inflacionárias e conter a alta de preços, especialmente em um contexto de mercado de trabalho aquecido e aumento de renda. O comunicado do Copom destacou a necessidade de manter a política monetária contracionista para garantir a convergência da inflação à meta.

A decisão unânime do Copom alinha-se às expectativas do mercado e ocorre em meio a críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, que, por sinal, está contando os meses para deixar o seu posto. Apesar das tensões políticas, o Copom reforçou seu compromisso com a estabilidade econômica, ressaltando que eventuais ajustes futuros na taxa de juros dependerão do cenário inflacionário e das expectativas do mercado.

Mas, fora de Brasília, a decisão do Banco Central de interromper os cortes na taxa Selic, mantendo-a em 10,5% ao ano, gerou diversas reações no mercado financeiro. De modo geral, a decisão foi recebida com alívio pelos investidores, embora também tenha gerado algumas preocupações.

Para o futuro, a maioria dos analistas prevê que a Selic possa terminar 2024 em torno de 9%, dependendo de como evoluem as condições econômicas e as políticas fiscais do governo, assim como o cenário externo. O mercado está atento às próximas decisões e à capacidade do governo de ancorar as expectativas inflacionárias e controlar os gastos públicos.

Em resumo, a decisão do Banco Central foi muito bem recebida pela grande maioria dos analistas, que consideram essa uma medida prudente para estabilizar a economia; contudo, colocando na mesa as preocupações com a inflação e os desafios fiscais que permanecem no radar dos investidores e economistas.

## DIA INTERNACIONAL

## Engenheiras ocupam mais espaço

Mulheres ainda são minoria nos cursos e no mercado, mas mostram que não faltam competência e qualificação

Bárbara Wanderley  
babiwonderley@gmail.com

Hoje, além da véspera de São João, há outra celebração: o Dia Internacional das Mulheres na Engenharia. A data foi criada no ano de 2014 pela organização britânica Women's Engineering Society. A celebração acontece anualmente e tem como foco ampliar e fortalecer a atuação das mulheres nas engenharias.

De acordo com o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Paraíba (Crea-PB), há 13.995 engenheiros registrados e ativos no estado, dos quais 2.814 são mulheres.

Apesar de ser uma área de trabalho dominada principalmente por homens, a presença das mulheres tem se tornado mais forte nos últimos anos, e o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil da Paraíba (Sinduscon-PB), Lamartine Alves Pereira, afirma que não há preconceito. "O que ocorre é que existem mais homens formados em Engenharia do que mulheres, mas nós sabemos que a competência é a mesma", disse.

Lamartine avaliou que o mercado de trabalho está aquecido para engenheiros e engenheiras de modo geral, já que a construção civil está em alta, com muitas obras acontecendo, principalmente em João Pessoa.

"É uma mão de obra essencial para qualquer construtora. Sem engenharia não há qualidade. Como há uma demanda muito grande, os profissionais mais qualificados, aqueles com maior acervo técnico, são muito valorizados. Isso vale para homens e mulheres", comentou.

O presidente do Sinduscon-PB afirmou inclusive que, em alguns casos, as mulheres conseguem impor mais respeito nos canteiros de obras e manter um maior nível de organização.

## O que elas pensam

A CEO da Delta Engenharia, Cida Medeiros, acredita que o mercado está caminhando para uma situação mais igualitária entre homens e mulheres.

"Estamos andando na direção da equidade do mercado de trabalho da construção civil. Enxergamos a evolução da última década, mas também temos conosco a responsabilidade dos próximos anos. Temos hoje mulheres em todos os nossos canteiros de obra porque sabemos do seu potencial e competência. A Delta é uma empresa inclusiva, temos isso no nosso DNA e esse é, sem dúvida um dos nossos grandes diferenciais", analisou.

A auxiliar de engenharia da construtora MRV, Amanda Cavalcanti, contou que não teve dificuldades no trabalho pelo fato de ser mulher.

"Desde que eu entrei na MRV, a equipe aceita muito bem o fato de eu ser mulher, me respeita bastante, me ajuda e me ensina. Vejo que não tem esse tabu na equipe em que eu atuo. Trabalhar na construção civil é bastante desafiador porque, mesmo que a mulher já esteja no mercado, ainda é uma área com pouca representatividade; contudo, na MRV

vejo bastante aceitação, tanto na área de campo quanto administrativo. Tenho aprendido bastante aqui. Toda a teoria que eu aprendo na faculdade eu consigo ver em prática no dia a dia", destacou.

Já a engenheira civil da construtora Alliance, Laura Gabriela Araújo, afirmou que escolheu a profissão por querer deixar um legado positivo para as pessoas.

"Escolhi engenharia civil porque sempre quis construir algo tangível e duradouro, algo que realmente impacta positivamente a vida das

pessoas ao meu redor. É uma profissão desafiadora que me permite aplicar conhecimentos técnicos para resolver problemas complexos e criar infraestruturas essenciais para a sociedade. Considero-me uma profissional determinada e focada em resultados. Ao longo da minha jornada, enfrentei e superei diversos desafios, cada um deles contribuindo para o meu crescimento e aprendizado contínuo. Aqui na Alliance, me encontrei mais ainda na profissão, onde encontro um novo propósito em cada projeto que desenvolvo", disse.



Foto: Arquivos pessoais



Desejo de construir algo duradouro e deixar legado é ponto comum para as profissionais Cida Medeiros (acima), Amanda Cavalcanti (esq.) e Laura Gabriela (dir.)

“

**Mercado de trabalho está aquecido para engenheiros e engenheiras de modo geral, já que a construção civil está em alta**

Lamartine Alves

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA**
**COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA**

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo que em vida pertenceria a IVANILSON ALVES DA SILVA; registrado sob o número, 03.01.01.042024.12863, NIC 2024-4100, sexo masculino, com idade estimada de 40 anos, cor parda, cabelos lisos, estatura 165 cm, constituição física boa, sem sinais particulares. Falecido em 31/03/2024 no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, nesta capital.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa - PB.

**Profª Drª Amira Rose C. Medeiros**  
Vice-Coordenadora dos Laboratórios de Anatomia  
Presidente da Comissão de Captação de Corpos da UFPA  
MATRICULA SIAPE 2115515

## DESEQUILÍBRIOS NA NATUREZA

# Mudanças climáticas pedem estudos

João Pessoa sedia painel que reúne secretarias de Estado em busca de soluções para o cenário ambiental

Ascom Secties

Chuvas intensas, calor excessivo, água e fogo atingindo o solo, a vegetação, os animais e os humanos. Condições climáticas que deveriam ser favoráveis agora estão em desequilíbrio. Adaptar-se aos extremos climáticos tornou-se uma questão de sobrevivência e a Ciência e Tecnologia se posicionam como aliadas à busca por segurança alimentar, hídrica e energética, saúde e infraestrutura modal.

O Estado da Paraíba já entendeu que essa discussão sobre mudanças climáticas e o intercâmbio entre áreas do conhecimento na procura por soluções ou formas de amenizar os impactos para a população deve acontecer. É por isso que, desde 2022, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) produz o Painel de Mudanças Climáticas em João Pessoa. Em 2024, a atenção continua, e o encontro está previsto para acontecer em toda Paraíba, com o propósito de reunir as secretarias que compõem o governo, para trazerem soluções ajustadas ao cenário de mudança do clima.

Mas, para além disso, pesquisas acadêmicas vêm sendo desenvolvidas para somar na compreensão dos fatores e aspectos que justifiquem as mudanças climáticas. O Observatório da Caatinga e Desertificação (OCA), coordenado por Aldrin Pérez-Marin, pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (INSA), e John Cunha, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), já constatou algumas informações importantes, como o fato de que a natureza responde positivamente às condições favoráveis de vida na Terra quando opera em equilíbrio.

Pérez e Cunha também são vinculados ao Observatório Nacional da Dinâmica

da Água e Carbono no Bioma Caatinga (INCT - Onda CBC), que estuda os efeitos da variabilidade climática no funcionamento do ecossistema Caatinga. Nesse processo, identificaram, por exemplo, que em 2022 choveu muito e a umidade foi excessiva na área experimental do OCA, na região de Campina Grande. A vegetação estava verde, mas com eficiência abaixo do normal para captura de carbono. "Isso porque o sistema natural opera não só através das folhas verdes, mas também junto ao solo, na serapilheira [troca de nutrientes entre a planta e o solo]. A alta umidade do solo provocou uma instabilidade

neste ecossistema", explicou Aldrin Pérez.

Em anos considerados extremamente secos, os pesquisadores observaram que a vegetação deixou de captar o carbono da atmosfera para poder se desenvolver, fazendo o processo inverso e emitindo o gás. "A vegetação respirava para sobreviver, mas não conseguia crescer e, portanto, não realizava a captura do carbono da atmosfera, tornando-se uma fonte de carbono", acrescentou John Cunha.

Esse é o ponto que o professor destaca sobre os anos com variabilidade climática que fogem do normal: "seja em condições muito úmidas

ou muito secas, esses extremos trazem prejuízos porque o sistema funciona com menor eficiência no sequestro de carbono, reduzindo a sua capacidade de mitigar os efeitos das mudanças climáticas", justificou Cunha.

A Caatinga também é pauta de pesquisas de um outro grupo de professores, graduandos e pós-graduandos, que estudaram a adaptação da fauna de répteis e anfíbios da área e situação de mudanças climáticas. O professor Daniel Mesquita, da Universidade Federal da Paraíba, coordenou o projeto "Passado, presente e futuro da caatinga: história, ecologia e conservação da herpe-

tofauna frente às mudanças ambientais", já finalizado.

Ao observar o comportamento de anfíbios e répteis que vivem na Caatinga e em regiões de transição com o Cerrado, os pesquisadores constataram que o comportamento desses animais altera com a mudança da temperatura, o que pode influenciar no acasalamento e, consequentemente, na sobrevivência de espécies já ameaçadas de extinção. Há uma nova expedição prevista para coleta de dados e investigações nesta linha, com apoio do governo da Paraíba, por meio do Edital Universal, da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).



Professores John Cunha (sem máscara), da Universidade Federal de Campina Grande, e o professor e doutorando David Melo trabalham juntos buscando novas descobertas

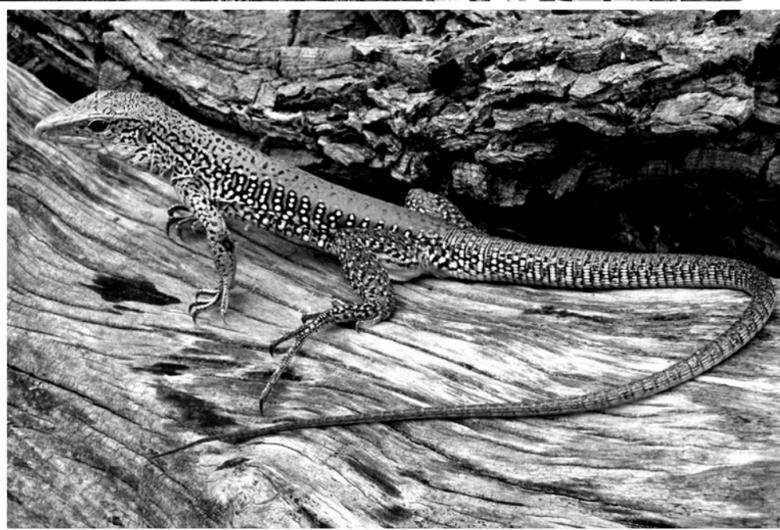


Foto: Divulgação/Secties

## Maio foi o 14º mês consecutivo de temperaturas recordes nos oceanos

De acordo com a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA, em inglês), o mês de maio de 2024 foi o 14º mês consecutivo com temperaturas recordes nos oceanos, uma série que vem ocorrendo desde abril do ano passado. A temperatura da superfície global no acumulado de janeiro a maio deste ano foi classificada como o período mais quente já registrado, com 1,32 °C acima da média.

Com maior capacidade de filtrar o ar do que a Floresta Amazônica, o oceano retira o gás carbônico (CO<sub>2</sub>) do ar com maior eficiência e o mantém nas profundezas; atua como um regulador do sistema climático planetário e promove um ambiente apropriado para a vida em quase toda a superfície da Terra.

Para a bióloga marinha Karina Massei, do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental (PPGEMA/UFPB), o desvio de temperatura padrão no oceano é perigoso. "Essa região dos trópicos onde está situada a Paraíba, é a mais impactada com o calor. Nesse ano, em março e abril, a temperatura média do oceano no nosso litoral bateu os 29 °C. Isso significa que houve dias mais quentes, com até 31 °C", ressaltou Massei.

O impacto dessas alterações de temperatura dá-se diretamente nos corais – animais agrupados nos recifes ao longo da costa. Com o calor, a água se torna mais ácida e, consequentemente, a alga microscópica chamada zooxantela, que vive em simbiose com o coral compartilhando nutrientes, se des-

prende dele. Diante disso, o coral passa a ter dificuldades de adquirir os nutrientes, perde a cor e adoce, ficando suscetível a ataques de fungos ou bactérias que anteriormente estaria apto a combater. Ou seja, o coral corre risco de morrer.

Karina explica que o ambiente onde vivem os corais são primários na cadeia alimentar. Um ecossistema com fontes de alimento desde a mais micro das algas até os tubarões.

Nesse sentido, está em andamento a pesquisa "Restauração Ecológica de Corais", que visa a recuperação de corais com o uso de diferentes metodologias. O estudo conta com o apoio do Governo do Estado da Paraíba por meio do Programa de Bolsas de Pesquisa de Pós-Graduação, através da Secties e da Fapesq.

## Plataforma indica regularmente os riscos de impactos climáticos no país

Um exemplo prático da participação tecnológica no auxílio ao entendimento em relação às mudanças climáticas é o Adapta Brasil, o Sistema de Informações e Análises sobre Impactos das Mudanças do Clima. Ela é uma ferramenta capaz de fazer análises "de informações cada vez mais integradas e atualizadas sobre o clima e os riscos de impactos no Brasil", conforme diz a plataforma.

Esse sistema foi instituído em outubro de 2020, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), com o objetivo de "consolidar, integrar e disseminar informações que possibilitem o avanço das análises dos impactos

da mudança do clima, observados e projetados no território nacional, dando subsídios às autoridades competentes pelas ações de adaptação".

■ A consulta pode ser feita por qualquer pessoa que queira informações sobre os riscos de impactos no país

O projeto é coordenado por Jean Ometto, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE),

## Pesquisas

**A Caatinga também é pauta de pesquisas de um outro grupo de professores, graduandos e pós-graduandos, que estudaram a adaptação da fauna de répteis e anfíbios**

em cooperação com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) e fomento por meio do MCTI, amparado por uma grande rede de instituições colaboradoras, pesquisadores e consultores. A consulta pode ser feita por qualquer pessoa que queira informações sobre os riscos de impactos no país, pontos fracos e fortes, vulnerabilidades, de municípios, estados e regiões para questões de recursos hídricos, segurança alimentar, energética, infraestrutura portuária, de ferrovias e rodovias, desastres hidrológicos e saúde. Os dados são subsídios para os gestores públicos planejarem ações preventivas.

## DESERTIFICAÇÃO

# Ação humana degrada região semiárida

Apesar da escassez de recursos hídricos, áreas com esse clima têm rica biodiversidade e devem ser preservadas

Andréa Meireles  
andreameirelesjornalista@gmail.com  
Maria Beatriz Oliveira  
obeatriz394@gmail.com

Falar sobre o semiárido imediatamente remete à imagem de uma natureza inóspita, uma vez que o clima caracteriza-se por ser quente e seco, com longos períodos de estiagem. Apesar desse aspecto, a biodiversidade do semiárido brasileiro é rica e deve ser preservada. No entanto, áreas atingidas pelo clima estão sendo castigadas com a degradação.

De acordo com a professora doutora em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Alecksandra Vieira de Lacerda, os danos são causados, principalmente, pela ação humana, por meio da ocupação territorial indevida. “Muitos não entendem a dinâmica e a riqueza dos ecossistemas e dos recursos naturais, provocando assim a perda dos seus potenciais”, explica a pesquisadora.

O biólogo Lucas Nunes apresenta outra situação que contribui para a degradação do semiárido: a forte presença da ovinocaprino-cultura nessas regiões. De acordo com o Instituto Nacional do Semiárido (Insa), 70% das espécies botânicas presentes na Caatinga – bioma predominante das áreas de semiárido – compõem a dieta dos caprinos e ovinos. Um exemplo é a palma forrageira, considerada um dos mais importantes alimentos para os rebanhos durante longos períodos de estiagem.

“Mesmo que o proprietário não desmate, os bodes e cabras fazem isso. Então a área acaba ficando sem vegetação, o que acelera o processo de desertificação. A Caatinga já é um bioma suscetível a isso por conta do clima. É como aprendemos o ciclo da água na escola: a vegetação puxa a água do solo e joga para a atmosfera. Essa água evapora, forma nuvens e faz chover. Ou seja, sem vegetação não há chuva e sem chuva, temos mais secas e mais desertificação”, esclarece o biólogo.

### Pesquisa

Na Paraíba, um grupo de pesquisa da UFCG analisa o desenvolvimento de estratégias de preservação e restauração de biomas

degradados do semiárido desde 2013. “Nosso maior objetivo está em propiciar aos moradores das faixas de terras secas, os conhecimentos e as condições relevantes para o desenvolvimento e a sustentabilidade regional”, afirma a professora Alecksandra Vieira de Lacerda, que lidera o Grupo de Pesquisa: Conservação Ecosistêmica e Recuperação de Áreas Degradadas no Semiárido (Cerdes).

O grupo atua, principalmente, em ecologia e dinâmica da Caatinga, gerenciamento e manejo de bacias hidrográficas, restauração ecológica de sistemas degradados, etnoecologia, flora e estrutura de áreas ciliares e manejo de lavoura xerófila.

O trabalho é desenvolvido no campus de Sumé e a professora conta com a participação dos alunos dos cursos de graduação em Tecnologia Agroecológica, Engenharia de Biosistemas, Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos, além do mestrado em Rede Nacional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos.

Foto: Arquivo pessoal



“

**Muitos não entendem a dinâmica e a riqueza dos ecossistemas e dos recursos naturais, provocando a perda dos seus potenciais**

Alecksandra de Lacerda



Projeto da UFCG atua na restauração ecológica de sistemas degradados, com ações integradas com a comunidade

## Atividades de preservação são desenvolvidas no Cariri paraibano

A Universidade Federal de Campina Grande desenvolve o projeto Restauração de Ecossistemas Ciliares Degradados no Semiárido Brasileiro (Redesab), que realiza ações de preservação ligadas à bacia do Rio Paraíba. O projeto foi aprovado no ano passado, junto ao Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional.

As atividades têm o objetivo de avaliar a estrutura e o funcionamento de ecossistemas ciliares, subsidiando a definição de estratégias voltadas para a restauração de sistemas naturais degradados e a construção de respostas sistêmicas para a conservação e a sustentabilidade socioambiental e econômica no contexto do semiárido brasileiro.

Para isso, o grupo atua nos municípios de Sumé, Livramento e Serra Branca, no Cariri paraibano, e analisa ecologia de ecossistemas, de comunidades e de população em sistemas ecológicos com perfis diferenciados. Além do trabalho em campo, o projeto dispõe dos recursos do Laboratório de Ecolo-

gia e Botânica (Laeb) e do Viveiro para Produção de Mudas Nativas e Estudos de Ecologia e Dinâmica da Caatinga, onde são desenvolvidos estudos que envolvem as tecnologias de produção vegetal. “A partir dos conhecimentos gerados nesses espaços, buscamos promover ações estratégicas que envolvem biologia de conservação e restauração de ecossistemas degradados”, afirma a coordenadora do projeto, Alecksandra Vieira de Lacerda.

A estudante de Engenharia de Biosistemas, Jéssica Rodrigues de Freitas, é bolsista do projeto há um ano. Para ela, trabalhar com projetos que envolvam a recuperação de áreas degradadas enriquece seu conhecimento prático. “Envolvida em projetos de recuperação de ecossistemas ciliares, adquirei conhecimentos sobre técnicas de manejo sustentável de recursos naturais. Essa experiência prática complementa minha formação teórica, fortalecendo minha

compreensão dos desafios e soluções relacionados à sustentabilidade no semiárido brasileiro”, avalia.

Jessica Alexandre da Silva é tecnóloga em Agroecologia também colabora com o projeto. Ela conta que uma ação desenvolvida em parceria com uma creche em Livramento foi marcante. “Fizemos a distribuição de algumas mudas e, logo que elas foram entregues para as crianças, recebemos algumas fotos. Ao ver o sorriso de felicidade e esperança em cada rostinho, percebi que todo o trabalho e dedicação está sendo muito valioso e gerando um impacto positivo”, acredita.

Para a coordenadora do Redesab, além do impacto social, a atuação na Bacia do Rio Paraíba contribui com dados que envolvem as matas ciliares com diferentes níveis de sucessão ecológica, a partir do acompanhamento e da observação dos processos de dinâmica de ecossistemas ciliares.

## Saiba Mais

No Brasil, o semiárido atinge 12% do território nacional. O clima está presente em todos os estados do Nordeste. De acordo com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), mais de 28 milhões de habitantes vivem em locais com esse clima. Na Paraíba, 194 dos 223 municípios são semiáridos.

Apesar da escassez de água, a Caatinga conta com 11.036 espécies vegetais. O clima permite, inclusive, atividades extrativistas, como o cultivo de milho, feijão, cana-de-açúcar e umbu, que ocorrem aqui no estado.

A fauna do semiárido também surpreende. São 1.307 espécies de animais, sendo 327 exclusivas das regiões onde o clima é observado. Assim como as plantas, os animais também conseguem se adaptar às condições de sol intenso e poucos recursos hídricos.

Muitas das espécies desenvolveram hábitos noturnos e comportamentos migratórios.





Foto: Arquivo pessoal

Reconhecido nacionalmente, Pedro Almeida é um exemplo personificado de força de vontade, disciplina e dedicação

PEDRO ALMEIDA

# Atletismo dos pés à cabeça

*Uma caminhada de muita dificuldade e resiliência para se tornar um treinador renomado na modalidade*

Camilla Barbosa  
acamillabarbosa@gmail.com

O experiente treinador de grandes nomes do paratletismo, como Petrúcio Ferreira, Cícero Valdiran e Joeferson Marinho de Oliveira, e detentor de tanto prestígio e reconhecimento nesse âmbito, evidenciados, por exemplo, por meio do recebimento duplo do Prêmio Paralímpico, do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), como melhor técnico em modalidades individuais, não chegou a tais títulos por acaso.

Pedro de Almeida Pereira, mais conhecido como Pedrinho, é o exemplo personificado da força de vontade, disciplina e dedicação ao ofício, virtudes que podem levar o sujeito a lugares inimagináveis. Para além da memória das experiências no mundo esportivo acumuladas até aqui, o orgulho do caminho trilhado e o desejo de continuar inspirando são intrínsecos a ele.

Cada vez mais perto de completar meio século de contribuição para a formação e aperfeiçoamento de tantos atletas paraibanos, Pedrinho, que nasceu e criou-se no Sertão paraibano, vindo morar em João Pessoa durante a adolescência, relembra momentos de sua trajetória em entrevista ao Jornal A União.

## A entrevista

### ■ Como e onde foi vivenciada sua infância?

Eu morava, em 1970, no sítio Jenipapo, Zona Rural do município de Condado, Sertão da Paraíba. Estudava no Grupo Escolar, distante 4 km da minha casa. Ia e voltava, todos os dias, a pé, para a escola. Foi nela e assim que me alfabetizei. Não sei se pelo jeito autoritário da professora, de quem eu tinha um certo receio, ou se pelo jeito que ela ensinava, exigindo que a gente mais decorasse do que aprendesse. O certo é que aquele jeito dela ensinar, não despertou em mim o gosto para estudar. Ir à escola naquela fase era, para mim, pura obrigação. Obrigação que meus pais impunham. Prazer em ir à escola, eu sentia na caminhada, junto com meus colegas, andando e brincando pela estrada.

### ■ De onde e quando surgiu sua ligação com os esportes?

O universo da Educação Física e dos esportes, exceto o futebol, comecei a vivenciá-lo a partir de 1975, nas aulas de educação física que eu tinha no Colégio Estadual Pedro Aleixo, na cidade de Patos. Do atletismo, conheci primeiro a pista. Em 1º de dezembro de 1975, vim para João Pessoa, morar com o meu pai, seu Vicente, em um barraco, ao lado do prédio da reitoria, na UFPB. Na pista de atletismo, comecei ajudando os professores e treinadores da modalidade, nas competições estaduais. A primeira, eu nunca esqueci. Foi nos Jogos Universitários da Paraíba, em 1977. Trabalhei ajudando na marcação da pista. A praticá-lo, comecei no I Festival de Resistência do Curso de Educação Física da UFPB, realizado no dia 30 de outubro de 1977. Depois dele, comecei a treinar com o professor João Batista Freire. Corria provas de meio-fundo e fundo. Como atleta, não obtive marcas expressivas. Uma seleção não peguei.

### ■ Como sua relação com a educação escolar caminhou no decorrer da vida?

Compreendendo a motivação que existia para viver e conhecer o atletismo, fui entendendo melhor a motivação que faltava para não gostar de estudar. E faltava porque a sensação que eu tinha, era a de que estava na escola sem saber direito o que estava sendo ensinado e, muito menos, o que eu estava aprendendo. As consequências da falta de estudos senti lá na frente. Com o segundo grau concluído, veio o vestibular. Cursar Educação Física era o meu sonho. Com déficit nos estudos, enfrentar o vestibular foi meu maior desafio. A paixão pelo atletismo e pela Educação Física eram as forças internas que me moviam na busca desse objetivo. Fora elas, o apoio da minha família e dos meus amigos foi significativo de mais para alimentar esse ideal em mim. Nessa hora, estar na UFPB mudou tudo para mim. Da vivência e convivência com as pessoas, fiz amigos em diversas áreas do conhecimento. Revelando para alguns deles meu desejo e meu déficit de conhecimentos, meus me orientaram a frequentar a Biblioteca Central e lá, para me atualizar, comecei a ler os jornais de circulação nacional. Lia o Estadão, a

Folha de São Paulo e o Jornal do Brasil. Um dia, lendo um texto na página tendências e debates, na Folha de São Paulo, o autor citou, de Monteiro Lobato, a seguinte frase: “quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Após lê-la, não parei mais de pensar e refletir sobre ela.

### ■ E como foi seu primeiro contato com a UFPB?

Fiz o primeiro vestibular, não passei. Fiz o segundo, não passei. No curso de Educação Física, havia os professores da modalidade de atletismo, que me ajudaram muito, os quais, faço questão de citá-los: pela ordem alfabética, Francisco Martins da Silva, João Batista Freire da Silva e José Adolfo Carniato. Com o desejo de me ver cursar Educação Física, aqueles mestres se juntaram e começaram a pagar um cursinho pré-vestibular para eu estudar. Fiz minha matrícula no Cursinho 2001 e comecei a estudar. Veio o terceiro vestibular. Fiz, e não passei. Mesmo assim, eles continuaram pagando o cursinho para mim.

### ■ Qual (is) aspecto (s) da prova você aponta como responsável (is) por retardar sua aprovação?

A redação era uma das partes da prova que eu tinha mais dificuldade no vestibular. Um dia, conversando com o meu ex-treinador, Joãozinho, sobre ela, ele disse: “Pedrinho, hoje a noite eu vou viajar para São Paulo. Vá dormir lá em casa e antes de viajar, você vai escrever uma redação para eu ler”. Eu disse: “Tá certo, João. Vou lá, sim”. E fui. Por volta das 20h, ele disse: “Quando você quiser começar a escrever a redação, pode iniciar. Escolha um tema de sua preferência e desenvolva”. Sentei-me à mesa e comecei a pensar em um. Pensei, pensei e nada de vir algum. Não lembro mais qual tema escolhi, mas sei que escrevi sobre um. Não tendo mais o que escrever, falei para ele: “Terminei, João”. Ele disse, vou já aí. Quando ele veio, entreguei a redação. Ele pegou e começou a ler. Ao término, olhou para mim e disse: “Pedrinho, você só vai passar no vestibular quando fizer terapia”. Eu disse: “É, João?!”. Ele: “É, Pedrinho”. “Tá certo. Vou fazer, então”. Como eu não tinha condição de fazer terapia particular, ele me orientou para que eu fosse à clínica do curso de Psicologia da UFPB, me inscrever, para tentar conseguir o atendimento, que lá era de graça. A primeira vez que eu fui fazer a inscrição, saí da pista de atletismo e no meio do caminho, quando ia passando em frente ao restaurante universitário, parei e pensei: Eu não vou mais, não. Eu não estou ficando doido, para fazer terapia. Vou não. E voltei. Voltando para a pista, veio o conflito. Eu pensando: vou ou não, fazer terapia? A interrogação continuou na minha cabeça. No dia seguinte parei, pensei e decidi: vou lá, fazer a inscrição. Fui e fiz. Com menos de um mês, me ligaram da clínica, marcando uma entrevista. No dia marcado, fui lá, fiz a entrevista e comecei a fazer terapia.

### ■ Como foi sua iniciação enquanto estudante de Educação Física?

Veio o quarto vestibular. Fiz e consegui a aprovação desejada. Passei para o Curso de Educação Física do Unipê. Na metade do curso, transferei para o curso de Educação Física da UFPB, que era o meu maior sonho cursar. Vivendo todos os dias, o dia todo na praça de esportes, fui fazendo amizade e ganhando a confiança dos professores e funcionários da UFPB. Virei menino de recado e de outros afazeres mais que eles precisassem. Lavando carros durante a semana e trabalhando de gangula nos fins de semana, no campeonato de futebol de praia que existia na universidade, ia ganhando uns trocadinhos.

### ■ Até hoje, você atua como profissional da UFPB. Quando iniciou esse vínculo?

Época em que trabalhar no serviço público se dava, na maioria das vezes, por indicação, por questão salarial, ouvi muitas pessoas dizerem que optaram por trabalhar no Estado, em vez de na universidade. Vivendo esse tempo na UFPB, em 1978, a professora Vera Nóbrega de Lucena, Coordenadora do Curso de Educação Física, na época, chegou para mim e disse: “Pedrinho, quando você completar 18 anos, tire os documentos que eu vou batalhar para conseguir lhe empregar aqui na universidade”. Eu disse: “tá certo, professora. Vou tirá-los”. Tirei e entreguei a ela. Em 15 de março de 1979, foi assinado meu contrato para exercer a função de auxiliar operacional de serviços diversos, na antiga Divisão de Atividades Físicas - DAD. Contribuiu direta e indiretamente para a indicação do meu nome, o apoio dado pelos professores e professoras da modalidade de atletismo e de outras disciplinas do curso, que tinham muito apreço por mim. Com o afastamento dos professores Francisco Martins da Silva, João Batista Freire da Silva, para fazerem pós-graduação, e o professor José Adolfo Carniato, para aposentadoria, eles, treinadores de atletismo, na época, e eu, trabalhando na UFPB como técnico em Educação Física, fui, pouco a pouco, preenchendo a lacuna deixada por eles.

### ■ Em que momento da sua trajetória você passou a desejar atuar como treinador?

Professor ou treinador, modéstia à parte, considero-me um educador por natureza. Para referendar minha afirmação, recorri a Rubem Alves, ao dizer que professor é profissão. Educador é vocação. Como vocação me inspiro na frase da letra da música “filho”, de Milton Nascimento: “Toda vida existe pra iluminar, o caminho de outras vidas que a gente encontrar”. Com esse propósito, ensinar o atletismo como meio de inclusão, ascensão e promoção social, era o que eu fazia. Como treinador, o ímpeto competitivo foi se manifestando em mim. E ele é cada vez mais forte quanto mais vou identificando atletas com potencial para o alto rendimento. Sendo o esporte de alto rendimento excludente por natureza, trabalhar nessa perspectiva foi, ini-

cialmente, um dilema para mim. Depois de muitas leituras e reflexões, digeri esse entendimento, assumindo esse desejo e desafio.

### ■ Qual ação desenvolvida por você no campo de atuação acadêmico foi a mais memorável?

Como técnico em Educação Física no DEF -UFPB, em 1995, criei o projeto Formação de Atletas para o Atletismo Escolar e Universitário, aprovado pelo Programa de Bolsa Extensão - Probox - da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários. Tinha como um dos seus objetivos, identificar alunos das escolas públicas municipais e estaduais da cidade de João Pessoa e circunvizinhas, com potencial para a modalidade de atletismo. Das ações desenvolvidas nesse projeto, revelamos, formamos e classificamos atletas para seleções paraibanas e alguns para a brasileira. Como treinador da seleção brasileira de atletismo, participei de campeonatos sul-americanos das categorias menor, juvenil e do II Campeonato Mundial de Atletismo de Menores, em Sherbrooke - Canadá - 2003. Entre os atletas que formamos, destacamos, entre outros, João Carlos Soares Martins, vice-campeão sul-americano juvenil, na prova do lançamento do dardo; Basílio Emídio de Moraes Júnior, campeão sul-americano de menor, na prova dos 100m rasos; e Jailma Sales de Lima, quarta colocada na prova do heptatlo, no campeonato mundial de atletismo de menores

### ■ Você figura entre um dos principais treinadores do paratletismo estadual e nacional. Como iniciou essa trajetória de sucesso?

No atletismo olímpico, em 1998, o professor Jailton Lucas de Miranda me perguntou se eu aceitaria treinar Fernando Felipe, deficiente visual da classe T-11. Aceitei de imediato o pedido feito por ele. Depois, ele me encaminhou João Luiz dos Santos, deficiente físico de membros superiores, da classe F46, e Cícero Valdiran Lins Nobre, deficiente físico de membros inferiores, da classe F-57. Na sequência, veio Petrúcio Ferreira dos Santos, deficiente físico de membro superior, classe T-47. Sem experiência no atletismo paralímpico, ensinar e prescrever treinamentos para eles tornou a modalidade mais desafiadora. Assim, conforme o tipo e o grau de deficiência que cada um deles apresentava, mais exigia de nós a capacidade de nos adaptarmos às necessidades apresentadas por eles e, a partir delas, prescrevermos e realizarmos os treinamentos.

### ■ Qual o maior aprendizado até aqui?

Nesta caminhada, muito tempo já passou. O que inicialmente eu não sabia que existia, ao conhecer e viver o atletismo, aprendi. Acolhido por muitos que estavam ao meu redor, aproveitei como pude o que aconteceu de melhor. O que lá atrás não sonhei, com a ajuda de todos, todas e do meu esforço em particular, depois de sonhado, realizei. A máxima, segundo a qual “o homem é produto do meio”, acredito que seja uma meia-verdade. Como verdade-verdadeira, eu só acredito porque, na prática, ela aconteceu comigo.

## FUTEBOL DE CEGOS

## Seleção troca a quadra pelo gramado

*Equipe tem feito simulações em piso sintético para se adequar melhor às condições a serem encontradas na França*

A Seleção Brasileira de futebol de cegos vem fazendo alguns ajustes em sua preparação para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, com o objetivo de simular condições de jogo semelhantes àquelas que os jogadores encontrarão na França.

Concentrado em João Pessoa desde janeiro para ampliar o entrosamento e o ritmo de jogo, o grupo costuma treinar com bola dentro de um ginásio fechado, em quadra com piso de cimento, no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. A partir de agora, algumas vezes na semana, a comissão técnica está levando os atletas para a cidade vizinha do Conde, a 23 km da capital, onde os treinamentos acontecem ao ar livre, em quadra com piso de grama sintética. A ideia é fazer uma espécie de aclimação para o que se espera encontrar durante a competição na capital francesa, que terá início em 28 de agosto, época ainda de verão na Europa.

“Estamos chegando mais perto dos Jogos e, por isso, começamos a organizar esses treinos por dois motivos: um é a grama, que é a superfície onde jogaremos lá. O jogo fica mais lento, o guizo da bola faz menos barulho. E outro ponto é o clima. Esperamos que, em Paris, a temperatura esteja ao redor dos 24 °C. Então, quando chegarmos lá, estaremos bem adaptados tanto à grama quanto ao clima”, explicou o treinador Fábio Vasconcelos, que tentará conduzir o Brasil ao sexto título nos Jogos Paralímpicos.

Desde a inserção da modalidade na grade dos Jogos, em Atenas 2004, o país é o único ganhador da história.

Ao longo do ano, a comissão técnica vem utilizando diferentes estratégias para melhorar a performance do elenco. Uma delas foi a inclusão de atividades físicas na areia da praia, cujo objetivo principal é o ganho de condicionamento físico.

O Brasil já conhece seus adversários na fase de grupos dos Jogos. A estreia será em 1º de setembro, contra a Turquia, às 13h30 (de Brasília). No dia 2, às 15h30, os pentacampeões pegarão a França, derrotada neste ano no Desafio Internacional, que foi exibido na TV Globo. A última partida da primeira fase acontecerá no dia 3, às 13h30, diante da China, algoz dos brasileiros na semifinal do último Grand Prix da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, do inglês), que terminou com a Colômbia campeã e o Brasil em terceiro.

A aclimação das três modalidades da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) na França será na cidade de Troyes, a cerca de 160 km de Paris. A primeira leva de atletas a chegar será do goalball, no dia 15 de agosto. O futebol chegará no dia 20, e o judô, no dia 23. A cerimônia de abertura dos Jogos Paralímpicos está marcada para o dia 28 de agosto.



O técnico Fábio Vasconcelos, de costas, observa a movimentação de Jefinho em direção à bola, durante treino em gramado sintético realizado na cidade do Conde

## PARIS 2024

## COB define datas de chegadas das delegações

Com a delegação brasileira em fase final de definição para os Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) já se prepara para a chegada das primeiras equipes do Time Brasil a Paris. Seja na Vila Olímpica ou nas sete bases onde montará operação, a entidade colocará à disposição dos atletas estrutura e suporte para o melhor desempenho na competição. E, antes de entrarem na Vila, algumas modalidades já sentirão o clima olímpico em períodos de aclimação em solo francês. Para deixar tudo pronto para a chegada dos atletas, integrantes da área de Infraestrutura e de Jogos e Operações Internacionais do COB chegarão em Paris no início de julho para iniciar a montagem dos espaços.

“Nós já estamos preparados do ponto de vista de organização para levar os nossos atletas e recebê-los em Paris. Nossa equipe está se planejando há muito tempo para esse momento. Estamos em um período final de classificação olímpica e cada modalidade tem uma necessidade diferente. Falta pouco, mas ainda há muito trabalho a ser feito para atender a todas as necessidades dos atletas. É uma organização muito grande para que nada falte aos atletas. Vamos trabalhar até o último dia em busca da excelência”, afirmou Rogério Sampaio, diretor-geral do COB e chefe da Missão Brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris.

Por ser uma edição realizada na Europa, muitas modalidades farão aclimações ou chegarão ao Velho Continente com bastante tempo de antecedência. Algumas dessas chegadas são organizadas diretamente pelas Confederações e, por isso, não estão mapeadas pelo COB.

Entre as modalidades que chegam à França em parceria com o COB, a ginástica artística será uma das primeiras a embarcar para a aclimação em solo francês. No dia 6 de julho, as equipes feminina e masculina viajam para cidade de Troyes, a 160 km de Paris, onde ficarão treinando até o dia 18. De lá, Rebeca Andrade e companhia seguem para a Vila



O voleibol feminino viaja diretamente do Brasil para Paris e entra na Vila Olímpica no dia 19 de julho

Olímpica, onde inauguram a presença brasileira no local.

Já o vôlei feminino viaja diretamente do Brasil para Paris e entrará na Vila Olímpica no dia 19 de julho. A equipe treinará em St. Ouen, a base de apoio do COB a 600 m da Vila Olímpica. Lá, a equipe comandada por José Roberto Guimarães terá um ginásio exclusivo para treinamentos, dentro dos horários escolhidos pelo treinador. O espaço também estará à disposição da seleção masculina.

Em St. Ouen, o COB montará estrutura para suas operações e ponto de apoio em serviços médicos, preparação mental, atendimento nutricional, alimentação brasileira, além do local de encontro com familiares e amigos. A distribuição de uniformes para a delegação também acontecerá no local.

“O alinhamento do COB com as confederações, treinadores, equipes e atletas é fundamental para que possamos ajustar o planeja-

mento e atender da melhor forma as modalidades. Todos os detalhes estão sendo pensados para que os atletas possam pensar apenas em treinar e competir bem. A menos de 40 dias para os Jogos Olímpicos, é a hora de pontuarmos os detalhes. São eles que podem fazer uma diferença bem grandes na reta final de preparação”, afirmou Ney Wilson, diretor de Alto Rendimento do COB.

Além da Vila Olímpica e St. Ouen, o COB montará estruturas próprias em Vaires Sur Marne (canoagem e remo), Marseille (vela), Lille (handebol e basquete, caso se classifique) e Chateauroux (tiro esportivo). Cada local terá serviços específicos de acordo com as características das modalidades.

Depois da ginástica artística, no dia 18, e do vôlei feminino, no dia 19, teremos a entrada do vôlei de praia no dia 20. Já no dia seguinte, a Vila Olímpica passará a ficar cada vez mais verde e amarela com

a chegada das seguintes modalidades: ciclismo BMX, ciclismo MTB, esgrima, hipismo CCE, rúgbi, skate e tiro com arco. E no dia 22 de julho, badminton, handebol, natação, tênis, tênis de mesa e vôlei masculino se juntam ao Time Brasil.

E não é só na França que haverá representantes do Time Brasil. No arquipélago do Taiti, a mais de 12 mil km da capital francesa, a equipe de surfe vai em busca de medalhas nas ondas perfeitas de Teahupoo. Os primeiros integrantes do COB chegam ao local no dia 17 para deixar tudo pronto na base exclusiva do COB no local para a chegada dos atletas, a partir do dia 19.

Atualmente, o Time Brasil conta com 220 atletas classificados em 36 modalidades e ainda existem algumas competições classificatórias até o início de julho que definirão a delegação nacional e dará contornos finais a todo o planejamento do COB e das confederações.

BRASILEIRÃO

# Fla-Flu é a grande atração da rodada

Vivendo situações distintas, equipes voltam a se enfrentar e há sete jogos o Tricolor não vence o Rubro-Negro

Camilla Barbosa  
 acamillabarbosa@gmail.com

A rodada de número 11 da Série A do Campeonato Brasileiro 2024 tem seis partidas programadas para acontecerem hoje. O destaque é a realização do Fla-Flu, que se inicia às 16h, no Estádio Maracanã, com o Fluminense como mandante.

Essa edição do Fla-Flu tem os dois times vivendo situações opostas no Campeonato Brasileiro. O Flamengo, que vem de vitória de 2 a 0 contra o Bahia, como nos últimos anos, é um dos fortes candidatos envolvidos na briga pela primeira posição da tabela. O desempenho do Rubro-Negro, que já acumula 20 pontos, inclui seis vitórias, três empates e apenas uma derrota.

Já o atual campeão da Libertadores é também o lanterna da tabela do Brasileiro, com seis pontos. O desempenho do time até aqui nesta temporada, inclusive, é bem preocupante. Das 10 partidas da Série A até aqui, o Tricolor venceu apenas uma, ainda na terceira rodada, quando derrotou o Vasco pelo placar de 2 a 1.

A depender do resultado da partida, esta pode ser, também, a última com Fernando Diniz no comando do Fluminense. O técnico vem sofrendo forte pressão por parte da torcida, que tem estado insatisfeita com o futebol apresentado pelo time.

No retrospecto geral do confronto, o Flamengo leva a melhor. De acordo com a página Goal, nas 450 vezes em que se enfrentaram, foram 164 vitórias do Flamengo, 145 empates e 141 vitórias do Fluminense. O time da Gávea possui sete jogos de invencibilidade no clássico e, na última vez em que os dois ficaram frente a frente, em 16 de março deste ano, a partida ficou no empate pelo placar mínimo, sem gols.

Depois da vitória por 4 a 1, que lhe rendeu o bicampeo-



Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

Duelo entre Fabricio Bruno e Marcelo no clássico carioca pelas semifinais do Campeonato Estadual que terminou empatado sem gols no mês de março

nato carioca, no ano passado, o Tricolor enfrentou o Flamengo em sete oportunidades. De lá para cá, além de não conseguir vencer o maior rival, marcou apenas um gol.

**Outras partidas**

O Athletico-PR recebe o Corinthians, também às 16h, na Ligga Arena, em Curitiba. O Furacão, que vem de dois empates, vai entrar em campo sem o atacante Pablo, suspenso pelo terceiro cartão amarelo no último jogo, contra o Botafogo.

Do outro lado, o técnico do Timão, Antônio Oliveira, não poderá contar com uma

das peças mais importantes do time, o centroavante e atacante Yuri Alberto, que recebeu o terceiro cartão amarelo na derrota para o Internacional, na última quarta-feira (19). O time paulista, que marcou sete pontos em 10 rodadas, precisa reagir e quebrar a sequência de seis jogos sem vencer, para conseguir sair da zona de rebaixamento.

Já o Atlético Mineiro, vindo de duas derrotas, duela com a equipe do Fortaleza na Arena MRV, em Belo Horizonte, com partida programada para se iniciar às 18h30. Ambos os times terão desfalques, sendo

que o Galo não poderá contar com, no mínimo, seis dos seus jogadores, incluindo Hulk, que estará ausente pois acompanhará o nascimento da filha Aisha, nos Estados Unidos. Além do camisa 7, Nacho e Mariano estão suspensos, enquanto Jair, Zaracho e Keno estão no departamento médico. Em relação ao Leão do Pici, o técnico Vojvoda não poderá contar com Juan Martín Lucero, suspenso após receber o terceiro cartão amarelo na última partida, contra o Grêmio.

O confronto entre Palmeiras e Juventude começa às 18h30, no Allianz Par-

que. O time comandado por Abel Ferreira vem de uma sequência de quatro partidas com vitória e vai enfrentar o time sulista, que tem 13 pontos marcados e vem de uma vitória, por 2 a 0, contra o Vasco, e de uma derrota, por 2 a 1, para o Bragantino.

No mesmo horário, Bragantino e Vitória entram em campo, às 18h30, no Nabi Abi Chedid, em Bragança Paulista. O time do interior paulista, que vem de derrota contra o Palmeiras, por 2 a 1, duelará com o Vitória, que bateu o Atlético-MG por 4 a 2, no Barradão, na última quinta-feira (20).

## Jogos de hoje

- 16h  
Bahia x Cruzeiro  
Fluminense x Flamengo  
Athletico-PR x Corinthians
- 18h30  
Atlético-MG x Fortaleza  
Palmeiras x Juventude  
Bragantino x Vitória

COPA DO MUNDO

# Cafu confiante em Seleção quebrar um novo jejum de 24 anos

Em 2026, durante a Copa do Mundo da Fifa, o Brasil completará 24 anos sem conquistar o troféu. Porém, por incrível que pareça, esse longo jejum é motivo de esperança para um ilustre torcedor: Cafu, campeão mundial em 1994 e 2002, disse em entrevista à Fifa que os 24 anos de espera podem inspirar a

Seleção a reencontrar a glória — assim como já ocorreu no passado.

A comparação é carregada de simbolismo. O Brasil conquistou a Copa do Mundo da Fifa 1970 e comemorou muito, mas passou 24 anos sem erguer o troféu novamente. Esse período amargo chegou ao fim em 1994, nos Estados

Unidos — país que será uma das três sedes do Mundial em 2026.

“O Brasil, depois de 1970, ficou 24 anos sem conquistar o título. Conquistamos no México 1970 e depois fomos conquistar nos Estados Unidos 1994. Ou seja, 24 anos depois. Aí vieram outras grandes conquistas: em 1998 chegamos à

final, e em 2002 fomos campeões do mundo”, relembrou ele, que estava lá nos três Mundiais de 94 a 2002.

“Agora, o Brasil já está há um bom tempo sem conquistar o título. Estão se passando 24 anos novamente, e a Copa do Mundo será nos Estados Unidos novamente. Quem sabe nós não estamos repetindo aquilo que foi de 1970 até 1994? E agora de 2002 até 2026. O Brasil não pode ficar tantos anos assim sem a conquista de uma Copa do Mundo”, completou o lendário lateral.

Para que a história se repita, é importante que a atual Seleção lide com o peso dos 24 anos tão bem quanto a geração dos anos 90. As redes sociais não existiam, é verdade, mas a pressão era praticamente palpável. “A nossa geração sofria essa pressão. Nós ficamos 24 anos sem conquistar o título. Íamos para o campo alegres, felizes, sorrindo e descontraídos, mas ao mesmo tempo concentrados e cien-

tes da nossa responsabilidade. Então, o nosso lema era jogar com responsabilidade e se divertir ao mesmo tempo, sabendo das cobranças. Porque nós sabíamos que, com qualquer derrota, a cobrança ia ser muito grande em cima de nós”.

A geração que disputou a Copa do Mundo da Fifa Qatar 2022 tinha uma idade média de 28,4 anos. Não era um elenco jovem, mas muitos dos principais talentos brasileiros — como Rodrygo e Vinicius Junior — ainda têm menos de 25 e possivelmente se tornarão cada vez mais decisivos até 2026. Neymar terá 34 e muita experiência. Se a ideia é aprender com o passado, tudo isso pode fazer a diferença.

“Nós em 2002 já sabíamos dividir essa responsabilidade. Era uma geração experiente: Ronaldo, Rivaldo, Cafu, Roberto Carlos, Lúcio, Edmilton, Roque Júnior, Marcos... um time muito experiente. Jogadores que já tinham disputado outras Copas do Mundo

e já tinham sido campeões em seus clubes”, destacou Cafu.

**O Brasil é sempre temido**

Desde que a Seleção conquistou o penta em 2002, cinco edições da Copa do Mundo se passaram com resultados frustrantes: a equipe caiu nas quartas de final quatro vezes e perdeu uma semifinal de forma traumática para a Alemanha, por 7 a 1, em pleno solo brasileiro.

Cafu estava em campo na primeira dessas dolorosas eliminações em 2006, contra a França, e tem um recado importante para o restante do mundo da bola: não se deve subestimar o Brasil.

“O Brasil é sempre o Brasil. O Brasil é como a Argentina: tem de ser respeitado, porque, de uma hora para outra, vira a chave e pode conquistar uma competição importante. Então, o Brasil é sempre temido pelas condições individuais de cada jogador que nós temos dentro de campo”, afirmou.



Foto: Divulgação/Fifa

Cafu, o capitão do penta, com a Taça Fifa conquistada na Copa do Mundo de 2002

O técnico Dorival Júnior conversa com os jogadores, antes do treinamento, mostrando a importância da competição e de estreiar com vitória



Fotos: Rafael Ribeiro/CBF

COPA AMÉRICA

# Teste para Dorival começa amanhã

Brasil estreia contra Costa Rica pelo Grupo D, no torneio que pode marcar a despedida de Messi, da Seleção Argentina

Toni Assis  
Agência Estado

A 48ª edição da Copa América, que tem como palco os Estados Unidos, começou na última quinta-feira (20) com um contraste de gerações. Se Lionel Messi, dono de oito Bolas de Ouro, ensaia sua despedida pela Argentina, Vinícius Júnior lidera uma seleção brasileira sem Neymar, no embalo da conquista da Liga dos Campeões, ao lado de Endrick. A competição é um teste tanto para o jovem de 17 anos quanto para Dorival Júnior, que teve tempo para treinar e dar a sua cara ao time nacional.

A Argentina deve ser o time a ser batido, já que na estreia derrotou o Canadá por 2 a 0, na última quinta-feira. Após superar o Brasil na final da Copa América de 2021, no Maracanã, em uma edição marcada pela pandemia de Covid-19, os argentinos viraram a chave. Além de ter encerrado uma seca de 28 anos (o último troféu havia sido o de 1993), eles vivem uma nova fase desde então. Sob o comando da dupla de "Lionéis" – Scaloni, o técnico, e Messi, o cérebro da equipe –, a seleção argentina corroborou seu bom momento com a taça da Copa do Mundo do Catar, em 2022. Não à toa, lidera o ranking da Fifa.

Líder isolada das Eliminatórias da América do Sul (cinco vitórias e uma derrota), a Argentina tem uma nova missão nos Estados Unidos: colocar a faixa no peito pela 16ª vez e, assim, se consolidar como a maior vencedora da competição, deixando os uruguaios no segundo posto, com 15 troféus – o Brasil soma nove e é o terceiro maior vencedor.

Messi, que completa 37 anos nesta segunda-feira, já anunciou que o fim da sua carreira está próximo. Outro veterano, e também decisivo, Angel Di María, 36,

colocou o torneio continental como capítulo derradeiro da sua história com a seleção. Foi dele o gol do título no 1 a 0 sobre os brasileiros, no Rio de Janeiro, na última edição do torneio.

Com a dupla, Scaloni mantém a base do Mundial do Catar. Assim, ele conta com a experiência de Emiliano Martínez no gol e com a eficiência de nomes como Cristián Romero, Rodrigo de Paul, além do faro de gol de Julián Álvarez e Lautaro Martínez.

## Melhor do mundo

Eficiência comprovada do lado argentino, etapa de reconstrução do lado brasileiro. Sem Neymar, que se recupera de lesão no joelho esquerdo, o Brasil chega à Copa América em um início de trabalho.

Desde a queda para a Croácia nas quartas de final na última Copa do Mundo, as decepções se acumulam. Após as performances abaixo do esperado de Ramon Menezes e Fernando Diniz à beira do campo, Dorival Júnior chegou para "arrumar a casa" da seleção brasileira.

Escolhido para tirar a seleção do incômodo 6º lugar nas Eliminatórias Sul-Americanas do Mundial de 2026 (apenas duas vitórias em seis rodadas), Dorival tem na Copa América o seu primeiro grande teste. Com dois triunfos (Inglaterra e México) e dois empates (Espanha e Estados Unidos) sob sua gestão, o treinador tem no elenco atletas do nível de Rodrygo (Real Madrid), Raphinha (Barcelona), Lucas Paquetá (West Ham) e Gabriel Martinelli (Arsenal). Mas é Vinícius Júnior, favorito ao prêmio de melhor do mundo, que surge como candidato a destaque da equipe. Contra ele, porém, os números pela seleção são modestos. Em 30 jogos, foram apenas três gols.

"Cobram do Vinícius Júnior as atuações que ele tem no Real. Acho que isso vai

acontecer nos momentos mais importantes e decisivos da Copa América. Por enquanto, vamos aguardar, ter paciência e dar condições para esses garotos encontrarem o seu melhor", afirmou o comandante, na reta final de preparação.

Protagonista do Real Madrid, o atacante voltou a balançar a rede em uma final de Liga dos Campeões na conquista do torneio sobre o Borussia Dortmund. Resta agora saber se o brilho que o ilumina na Europa vai ser suficiente para guiá-lo a ponto de comandar a equipe nacional nos EUA.

## Endrick, a joia

Dorival passou as últimas semanas preparando a seleção brasileira, entre amistosos e períodos de treino em Orlando. Preocupado em ajustar a equipe, o treinador tem um outro cuidado: preservar o jovem Endrick.

Contratado pelo Real Madrid, ele mostrou seu faro de gol no triunfo sobre os ingleses, no empate com a Espanha e na vitória sobre o México. Embora tenha rechaçado comparações com Pelé e Ronaldo, Dorival trata

o seu camisa nove com zelo. "Tudo vai vir com o tempo. Mas que ele não perca a sua essência. O Endrick pode ser muito útil à seleção, desde que tenhamos paciência. Não é só colocar ele lá (em campo) e esperar que resolva a situação. Tudo no seu tempo certo", disse o treinador.

No Grupo D, o Brasil faz seu primeiro duelo com a Costa Rica, amanhã, às 22h, em Los Angeles. Depois, encara os paraguaios na segunda rodada (dia 28) e encerra sua participação na fase de grupos contra os colombianos no início de julho (dia 2).

## Despedida

Além dos dois maiores gigantes do futebol sul-americano, o Uruguai, liderado por Marcelo Bielsa, surge como candidato natural ao título. Nas Eliminatórias para o Mundial de 2026, a celeste só está atrás dos argentinos. Recentemente, a equipe encerrou um jejum de 22 anos sem triunfos sobre os brasileiros com um contundente 2 a 0 em Montevideu.

Em campo, as atenções vão se voltar para Darwin

Núñez no ataque. Já o veterano Suárez, de 37 anos, deve se despedir da seleção nesta Copa América. Sua participação deve se restringir mais ao banco de reservas do que à titularidade – Cavani não chegou a ser convocado.

Um toque brasileiro chama atenção no elenco montado por Bielsa. Seis atletas que atuam no Brasil vão estar nos Estados Unidos. Quatro deles defendem o Flamengo: Arrascaeta, De la Cruz, Viña e Varela. O goleiro Rochet, do Internacional, e o atacante Canobbio, do Athletico-PR, completam a lista.

O Uruguai estreia, hoje, às 22h, em Miami, contra o Panamá. Em uma escala menor de favoritismo, outras seleções surgem como candidatas ao título. Invicta nas Eliminatórias e sem ganhar um troféu do torneio desde 2001, a Colômbia tem no atacante Luís Díaz, astro do Liverpool, sua maior esperança. Por jogar em casa, os Estados Unidos podem surpreender. A Colômbia estreia amanhã, em Houston, às 19h, contra o Paraguai.

## Formato

A competição, que conta com 16 equipes, traz a participação de seis nações da Concacaf: Jamaica, Costa Rica, Panamá, México, Canadá e os Estados Unidos, país-sede do evento. Elas se juntaram aos outros 10 países da América Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

Divididos em quatro grupos, com quatro equipes cada um, a fase de classificação está sendo disputada em turno único. Os dois primeiros colocados de cada chave avançam para a fase de quartas de final e, a partir daí, os confrontos são eliminatórios até a decisão, marcada para o dia 14 de julho.

Argentina, Uruguai e Brasil, as três maiores forças da América do Sul, fo-

ram divididos em chaves diferentes.

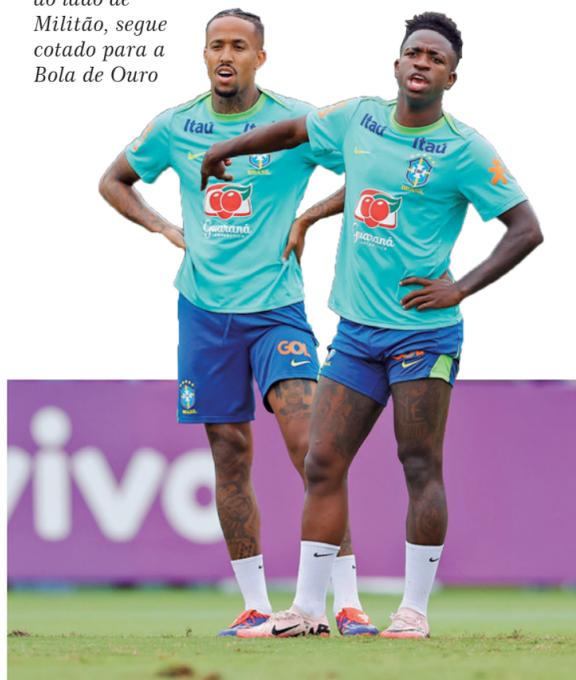
## Prévia

Como em 2016, os Estados Unidos voltam a sediar uma edição da Copa América. Com promessas de estádios cheios, os organizadores vão fazer uma espécie de ensaio geral visando a Copa do Mundo de 2026 quando, em parceria com o Canadá e o México, o País da América do Norte vai também ser palco do Mundial de seleções.

A Copa América está sendo realizada com jogos em 13 cidades, e 14 arenas recebem as partidas das seleções participantes. O Brasil realiza o seu primeiro confronto no SoFi Stadium (com capacidade para 70.000 fãs), amanhã, em Los Angeles. Depois, a equipe vai até Las Vegas na segunda rodada para jogar no Allegiant Stadium (65.500 torcedores) e tem seu último compromisso no Levi's Stadium (68.500 pessoas), em Santa Clara.

Cada vez mais inserido no "negócio futebol", os americanos também serão responsáveis por abrigar mais um evento de grande proporção no ano que vem. Entre os meses de junho e julho, os EUA vão organizar o Mundial de Clubes da Fifa. O torneio, primeiro com essa dimensão, vai ter 32 equipes, entre elas, Flamengo, Fluminense e Palmeiras.

Vini Jr. (D), ao lado de Militão, segue cotado para a Bola de Ouro



## Jogos de hoje

19h  
Estados Unidos x Bolívia  
22h  
Uruguai x Panamá

■ Amanhã  
19h  
Colômbia x Paraguai  
22h  
Brasil x Costa Rica

Manifestação recorre a teatro, música e dança para contar a história das navegações portuguesas e os acontecimentos festivos, alegres e trágicos de uma tripulação

Foto: Tadeu Patrício/Arquivo pessoal

## CULTURA POPULAR

# Nau Catarineta

Com 112 anos de existência, o folguedo de Cabedelo ainda persiste para não afundar no mar do esquecimento

## para valorizar

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Tadeu Patrício é um dos nomes a que todos se reportam quando o assunto é a Nau Catarineta, manifestação popular que chegou a Cabedelo, na Grande João Pessoa, no início do século 20, mas que, hoje, corre o risco de desaparecer. O professor de artes e mestre da brincadeira, como ele mesmo prefere denominar a tradição, tomou contato com o folguedo no fim dos anos 1970 e desde então não deixa de levantar a bandeira da cultura popular e levar adiante sua barca, que conta com 35 integrantes, entre atores, músicos e dançantes.

Durante a pandemia, os ensaios e apresentações da Nau Catarineta foram suspensos. Tadeu Patrício planeja retomar as atividades do grupo no próximo mês, mas precisa lidar com muitos desafios. Um deles é garantir a participação dos brincantes nos ensaios. "Tem gente morando em locais que não pode sair à noite, porque não pode chegar tarde. Mas esse é o horário de nossos ensaios. A violência é um fator que dificulta a participação de quem vive nas periferias", explica ele.

Os membros do grupo são trabalhadores das comunidades, jovens e até crianças, todos atuando voluntariamente. Tadeu Patrício conta que nem sempre

recebem cachê pelas apresentações e, quando acontece de receberem, o recurso quase sempre é destinado à compra de algum material necessário, como roupa ou sapato para algum integrante. "O que estimula é o prazer de brincar. Se a pessoa não tiver isso na cabeça e entender que é algo que tem que vir de dentro para fora, do amor, do gostar, de se apaixonar, de se encantar... não consegue abrir mão de outras coisas para assumir esse compromisso", defende.

Ele destaca que, para revitalizar a brincadeira, é importante uma maior valorização popular. "Se a sociedade não tiver esse olhar para a cultura de sua comunidade, de seu bairro, tradições como a nau, a ciranda, o coco, a capoeira, a lapinha, os violeiros... todas elas vão desaparecer. Porque as pessoas vão ficando mais velhas, e elas vão deixando de existir", antevê o professor.

Já ao Poder Público competiria o apoio a partir de projetos que estimulem o conhecimento das novas gerações acerca dessa manifestação, que é reconhecida como patrimônio cultural imaterial, tanto do município de Cabedelo como do estado da Paraíba. Patrício sugere levar a Nau Catarineta para a sala de aula, fomentando a tradição em disciplinas de história, linguagens e artes.

### Tradição

A Nau Catarineta chegou a Cabedelo por volta de 1910, trazi-

da por brincantes do município de Santa Rita. Originalmente, esteve sempre ligada a comunidades litorâneas e de pescadores e, mais tarde, aos trabalhadores portuários do local. A tradição também está presente em outros estados do Nordeste sob o nome de "chegança" ou "folguedo".

A manifestação cultural recorre a teatro, música e dança para contar a história das navegações portuguesas e os acontecimentos festivos, alegres e trágicos de uma tripulação, por meio de quatro jornadas (ou atos), que duram em torno de 60 minutos. São, ao todo, 27 personagens, além de uma orquestra composta por bândolim, violão, cavaquinho, pandeiro, surdo e percussão. Na primeira jornada, um dos navios da companhia lusitana é capturado na Fortaleza do Diu, na Índia, e a Nau Catarineta, o navio mais poderoso, que nunca perdeu uma guerra, vai libertar a Saloia e os oficiais presos.

Justamente em relação à representação dessa personagem, a Nau Catarineta de Cabedelo apresentou, desde cedo, uma particularidade. A Missão de Pesquisas Folclóricas, realizada por Mário de Andrade em 1938, identificou que era a primeira brincadeira marítima do Brasil que colocava uma mulher para representar a personagem que, na barca, tinha a função de cantar fado e costumava ser interpretada por um homem caracterizado com traços femininos.



Foto: Tadeu Patrício/Arquivo pessoal



Foto: Tadeu Patrício/Arquivo pessoal



Foto: Tiago Medeiros/Divulgação

De cima para baixo: parte da formação da marujada mirim da Nau e dois registros da última apresentação do folguedo, antes da pandemia

## Manifestação folclórica foi transformada em musical

Foto: Arquivo A União



Apresentação do musical 'Viva a Nau Catarineta', realizada pelo grupo de Teatro Experimental de Cabedelo (Teca), em julho de 1979

O folclorista e teatrólogo Altimar Pimentel deu importante contribuição, na década de 1970, para o registro da Nau Catarineta, recolhendo notícias, histórias e cantos dessa manifestação cultural, arquivadas no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Foi Pimentel que também idealizou e coordenou a gravação de um documento discográfico, o LP *Nau Catarineta de Cabedelo*, e escreveu o musical *Viva a Nau Catarineta*, montado pela primei-

ra vez pelo Grupo Oficial do Teatro de Santa Roza, em João Pessoa, em abril de 1970, sob direção de Elpidio Navarro. Na mesma década, o espetáculo foi montado pelo grupo de Teatro Experimental de Cabedelo (Teca).

O musical foi remontado em 2023, pelo diretor Paulo Vieira, como resultado do processo formativo de teatro da Secretaria de Cultura de Cabedelo. Nos três meses de ensaio, os artistas participaram de aulas de técnica vocal, treinamento corporal e dança no Teatro Santa Catarina e no Centro Cultural Mestre Benedito.

## Antônio Américo de Medeiros

# Cantador plantou um programa radiofônico que cultivava cultura popular



Em 1960, o artista potiguar aproveitou seu talento para ganhar espaço na Rádio Espinharas, onde criou aquele que seria um dos programas de maior duração da emissora patoense: 'Violas e Repentes'

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

Antônio Américo de Medeiros nasceu em 7 de fevereiro de 1930, em São João do Sabugi, no Rio Grande do Norte, onde, ainda jovem, se dividia entre a agricultura e a cantoria de viola nas vizinhanças, aos fins de semana. Como perdeu os pais muito cedo e não tinha irmãos, embarcou na viagem da música e passou a percorrer o Nordeste como trovador, até pousar em Patos, no Sertão da Paraíba, e fazer daquela cidade a sua terra.

Quando se estabeleceu na "Capital do Sertão paraibano", em 1960, seu talento com a viola não passou despercebido e logo ganhou espaço na Rádio Espinharas, onde criou aquele que seria um dos programas de maior duração da emissora, *Violas e Repentes*. O programa acompanhava os patoenses nas primeiras horas do dia em uma época em que a comunicação através do rádio era um dos principais meios de comunicação de massa para difusão de informações locais.

A professora Vamberlania Medeiros, uma das três filhas de Antônio Américo, recorda que, quando sua mãe viajava para fazer compras para a barraca que a família mantinha na feira livre do município, tinha que acordar de madrugada para acompanhar o pai até a sede da emissora. "O programa começava às 5h da manhã e abria a programação da Rádio Espinharas de Patos. Muitos cantadores de viola que passavam pela cidade também participavam do programa", relata a filha do radialista.

Nos cerca de 30 a 40 minutos do *Violas e Repentes*, Antônio Américo se dividia na condução do programa com alguns companheiros, como Manoel Francisco, João Severo, Severino Feito-

sa, João Luiz, Bui Donato, entre outros, esforçando-se para prender a atenção de uma audiência. "Era um programa bem prestigiado por cantadores famosos, mas muitas pessoas aproveitavam para dar avisos, fazer convites para eventos, pedir para mandar 'alôs', parabenizar, enviar felicitações para as pessoas e até fazer notas de falecimento. Muitos desses pedidos eram feitos por meio de cartas, que ele recebia em sua barraca chamada Santo Antônio", explica a professora.

Antônio Américo fez de sua voz um instrumento para fazer chegar ao coração dos ouvintes a poesia do Sertão. Aprendeu nas rodas de violas onde se apresentava durante suas andanças algumas das muitas estratégias que lançava mão nas ondas do rádio para tornar sua comunicação efetiva e afetiva.

Uma das lembranças da filha de Antônio Américo é da emoção que ele provocava em muitos ouvintes com as canções que cantava, como, por exemplo, algumas que falavam de vaqueiros. Quando ia para os sítios durante as férias, Vamberlania observava como todos escutavam o programa do pai e alguns até choravam com a interpretação do radialista e os repentes feitos de improviso. "Como todo cantador repentista, ele trazia em si este dom: a pessoa dava um mote ali, na hora, dizia o que gostaria que ele falasse, e ele, por uma iluminação divina, fazia surgir ali, na hora, não sei quantas estrofes", conta.

Mas, para manter no ar por 28 anos, era preciso, além de talento, bons patrocinadores. Nesse sentido, Vamberlania Medeiros também menciona que o círculo de amigos que o pai mantinha e que frequentava regularmente sua barraca, no mercado do município, sempre fez com que nunca faltassem os patrocinadores

necessários. Eram, sobretudo, os amantes da cantoria que admiravam a poesia do potiguar radicado na Paraíba.

A barraca a que Vamberlania tanto se refere parece ter se tornado uma espécie de extensão do programa de rádio. Ela começou a se tornar ponto de encontro dos cantadores e do público que procurava, avidamente, as histórias contadas através da literatura de cordel, território que Antônio Américo também se lançou na década de 1970.

O historiador José Romildo de Sousa foi amigo de Antônio Américo e recorda que, quando chegava à famosa barraca às segundas-feiras (dia da feira livre do município), encontrava todo tipo de cordel, assim como repentistas e cantadores. Das muitas conversas que teve com o poeta cantador, relembra o contexto de produção da sua primeira e mais importante obra, *História completa da Cruz da Menina*: "Segundo Antônio Américo, a sua primeira obra como poeta de bancada foi escrita na década de 1970, graças à interferência do Dr. Enaldo Torres Fernandes, na época promotor de Justiça de Patos, que o levou até o cartório de Fernando Trigueiro e se responsabilizou perante o tabelião para que Américo tivesse acesso aos autos do processo referente ao caso da menina Francisca que foi martirizada no ano de 1923".

José Romildo também lembra que cordel, naquela época, era não somente forma de divertimento como também fonte de informação para muita gente, sobretudo quem vivia



Além do programa de rádio, Antônio Américo de Medeiros foi autor de diversos cordéis

na Zona Rural. "Difícilmente você chegava numa fazenda que não tivesse uma grande mesa com uma grande gaveta cheia de cordéis", explica o historiador, reforçando que Antônio Américo foi o maior cultivador de cordel e cantador de viola da região.

Quando foi presidente da Fundação Ernani Sátory (Funes), em Patos, José Romildo

conta que recebeu do poeta um caderno com várias anotações das cantorias que tinha participado em suas andanças. Pretendendo fazer uma surpresa para o amigo, mandou digitar os escritos para transformar em livro. "No dia que ele chegou lá, eu estava com a boneca toda pronto do livro *Vida, verso e viola*. Quando eu mostrei, ele teve uma

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## Os conjuntos vocais – XXII

Conjunto Época de Ouro — Nos dizeres de Rildo Hora, o choro já foi — não se sabe se ainda o é — o gênero com o maior número de seguidores na música popular brasileira, desde o início da implantação da indústria fonográfica. Foram e continuam sendo festejados como pioneiros de sua criação e execução Antônio da Silva Callado, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Pixinguinha. Na trilha, surgiram Jacob do Bandolim, Waldir de Azevedo, Polly, Luperce Miranda, Abel Ferreira e Altamiro Carmilho, entre outros.

O conjunto regional foi criado no Rio de Janeiro, em 1964/65, sob o comando do músico e compositor Jacob do Bandolim (Jacob Pick Bittencourt — Rio, 1918-1969), pai do jornalista e também compositor Sérgio Bittencourt, que, em homenagem ao pai, nos legou a consagrada criação do samba "Naquela Mesa", ainda bastante executado. Na criação do conjunto, o objetivo de Jacob era acompanhá-lo em suas apresentações e na busca de uma revitalização quanto à execução pública do choro, gênero que, segundo ele, estava para o Brasil, como o jazz, para os EUA. A receita deu certo, tanto é que o ritmo chegou ao nosso milênio tão vivo quanto nos seus primórdios.

A primeira formação do Época de Ouro somente foi oficializada em 1966 e composta por oito componentes: o próprio organizador, Jacó, no bandolim; Dino 7 Cordas (Heronidino José da Silva), no seu original violão; Carlinhos (Carlos Fernandes de Carvalho Leite), em outro violão; César Faria (Benedito César Ramos de Faria), pai do cantor/compositor Paulinho da Viola, em um terceiro violão; Jorginho do Pandeiro (Jorge José da Silva), irmão de Dino, no ritmo e no pandeiro; Gilberto D'Ávila, no segundo pandeiro; Jorge (Jorge José da Silva Filho), filho de Jorginho do Pandeiro, no cavaquinho, e Jonas (Jonas Pereira da Silva), no segundo cavaquinho.

Em 1968, apresentaram-se no Museu da Imagem e do Som (MIS), com o Zimbo Trio e Elizeth Cardoso, em show que foi gravado em dois álbuns (LPs) e, no ano seguinte, saiu pela RCA o LP *Época de Ouro* — *Jacob do Bandolim*.



Conjunto criado no Rio de Janeiro, nos anos 1960, buscou uma revitalização do choro

Com o falecimento de Jacob, em 1969, o conjunto ficou paralisado até 1972, ano em que Paulinho da Viola convidou o Época de Ouro para participar do espetáculo *Sarau*, evento para o qual o conjunto foi reorganizado, passando ao comando de César Faria, tendo acontecido a entrada de Damásio (Damásio Batista de Sousa Filho), no lugar de Carlinhos, e de Deo Rian, no lugar deixado por Jacob. Dessa formação, surgiu o Club do Choro (carioca), idealizado por Paulinho e pelo jornalista Sérgio Cabral e que se alastrou pelo país, revigorando o choro, objetivo maior do criador do Conjunto Época de Ouro.

Em 1974, com essa formação, o novo grupo estreou no Teatro da Lagoa (Rio), acompanhando Paulinho da Viola, de cuja

Com idas e vindas de formações anteriores, em 1997, restavam César Faria, Dino, Jorginho e Jorge. Foram incorporados Toni, com um outro violão de sete cordas, e Ronaldo, no bandolim. É dessa fase, 2001, a gravação do CD *Café Brasil*, em fase complementada por vocais de que participaram Leila Pinheiro, Martinho da Vila e João Bosco. O sucesso desse lançamento levou o conjunto a participar de um volume dois, que contou com a participação de Beth Carvalho, Elba Ramalho, Ivan Lins, Ney Matogrosso, Paulinho Moska, Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e outros. O lançamento do CD ensejou a oportunidade de uma turnê ao Japão, onde também lançariam, tempos depois, outro CD — *Feijão com Arroz* (2010).

Numa das formações mais recentes, aparecem ainda Celsinho (pandeiro), Jorge Filho (cavaquinho), Ronaldo (bandolim), Antônio Rocha (flauta), João Camarero (violão de sete cordas) e Luiz Flávio Alcofra (violão).

O choro, neste ano, entrou em festa. Isso se deve ao fato de que, tendo nascido por volta de 1870, em bairros da periferia do Rio de Janeiro — Andaraí, Catete, Cidade Nova, Estácio, Rocha, Tijuca e vilas das redondezas — somente agora, com muito atraso, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), atendendo a solicitações feitas ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural impetradas por vários clubes de choro — Clube do Choro de Brasília, Instituto Casa do Choro do Rio de Janeiro e Clube do Choro de Santos (SP) — resolveu conferir ao gênero musical o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Torna-se, assim, parte integrante da cultura e da história musical do país, pois já era reconhecido como um gênero genuinamente brasileiro.

Desde o princípio, um conjunto de choro é composto pelos seguintes instrumentos: bandolim, flauta, violão específico (sete cordas), pandeiro, cavaquinho e clarinete. Assim, então, ficará o choro registrado no *Livro das Formas de Expressão* do Instituto.

## Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

# Quase metade dos brasileiros avalia o noticiário como "repetitivo e entediante"

A mídia sempre aposta no fator "negatividade" para atrair audiência de forma fácil, independentemente se as notícias são locais, nacionais ou internacionais. Curiosamente, foi divulgado, há poucos dias, um estudo que mostra que o público no Brasil quer ler outro tipo de conteúdo, e quase metade dos brasileiros evita ler ou assistir ao noticiário às vezes ou sempre. Pelo menos é o que aponta o Relatório de Mídia Digital do Instituto Reuters (reutersinstitute.politics.ox.ac.uk), divulgado no último dia 17.

O estudo — que envolveu cerca de 95 mil entrevistas em 47 países que cobrem metade da população do mundo — registra, em relação ao Brasil, que o percentual da brasileiros que evitam notícias subiu para 47% em 2024, em comparação a 2023 (41%), o que significa um aumento de seis pontos porcentuais. Para esse público, o noticiário é "repetitivo e entediante". Além disso, outro ponto que indica a repulsa às notícias é o fato de a maioria dos relatos noticiosos ser negativo, o que deixa a audiência ansiosa e impotente. Em todo o mundo, o percentual de entrevistados que evita o noticiário é de 39%.

O excesso de informação, já tratado por estudiosos como "infodemia", é outro fator que leva as pessoas a evitarem o noticiário, visto que os indivíduos têm se sentido sobrecarregados pela quantidade de notícias que recebem e que circulam todos os dias



No Brasil, percentual que evita notícias subiu de 41% (no ano passado) para 47% (em 2024)

por aí. Fazendo uma comparação com anos anteriores: em 2019, 30% das pessoas se sentiam esgotadas pelo volume de notícias, já em 2024, o índice foi para 46% — uma alta de 16 pontos percentuais!

No caso do Brasil, uma explicação para a rejeição ao noticiário seria a "agenda pe-

sada de jornalismo" nos últimos anos, como as investigações envolvendo o ex-presidente da República Jair Bolsonaro, os ataques de 8 de janeiro e os conflitos na Ucrânia e na Palestina. A pesquisa mostra ainda que o fenômeno de desinteresse pelas notícias é verificado no Brasil, na França, na Ale-

manha e na Espanha, que foram os países onde a rejeição às notícias teve um aumento maior que a média.

Mesmo com queda no interesse pelo noticiário entre a população brasileira, outro dado da pesquisa mostra que a confiança geral nas notícias permanece inalterada desde 2023, com um índice de 43%, após dois anos de quedas significativas. Em termos de confiança, o Brasil ocupa o primeiro lugar entre os seis países latino-americanos da amostra. As grandes marcas de notícias e os programas de televisão noturnos continuam a ser os mais confiáveis em geral, juntamente com a imprensa local e regional.

Mas, quando o tema é acesso às notícias por redes sociais, o WhatsApp (38%) e o YouTube (38%) lideram a preferência dos entrevistados no Brasil, seguidos por Instagram (36%), Facebook (29%), TikTok (14%) e X, ex-Twitter, (9%). Outra informação divulgada pelo Instituto Reuters é que a propriedade dos meios de comunicação social permanece concentrada no Brasil: uma série de grandes conglomerados privados gerem espaços de rádio, imprensa e digitais.

Enfim, são muitos dados interessantes, que indicam mudanças no comportamento da população em relação ao noticiário e que exigem reflexão de todos nós, jornalistas: afinal, que tipo de conteúdo estamos produzindo? Esse noticiário serve a quem e com qual propósito?

INTERNET

# Bem diferente do spam, o slop surge para confundir

Material gerado por IA serve para tirar a atenção durante as buscas e pesquisas

Da Redação

Quem tem e-mail, convive com isto: um filtro específico para o spam. Sua caixa de correio está cheia de lixo eletrônico, mensagens indesejáveis, muitas vezes com fins publicitários, geralmente de caráter apelativo e, na maioria das vezes, inconvenientes ou até prejudiciais. Agora, o seu navegador tem um novo tipo de “dor de cabeça”: o slop.

Não é como a lógica de um spam. Slop (que pode ser traduzido livremente como “desperdício” ou “desleixo”) é um material gerado por inteligência artificial (IA) na internet para que qualquer pessoa possa ver. Ao contrário de um chatbot, o slop não é interativo e raramente tem como objetivo responder às perguntas dos leitores ou atender às suas necessidades.

Em suma, o slop são imagens sem sentido, criadas com uma aparência esquisita ou bizarra para confundir, tirar a atenção ou atrasar as pessoas durante buscas e pesquisas para outros sites. Em matéria sobre o assunto, o site *Época Negócios* dá exemplos: velhinhas de 122 anos que cozinham seu próprio bolo ou uma imagem de Jesus Cristo com braços de camarão, ou ainda um Einstein com caracóis junto às orelhas.

Porém, tal como o spam, o seu efeito é negativo, principalmente no tempo e no esforço perdidos dos internautas que agora têm de percorrer todo o “lixo” para encontrar o conteúdo que realmente procuram.



Jesus “camarão”: uma releitura de imagem religiosa feita em IA que invadiu as redes

“Acho que ter um nome para isso é muito importante, porque dá às pessoas uma maneira concisa de falar sobre o problema”, afirmou para o *The Guardian* o desenvolvedor Simon Willison, um dos primeiros proponentes do termo slop. “Antes do termo spam entrar no uso geral, não era necessariamente claro para todos que mensagens de marketing indesejadas eram uma má maneira de se comportar. Espero que slop tenha o mesmo impacto — pode deixar claro para as pessoas que criar e publicar conteúdo não revisado gerado por IA é um mau comportamento.”

“Internet zumbi”

Jason Koebler, do site de notícias de tecnologia *404 Media*, acredita que a ten-

dência representa o que ele chama de “internet zumbi”. Para ele, a ascensão do slop transformou a rede social em um espaço onde “uma mistura de bots, humanos e contas que já foram de pessoas, mas não são mais, se

misturam para formar um site desastroso, no qual há pouca conexão social.”

O slop pode comprometer decisões e promover um enorme desperdício de energia — tanto da máquina como a humana.



## Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Já foi (1) = ex + ofereceu (3) = cedeu. **Solução:** sobrou na seleção (4) = excedeu. **Charada de hoje:** Em favor (1) de uma malfadada divisão (2), o cortejo (3) seguia em silêncio.



# Eita!!!!

# Famosos na mira de perseguidores

Lançada recentemente, a série *Bebê Rena* trouxe à tona um assunto importante: o *stalker*, pessoa que persegue insistentemente outra, geralmente famosa. As perseguições muitas vezes são feitas de forma virtual, entretanto, às vezes elas vão para a realidade. Recentemente, alguns artistas como Whindersson Nunes e Débora Falabella revelaram que passaram por situações até perigosas. Além deles, outros famosos já relataram problemas do mesmo tipo.

# Juliette

A paraibana Juliette (foto acima) tinha uma fã que chegou a pegar voos com ela, apenas para ficar próxima à cantora. Em uma ocasião, a *stalker* foi ao hotel em que a cantora e campeã do *BBB 21* estava hospedada e tentou agarrá-la, mas foi impedida pelos seguranças. “A menina se agarrou na porta e quebrou aquelas estruturas de madeira, de um pedaço da parede. O segurança foi segurá-la para ela não avançar em mim; eu não sei o que ela ia fazer, se ia me abraçar ou me bater, quebrou o hotel”, relatou Juliette no podcast *PodPah*.

# Débora Falabella

Em uma entrevista ao jornal *O Globo*, concedida na última semana, a atriz Débora Falabella contou que começou a ser perseguida após tirar uma foto com uma fã. Foram muitos anos lutando para conseguir uma medida protetiva, até que a mulher foi presa neste mês.

# Whindersson Nunes

Nunes aproveitou o tema da série da Netflix para contar que viveu algo parecido com o protagonista. Em um *post* no X, antigo Twitter, o humorista revelou que foi perseguido desde que ficou famoso. “Já passaram pela minha vida quatro pessoas como as da série *Bebê Rena*, três mulheres e um homem”, escreveu.

# Ana Hickmann

A modelo e apresentadora tem um dos casos de *stalker* mais famosos do Brasil. Em 2016, ela foi feita de refém por Rodrigo Augusto de Pádua. Ele se hospedou no mesmo hotel que a apresentadora estava em Belo Horizonte (MG) e tentou atacá-la. Ele acabou atirando contra Giovanna Oliveira, assessora de Hickmann na época. O ex-cunhado da artista, Gustavo Correa, conseguiu pegar a arma e atirou contra o homem que acabou morrendo.

# Sophia Abrahão

Na época que fazia a novela *Rebelde*, a jornalista Sophia Abrahão ficou por um ano sendo perseguida por uma pessoa que nunca foi identificada. O medo de que algo pior acontecesse fez com que ela realizasse um boletim de ocorrência contra o *stalker*.

(Com informações da Agência Estado)

## 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

## Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

### O Conde



### Zé Meiota



### Solução

1 - folha da árvore; 2 - fumaça; 3 - tangar; 4 - pena; 5 - prato; 6 - planta do chão; 7 - corda do cavalo; 8 - flechas; 9 - rabo do cavalo.

# Preconceito contra a pessoa soropositiva ainda sobrevive

*Ao longo dos mais de 40 anos da epidemia de HIV, a ciência evoluiu significativamente, trazendo novos tratamentos, formas de prevenção e mais qualidade de vida para aqueles que vivem com o vírus*



*Segundo antropóloga, o preconceito que existe contra as pessoas que vivem com HIV é ligado a moralidades no campo da sexualidade*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Quando o medo, entendido como instinto natural de preservação da vida, pode se tornar uma atitude discriminatória? Essa poderia ser uma pergunta bem abstrata e filosófica, mas tem se tornado bem real e concreta para pessoas diagnosticadas com HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), apesar de todos os avanços científicos que tornam a carga viral indetectável, isto é, que a quantidade de vírus no sangue chegue a níveis mínimos, a ponto de ele se tornar intransmissível.

A que se deve, então, a sorofobia, termo utilizado para definir o preconceito, a rejeição, o estigma social contra pessoas que vivem como portadoras do HIV?

A professora de Antropologia da Universidade Federal de Paraíba (UFPB), Mônica Franch, afirma que, para responder a essa questão, é preciso

recuar no tempo para compreender as origens da pandemia da Aids, nos anos 1980, que associou a doença causada pelo HIV a determinados grupos que foram considerados “de risco”. Teorias como a dos quatro “H” (homossexuais, haitianos, hemofílicos e heroinômanos, que no Brasil seriam usuários de drogas injetáveis), criada nos Estados Unidos e difundidas mundialmente pela imprensa, serviram como pano de fundo para ligar a doença aos comportamentos considerados desviantes.

“O preconceito que existe contra as pessoas que vivem com HIV é ligado a moralidades no campo da sexualidade e reflete o preconceito que boa parte da sociedade ainda tem contra gays, pessoas trans e outros segmentos LGBTQIAP+, bem como em relação a sexualida-

des menos normativas, não monogâmicas, por exemplo”, constata Franch.

A pesquisadora, que leva adiante estudos sobre as faces do HIV na Paraíba, ressalta que não se pode tratar o assunto de maneira isolada, pois os preconceitos trabalham contra a prevenção, o diagnóstico e o tratamento. É preciso considerar tanto as questões médicas quanto sociais para um enfrentamento eficaz à epidemia.

Nesta edição, o **Jornal A União** pretende se debruçar sobre esse fenômeno, que se estende também a familiares e profissionais ou voluntários envolvidos no tratamento de pessoas com HIV. E não, não estamos em dezembro nem o gancho deste caderno é a Campanha Nacional de Prevenção ao HIV/Aids, realizada anualmente. É um dia qualquer e precisamos falar sobre a sorofobia.

## SAÚDE

## Avanços alcançam a todos por igual?

Primeira medida de combate ao preconceito contra pessoas vivendo com HIV é o acesso universal ao tratamento

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Se, no início, a epidemia do HIV foi associada a determinados grupos populacionais, na tentativa de gerar uma falsa sensação de segurança em relação ao desconhecido que provocava a morte, com o passar dos anos, as pesquisas mostraram que não havia “grupos

de risco”, mas comportamentos com a maior probabilidade de exposição ao vírus.

Na tentativa de combater o preconceito e estimular a prevenção de todos, sobretudo com o uso do preservativo, procurou-se difundir a ideia de que o HIV não teria raça, cor nem classe social. Por mais bem intencionada que fosse, a iniciativa acabaria por enco-

brir outro fenômeno: as desigualdades que afetam de maneira diferenciada parcelas da população consideradas mais vulneráveis socialmente.

A antropóloga e pesquisadora Mônica Franch argumenta que, embora do ponto de vista médico tenha havido inegáveis avanços na prevenção, diagnóstico e tratamento, eles não alcançam a todos por

igual. Para ela, é preciso considerar questões de gênero, raça, geração e território, que estão estreitamente ligadas ao processo de discriminação.

Quanto às relações de gênero, as mulheres acabam se tornando as mais vulneráveis ao vírus, principalmente por terem maior dificuldade de negociar a prevenção na relação com seus parceiros homens. Franch relata também que há denúncias de violência obstétrica e aumento nos casos de transmissão vertical no país, o que aponta falhas no acolhimento e acompanhamento das mulheres. “Elas têm menos acesso às tecnologias biomédicas, como a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), e também são vítimas de violência de gênero, inclusive mulheres lésbicas, que são ainda mais invisibilizadas”, exemplifica.

Outra preocupação da professora é com as travestis e mulheres trans, coletivos que têm tido altas taxas de prevalência para o HIV, segundo revelou a Pesquisa Divas. “Isso demonstra uma enorme vulnerabilidade, resultado de uma exposição muito maior à violência, inclusive à violência institucional, pelo pouco acolhimento nos serviços de saúde, e da sociedade como um todo”.

Entre pessoas negras, o número de diagnósticos também tem aumentado expressivamente — em 2022 totalizaram 62,4% dos casos. Mas

o que mais chama atenção da pesquisadora é o acesso desleixado aos serviços de saúde. “Pessoas negras costumam ser diagnosticadas mais tardiamente e apresentar maiores complicações decorrentes do HIV, inclusive com maiores registros de óbitos. É urgente discutir essas questões hoje”, alerta Franch. Os recortes geracionais e de território também apontam para a necessidade de renovar programas e políticas voltadas à prevenção e acolhimento dos jovens com HIV, assim como as diferenças regionais, especialmente em cidades de pequeno porte.

Todos esses aspectos são importantes quando se discute a sorofobia porque revelam que esse preconceito assume tons específicos, com pinceladas ainda mais diferenciadas no contexto brasileiro. “Trata-se de situações que carregam as tintas da moralidade dominante e muitas vezes opressora. Por isso, o avanço do conservadorismo que observamos no Brasil é uma evidente ameaça a uma política de prevenção e de cuidado sensível e eficaz”, salienta.

## Luta contra o estigma

A primeira medida de combate ao preconceito contra pessoas vivendo com HIV é o acesso universal ao tratamento e medicação gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que é garantido por lei. Segundo Mônica Franch, essa política faz toda diferença entre a

vida e a morte, assim como as tecnologias para o diagnóstico e prevenção, sendo fundamentais para que se possa superar o imaginário social ainda vigente, acerca da convivência com o vírus. Ao Poder Público competiria, também, outras políticas de assistência social, educação e comunicação, capazes de combater o estigma e promover um maior acesso às informações.

“Quando olhamos para a atenção básica, para as escolas, o que encontramos, muitas vezes, é um conhecimento congelado no tempo, que coloca a Aids como um problema residual, do passado, e que desconhece os avanços no campo da prevenção e do tratamento. Por exemplo, profissionais que não sabem que ‘I = I’ [in-detectável = intransmissível] ou não sabem como funciona uma PrEP ou uma PEP e, portanto, não a indicam”, frisa a antropóloga.

A sociedade civil organizada possui um papel fundamental para superação da sorofobia, especialmente por forçar a criação de políticas públicas. “Aqui, na Paraíba, as ações do Cordel Vida, do MEL, do GAV, da Apros e da ASPB-Trans têm sido importantíssimas, porque elas incidem nas ações do estado e do município, estão junto das comunidades, dialogam com os meios de comunicação, produzem conhecimento e ações inovadoras e com muita capilaridade”, complementa Franch.



Foto: Arquivo pessoal

Pesquisadora Mônica Franch argumenta que prevenção, diagnóstico e tratamento não contemplam todos

## Discriminação afasta as pessoas dos serviços de saúde

Samantha Pimentel  
samanthahuniao@gmail.com

O estigma e a discriminação, além de atrapalhar o convívio social, a inserção no mercado de trabalho e os relacionamentos afetivos, também podem ser um obstáculo para a prevenção, diagnóstico e tratamento do HIV/Aids, contribuindo para afastar essas pessoas dos serviços de saúde. Por isso, profissionais da área — como médicos, enfermeiros e assistentes sociais — têm um papel importante nessa problemática, buscando fazer com que esses ambientes sejam mais humanos e empáticos.

A enfermeira Pollyanna Rodrigues, pós-graduada em Infectologia e que atua na Coordenação de Vigilância das Doenças Crônicas de Condições Transmissíveis de Campina Grande, fala que vem sendo feito um trabalho de conscientização junto à rede de atenção em saúde, para garantir que os usuários possam ter o acolhimento necessário e de forma integral, tratando de questões como sorofobia e identidade de gênero.

“Ainda há, sim, estigma contra pessoas que vivem com HIV no campo da saúde, a partir do momento em que não há um acolhimento humanizado e sensibilização dos profissionais sobre as condições clínicas e psicológicas dos usuários. A realização de edu-



Foto: Arquivo pessoal



**Os estigmas em torno do diagnóstico e o preconceito da população ainda são muito presentes, especialmente em cidades pequenas**

Luçara Medeiros

cação permanente em saúde para esses profissionais traria uma melhor condição de atendimento, através do conhecimento efetivo sobre o assunto”, destacou Rodrigues.

A assistente social Luçara Medeiros, que atuou na 8ª Gerência Regional de Saúde da Paraíba, no município de Catolé do Rocha, também reforça a existência dessa discriminação: “Existe preconceito nessa área, na forma como as pessoas são atendidas, no modo de olhar e de falar com os usuários. O que pode ser feito são mais campanhas de conscientização sobre o que é o HIV, o que é a Aids, os tratamentos que existem e como os usuários têm uma vida normal quando fazem uso do medicamento da forma correta”.

Luçara reforça que esses profissionais de saúde, com outros agentes, podem ajudar na disseminação de informações e orientações corretas, tecnicamente embasadas à população, contribuindo para a quebra de preconceitos, “para que possamos combater a sorofobia, reduzindo estigmas e contribuindo para a promoção da dignidade desses usuários”.

Por meio de suas práticas e modos de agir, profissionais que atuam na área de saúde, bem como outros que trabalham nesses setores, como recepcionistas e porteiros, podem acabar dificultando o acesso de pessoas que convivem com o HIV/Aids às unidades de atendimento e, segundo acredita Luçara Medeiros, ações de capacitação que tratem de temas como a da humanização e da ética, podem ajudar a reduzir esse problema e criar um ambiente mais acolhedor.

Em cidades de menor porte, onde o círculo de relações das pessoas costuma ser mais reduzido e os boatos tendem a circular de forma mais ágil, muitos usuários têm ainda

mais receio de ir às Unidades de Saúde buscar o diagnóstico ou receber os medicamentos de uso contínuo.

A professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Luziana Marques da Fonseca Silva, que coordena o projeto de extensão *Falando Sobre Aids* e a pesquisa “Os Desafios da Descentralização da Atenção em HIV/Aids na Estratégia da Saúde da Família em Rio Tinto”, aponta que a questão do território pode ser um complicador a mais para o cuidado com a doença e até mesmo para outros tratamentos de rotina. “O receio da sua sorologia cair na rede de fofoca da vizinha colabora para que as pessoas vivendo com HIV procurem o serviço especializado em João Pessoa, no lugar de ir à Unidade Básica de Saúde (UBS) da sua comunidade para atendimentos cotidianos”.

Ela ainda destaca que o desconhecimento dos profissionais locais sobre o diagnóstico do paciente pode prejudicar o cuidado no território de residência dessa pessoa. “Todo esse cenário, decorrente do estigma da Aids, dificulta a busca de testes rápidos, de métodos preventivos e, para as pessoas que vivem com o HIV, pode resultar em discriminação e exclusão social”, destacou.

Pollyanna Rodrigues conta que isso também é comum em Campina Grande:

“Lidamos com situações em que os usuários se recusam a serem atendidos em seus municípios por medo de serem discriminados, fazendo com que eles tenham que se deslocar para municípios muitas vezes a cerca de 80 km de distância ou mais, em busca de um local onde sejam acolhidos em sua condição, sem que tenham que passar por constrangimentos”.

Luçara Medeiros relata que, em Catolé do Rocha, muitas vezes as pessoas têm medo dessa exposição e pedem, inclusive, para não receber os medicamentos na própria cidade, o que é uma opção dos pacientes. “Por isso, devemos passar confiança

no atendimento e garantir total sigilo. Os estigmas em torno do diagnóstico e o preconceito da população ainda são muito presentes, especialmente em cidades pequenas”, destacou.

Rodrigues comenta que muitas vezes as pessoas têm receio de conversar sobre o assunto, até mesmo com a família, provocando um isolamento social. “A falta de informação sobre a transmissão do HIV é um dos principais problemas. Muitas pessoas ainda têm medo de falar sobre sua condição, muitas vezes até com a própria família, fato que acarreta muitas vezes o desenvolvimento de problemas psicológicos e de autoestima”, afirmou a enfermeira.



Fotos: Arquivo pessoal/Luçara Medeiros



Oficina de Educação Permanente em Saúde sobre humanização na área, no município de Catolé do Rocha

DIÁLOGO ABERTO

# Comunicação quebra preconceitos

*Para derrubar os tabus relacionados ao HIV e Aids, uma das ferramentas importantes é o meio virtual*

Samantha Pimentel  
 samanthauniao@gmail.com

Uma ferramenta fundamental para combater o estigma e a discriminação é a comunicação, levando informações e esclarecendo sobre questões como a forma de transmissão do vírus, como se dá o tratamento da doença e a rotina de quem convive com HIV/Aids. Na internet, por exemplo, algumas páginas, canais e influenciadores têm levantado esses temas e aberto esse diálogo. É o caso do *Prosa Positiva*, canal no YouTube criado em 2016, por Daniel Fernandes, que convive com o vírus.

Na descrição do canal, Fernandes deixa um convite: “Vamos prosseguir sobre HIV tratando o assunto com o intuito de derrubar esse tabu?

De uma forma leve e sem medos”. Nos vídeos ele trata de assuntos como: a sua reação ao receber o diagnóstico, formas de prevenção, tratamento, saúde mental de quem convive com HIV/Aids, dentre outros temas.

Segundo Daniel Fernandes, a comunicação ajuda a educar e reduzir a desinformação, uma das grandes razões do preconceito. Porém, ao criar o canal, ele também sofreu consequências da sorofobia: “À medida que passei a ser mais conhecido por viver com HIV, pessoas que também vivem, se distanciaram, com o receio de serem associados e descobrirem que são também. Acabamos ficando reféns do preconceito, seja direta ou indiretamente”.



Foto: Reprodução/Facebook

“Prosa Positiva”, um canal leve e sem medos

Ele comenta também que seu canal atinge um público amplo, indo além de pessoas com HIV/Aids, e sendo acompanhado por quem convive com pessoas que têm esse diagnóstico, além de curiosos sobre o assunto. Quanto aos comentários negativos que recebe através das redes, ele afirma não dar muita atenção: “Os haters existem e não são poucos. Os ‘moralistas’, que geralmente usam perfis sem fotos e nomes. Nem eles mesmos têm coragem de se assumirem. Eu vou baixar a cabeça pra isso? Jamais!”.

Daniel Fernandes destaca ainda que esse ato de falar abertamente sobre o tema vem crescendo nas redes sociais, e que o número de canais e perfis aumen-

tou de 2016 para cá. “Aos poucos muitas outras pessoas foram saindo de ‘seus armários’ e fortalecendo a rede. Hoje em dia, somos muitos. Muitos de nós somos pessoas próximas, mesmo que por rede social. Conversamos, trocamos ideias, participamos de eventos. É preciso ter união”, ressaltou o influenciador.

O projeto de extensão *Falando Sobre Aids*, que tem a coordenação da professora Luziana Marques, da UFPB, é também um exemplo do aumento de ações de comunicação e diálogo sobre o tema. A iniciativa promove oficinas e debates, além de oferecer apoio psicológico inicial e gratuito às pessoas que recebem o diagnóstico. Pelo perfil no Instagram (@falandosobreids), é possível conhecer mais sobre o projeto.

Foto: Reprodução/YouTube



Soropositivo, Daniel Fernandes notou que, à medida que ganhava fama por conta do canal, outras pessoas que convivem com o HIV se afastaram dele, por medo de serem associados: “Acabamos ficando reféns do preconceito, seja direta ou indiretamente”

CONSCIENTIZAÇÃO

## Apesar de campanhas e ações incentivarem melhoria dos serviços, combate à sorofobia deve se dar pela atuação de todos, não apenas na rede especializada

Samantha Pimentel  
 samanthauniao@gmail.com

Recentemente, ações de combate à sorofobia ganharam mais destaque, segundo explica Pollyanna Rodrigues: “Saímos de um cenário onde os profissionais, de certa forma, não tinham muita articulação com a rede, onde o usuário era atendido apenas pelo Serviço de Assistência Especializada (SAE), para um novo cenário, onde toda a rede assistencial em saúde é corresponsável pelo mesmo paciente, trazendo uma forma de cuidar integral”.

A enfermeira reforça que essa integração, que acontece ainda com a rede de assistência social, ajuda a garantir os direitos dos usuários, e reafirma o papel dos profissionais de saúde no enfrentamento e combate à sorofobia, que deve se dar pela atuação de todos, e não apenas na rede especializada.

Segundo afirma também Luziana Marques, a formação continuada é também fundamental para esse processo, além das ações de prevenção e cuidado em HIV/Aids. “Todos esses elementos podem contribuir para



Foto: Arquivo pessoal



**(...) toda a rede assistencial em saúde é corresponsável pelo mesmo paciente, trazendo uma forma de cuidar integral**

Pollyanna Rodrigues

que o processo de descentralização do cuidado em HIV, de fato, ocorra”, destacou a professora.

Já a assistente social Luçara Medeiros foi uma das indicadas por meio da campanha “Eu e Meu/Minha Trabalhador(a) de Saúde”, realizada pela ONG Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero, em parceria com a International Aids Society (IAS). A iniciativa convida pessoas que convivem com HIV/Aids e usuárias dos serviços de saúde a indicar profissionais que se destaquem pelo atendimento acolhedor e livre de estigma e/ou discriminação.

Nesse sentido, a assistente social acredita que iniciativas assim podem ajudar a combater a sorofobia e tornar os atendimentos mais humanizados. “São campanhas como essas que vão mostrando a importância de um bom atendimento aos usuários. O feedback que o profissional recebe quando é indicado pelo próprio usuário faz com que o trabalho seja feito com um olhar diferenciado, sabendo que estamos fazendo o certo, para as pessoas, como profissionais de saúde”, destacou Luçara Medeiros.

Professora da UFPB, Luziana Marques aponta que a formação continuada e ações de prevenção contribuem para o processo de descentralização do cuidado em HIV



Foto: Arquivo pessoal

## SAÚDE MENTAL

# Diagnóstico não é sentença de morte

*Acompanhamento psicológico é vital para superar a sensação de abandono e evitar o isolamento social*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quem procura o Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa, para realizar o teste de HIV recebe o resultado das mãos de um psicólogo ou assistente social, independentemente de ser negativo ou positivo. Esse cuidado revela uma preocupação com a saúde mental e com um preconceito enraizado culturalmente de que o diagnóstico do vírus seria uma sentença de morte.

O psicólogo clínico Clodoaldo Brasilino Filho é um dos que atuam no serviço de apoio do complexo hospitalar e relata que são muitos os casos de rejeição ao diagnóstico soropositivo. “O mecanismo de negação é um fator mui-

to presente em determinados pacientes, mas, por outro lado, a utilização de determinados métodos no tratamento pode se mostrar positiva na proporção em que ajuda o indivíduo a se reorganizar mentalmente frente à doença e uma possível internação, ou ainda para enfrentar episódios específicos do tratamento”.

A sorofobia tem implicações na saúde mental dos indivíduos, tanto no autocuidado quanto no acesso aos serviços de apoio e assistência disponíveis. “Se as pessoas são tratadas com hostilidade, podem se autonegligenciar e terem dificuldade para adotar as medidas necessárias para se proteger. O estigma pode acelerar o processo de doença de quem já tem HIV, e isso acontece nas

comunidades mais carentes, sobrecarregadas pela pobreza”, acentua Brasilino.

O Hospital Clementino Fraga, referência na Paraíba para o tratamento de HIV/Aids e outras doenças infecciosas, possui mais de sete mil pessoas que recebem a medicação para HIV, mas isso não significa que todas são da capital. Encontramos aí outra face do preconceito: muitos preferem realizar o atendimento em uma cidade grande para preservar o anonimato e evitar a sorofobia, inclusive porque o complexo hospitalar conta com 22 especialidades médicas, dentre elas o serviço de saúde mental.

Nesse sentido, o acompanhamento psicológico é importante para superar a sen-

sação de abandono, que pode desencadear sentimentos como medo e aprofundar uma espiral de isolamento social. Além das dificuldades enfrentadas no ambiente familiar, outros relacionamentos afetivos também são “contaminados” pelos preconceitos.

O influenciador digital Daniel Fernandes, do canal *Prosa Positiva*, relata como foi difícil se relacionar com alguém logo que começou a falar sobre o tema nas suas redes sociais. “Comecei a notar que estava tendo bem mais dificuldade de sair com alguém, principalmente por sempre deixar claro sobre minha sorologia. Os ‘foras’ eram educados, mas já cheguei a escutar algo como ‘não sei lidar com essa situação’”, comenta ele.



Para o psicólogo Clodoaldo Brasilino, determinados métodos no tratamento ajudam o indivíduo a se reorganizar mentalmente

## LEGISLAÇÃO

## Sorofobia é crime, mas a lei é pouco conhecida ou acionada

Promulgada há 10 anos, a lei que pune a discriminação contra pessoas vivendo com HIV e acometidas por infecções decorrentes da Aids ainda é pouco conhecida ou acionada por quem sente na pele o preconceito. Na Paraíba, são raríssimos os casos de denúncia. Segundo a Polícia Civil, nos últimos dois anos, não houve nenhum caso relatado. Além da desinformação, o receio à exposição é outro fator que contribui para o baixo número de denúncias.

A Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), a quem as pessoas com HIV podem recorrer para ajuizar suas demandas, também não tem sido acionada. “Felizmente e infelizmente, não temos

registrado nenhum caso aqui. Quando eu digo ‘felizmente’, é na torcida para que ninguém tenha sido discriminado. E ‘infelizmente’, quando as pessoas sofreram essa discriminação não nos procurou”, explica a defensora pública Maria dos Remédios Mendes, coordenadora do Núcleo Especial de Saúde do órgão. Além da representação criminal, a defensora também lembra que cabe ainda uma ação reparatória se houver danos morais.

Pela Lei nº 12.984/2014, quem apresentar condutas discriminatórias pode ser punido com multa e reclusão, que pode variar de um a quatro anos. A legislação tenta proteger pessoas com HIV nos ambientes escolares, de traba-

lho e de atendimento à saúde. Constitui crime recusar, segregar ou impedir a permanência de estudante em estabelecimentos de ensino, negar, exonerar ou demitir do emprego, divulgar a condição da pessoa com HIV ou Aids para ofendê-la e recusar ou retardar atendimento em instituições de saúde.

As denúncias podem ser feitas em qualquer delegacia, por meio do registro de Boletim de Ocorrência (BO). Outra forma possível é o Disque 100, serviço do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, que recebe demandas de violações aos direitos humanos e encaminha aos órgãos de proteção responsáveis por dar andamento às denúncias.

### RISQUE OS TERMOS SOROFÓBICOS DE SEU VOCABULÁRIO

#### EM VEZ DE...

■ “Aidético” ou “aidética”.

#### PREFIRA...

■ “pessoa vivendo com “HIV”, “pessoa soropositiva”, “HIV positiva” ou “positiva”. Ninguém é infectado com Aids, pois o termo descreve uma síndrome de infecções e doenças oportunistas. “Aidético” é incorreto, estigmatizante e ofensivo.

■ “Teste da Aids”.

■ “Teste de HIV” ou “teste de anticorpos do HIV”, pois não existe um teste para Aids.

■ “Vítima da Aids”.

■ Dizer que a pessoa foi acometida por infecções ou doenças oportunistas decorrentes da Aids. A palavra “vítima” desempodera e estigmatiza.

■ “Vírus da Aids”.

■ Simplesmente “HIV”. Não existe o vírus da Aids. O HIV (vírus da imunodeficiência humana) é a causa da Aids.

■ “População de risco”

■ “Populações chave”, pois pertencer a algum recorte da população não é um risco. A expressão também pode gerar uma falsa sensação de segurança às pessoas que têm comportamento de risco, mas não pertencem aos recortes populacionais.

Fonte: Unaiids

### MITO versus REALIDADE

#### MITO

■ Abraçar ou beijar alguém com HIV/Aids pode ser infectado.

#### REALIDADE

■ O HIV não é transmitido por contato casual, como abraços, beijos, apertos de mão ou compartilhamento de objetos. A transmissão ocorre, principalmente, no contato sem proteção com fluidos corporais, como sangue, sêmen e secreções vaginais.

#### MITO

■ Todas as pessoas com HIV têm Aids.

#### REALIDADE

■ HIV é o vírus que, se não for tratado, pode progredir para a Aids, uma doença que deteriora o sistema imunológico. Com o tratamento adequado, o HIV pode se tornar indetectável, permitindo a recuperação do sistema imunológico e evitando o desenvolvimento da Aids.

#### MITO

■ Pessoas com HIV/Aids não devem ter filhos.

#### REALIDADE

■ Com tratamento eficaz e acompanhamento do pré-natal, é possível ter uma gestação saudável e prevenir a transmissão do HIV para o bebê.

#### MITO

■ Pessoas com HIV/Aids são culpadas por sua condição.

#### REALIDADE

■ Culpar as pessoas com HIV/Aids é injusto e perpetua o estigma. Todas as pessoas merecem apoio e acesso ao tratamento para uma vida saudável.

#### MITO

■ É possível identificar se alguém tem HIV/Aids apenas olhando para ela.

#### REALIDADE

■ O HIV não tem sintomas visíveis e julgar pela aparência é prejudicial e perpetua o estigma e a discriminação. Qualquer pessoa pode ser afetada e, por isso, é importante se prevenir, testar e iniciar imediatamente o tratamento, caso haja infecção.

